brasiliensex

O Azul do Céu — *Georges Bataille*
Casos de Sedução — *Márcia Kupstas*
Escritos Pornográficos — *Boris Vian*
História de O — *Pauline Réage*
A História de Vivant Lanon — *Marc Cholodenko*
Minha Mãe — *Georges Bataille*
Mulheres — *Charles Bukowski*
Obras Eróticas — *Mirabeau*
Récit d'Andreá — *Jacques Perry*
Satyricon — *Petrônio*
O Supermacho — *Alfred Jarry*
A Vida Sexual de Robinson Crusoé — *Michel Gall*

Petrônio

Satyricon

Indicação editorial, tradução do latim e posfácio:
Paulo Leminski

1ª edição 1985
2ª edição

editora brasiliense
DIVIDINDO OPINIÕES MULTIPLICANDO CULTURA
1 9 8 7

Copyright © da tradução: Editora Brasiliense S.A.

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Revisão:
José W. S. Moraes
Márcia Copola

brasiliense

editora brasiliense s.a.
rua da consolação, 2697
01416 - são paulo - sp.
fone (011) 280-1222
telex: 11 33271 DBLM BR

Um romance jovem de dois mil anos

O Satyricon, *de Petrônio, é o mais antigo de todos os romances, o primeiro de um gênero, ainda em nossos dias, vivo e vigoroso.*

Obra-prima da literatura romana, ainda hoje nos espanta e emociona por sua modernidade, dinamismo de ações e desenho de personagens.

Seu autor, um cortesão do imperador Nero, o teria escrito como sátira dos costumes de sua época, a começar pela caricatura do próprio imperador louco, representado na obra pelo inacreditável Trimalcião.

Esta tradução, feita diretamente do original em latim, procurou, sobretudo, preservar os valores orais e populares da linguagem de Petrônio, transpostos para uma linguagem viva e crua de hoje.

Essa crueza da linguagem de Petrônio sempre foi maquilada nas traduções para as línguas modernas, onde giros eufemísticos, ditados pelo moralismo, substituem o verdadeiro nome das coisas, coisa de que Petrônio não tinha nenhum medo.

As traduções francesas, guiadas pelo decoro gaulês, são particularmente "traidoras", edulcoradas, atenuantes.

O extremo sintetismo do latim, a língua do veni, vidi, vici, *tem que ser estendido numa língua moderna, principalmente se quisermos preservar valores de oralidade, dic-*

ção e naturalidade de diálogos. No original, o texto do Satyricon *tem muito menos palavras que qualquer tradução para um idioma atual.*

Onde tomei liberdades, foi na trans-criação dos freqüentes poemas que, com função burlesca, entremeiam a ação do Satyricon, *entre outras coisas, uma sátira dos costumes literários da época. Com efeito, esses poemas são compostos numa linguagem muito diferente dos trechos em prosa. Estes são rápidos, orais, em ordem direta. Os poemas estão escritos numa linguagem rebuscada e empolada, retórica no mau sentido da palavra, tecido de lugares-comuns acadêmicos, cujo ridículo não devia escapar aos leitores de Petrônio, esse extraordinário* designer *de linguagem, capaz de duas dicções tão distintas.*

No caso dos poemas, mantive sempre o sentido geral, aliviando-os, porém, do pesado lastro de alusões mitológicas que, evidentemente, só faziam sentido para um leitor da Antiguidade. Ou, hoje, para um especialista, versado em cultura greco-latina.

Esta não é uma tradução para especialistas. É um compromisso entre uma fidelidade essencial ao texto latino do Satyricon, *às vezes, até literal, e o não menos legítimo compromisso de envolver diretamente o leitor de hoje na vida de um texto dois mil anos vivo.*

Vamos viajar no tempo com os três malandros Encolpo, Ascilto e Giton, com o poeta Eumolpo, com a pérfida Trifena, a linda Circe, com todas as misérias, infâmias e sublimidades de que a vida foi, é e será capaz.

Sobretudo, com a linguagem que eles usavam.

Paulo Leminski

Satyricon

I

Já há tanto tempo prometi a vocês narrar as coisas que me aconteceram que, hoje, enfim, decidi cumprir o prometido: a nós, reunidos oportunamente não só para debater as coisas do saber mas também para os hilários colóquios, animados por fábulas mais burlescas.

Fabrício Vejento já falou, com muito engenho e arte, das imposturas sacerdotais, e pintou como, com mentiroso furor, simulam os sacerdotes seus delírios proféticos, tornando públicos mistérios que desconhecem.

Mas será que é de outro tipo a fúria dos declamadores? Eles bradam:

— Estes ferimentos foi pela liberdade pública que os recebi, foi por vocês que eu perdi este olho: me dêem um chefe que me leve de volta até meus filhos, estou tão mal das pernas que nem consigo carregar meu corpo.

— Isso tudo seria tolerável, se abrisse caminho para os que vêm nas vias da eloqüência,[1] mas este tumor de sentimentos e o estrépito vaníssimo das frases só servem para

(1) Na Antiguidade greco-latina, a plenitude dos estudos visava produzir oradores, o "vir bonus, dicendi paratus", "homem honesto, apto a falar em público". (N. T.)

que os jovens, quando começam a falar nos tribunais, se julguem transportados a um outro mundo além da terra. Por isso, acho que nas escolas nossos rapazes viram uns imbecis, porque lá não ouvem nem vêem as coisas que constituem nossa vida de todos os dias; mas apenas piratas emboscados na praia com correntes para apanhar cativos; apenas tiranos emitindo decretos para que os filhos cortem a cabeça dos seus pais; apenas oráculos determinando o sacrifício de três virgens ou mais para debelar a peste que se abateu sobre a cidade; apenas glóbulos melados de palavras, e todos os ditos e feitos como que salpicados de temperos de papoula e gergelim.[2]

II

Aqueles que de tais coisas se nutrem não podem saber mais do que fedem a fritura os que moram na cozinha. Com o perdão da má palavra, professores, foi com vocês que a eloqüência começou a se perder. Através de sons ocos e vazios, vocês transformaram o discurso em ludíbrios, assim o corpo da frase perdeu a força e caiu. Os jovens não iam para a escola na época em que Sófocles e Eurípides acharam, sozinhos, as palavras que deveriam ser ditas. Nenhum professorzinho mal-humorado destruía os talentos quando Píndaro e seus nove rivais não tinham medo de competir, cantando, com os versos de Homero. Nem preciso invocar os poetas, com certeza nem Platão nem Demóstenes se entregaram, que eu saiba, a esse tipo de exercício retórico. Discurso forte e vigoroso não conhece mácula nem ênfase, mas brilha com uma formosura natural. Foi há pouco que

(2) Crítica aos métodos de ensino da retórica, que propunham aos aprendizes temas fantásticos e estapafúrdios para desenvolver sua inventiva. (N. T.)

essa ventosa e enorme loquacidade emigrou da Ásia para Atenas, e os talentos dos jovens que para as alturas se elevavam, como uma estrela que traz a peste, exerceu seu efeito corruptor e emudeceu a eloqüência. Depois disso, quem atingiu a perfeição de Tucídides, quem superou a fama de Hipérides? Nunca mais um poema brilhou com cores saudáveis: mas todos eles, como se plasmados da mesma pasta, não vão chegar nunca a ter cabelos brancos. Nem foi outra a sorte da pintura, depois que a audácia dos egípcios descobriu as regras fundamentais desta grande arte.

Era assim que eu falava, quando Agamenon se aproximou de nós e, perscrutando com olhos curiosos, quis descobrir quem era aquele que a turba em volta ouvia com tanta atenção.

III

Não suportou Agamenon que eu declamasse tanto tempo sob o pórtico da escola, onde ele mesmo tinha falado até ficar rouco, e assim:

— Rapazinho — ele disse —, já que não falas a linguagem mais em voga[3] e, o que é raríssimo, amas o bom-senso, não esconderei de ti a arte secreta. Pouco pecam, nessas práticas, os professores, que quem vive cercado de loucos tem mais é que enlouquecer. Pois se não dissermos só o que agrada à rapaziada, como diz Cícero, "vamos ficar falando pras moscas". Assim como os puxa-sacos e aproveitadores, quando descolam um jantar em casa de rico, já bolam de antemão as anedotas que vão agradar a todos (nem conseguiriam nada, se não montassem umas armadilhas para os ouvidos dos presentes), o professor de

(3) No original, "sermonem publici saporis", "um discurso de sabor público". (N. T.)

gramática e expressão tem, como o pescador, que botar no anzol uma isca que desperte o apetite dos peixinhos, se não quiser passar o dia inteiro sentado numa pedra olhando o mar vazio.

IV

Então, como é que fica? Os pais é que são dignos de crítica por não quererem que seus filhos se submetam a uma lei severa. Primeiro, como todos, trocam a esperança pela ambição: depois, quando se aproximam do objetivo almejado, mandam para falar nos tribunais os filhinhos ainda crus em matéria de eloqüência para discursar como menininhos onde a ocasião pede a palavra de uma pessoa madura. Com mais disciplina, mais resultados se obteriam, quando os jovens estudantes se submetessem à lição severa, quando as almas se conformassem melhor aos preceitos da sapiência, quando esvaziassem as palavras desse estilo atroz, quando estudassem melhor aqueles que querem imitar: já não achariam mais magnífico isso tudo que só agrada às crianças; aí, sim, a grande eloqüência voltaria a ter seu peso verdadeiro. Atualmente, as crianças brincam na escola, os jovens dizem gracinhas nos tribunais; e, o que é pior, depois de velhos, continuam gostando das bobagens que em seus primórdios aprenderam. Mas não me reproves não improvisar como um Lucílio.[4] O que sinto, é com um poema de minha lavra que pintarei em efígie:

(4) No original, "sed ne me putes improbasse schedium Luciliae improbitatis". *Schedius* quer dizer "improviso". Lucílio, um orador famoso por sua veia fácil. (N. T.)

V

Quem ama os efeitos da arte severa
e às coisas sublimes a mente consagra
à lei do rigor entregue sua alma:
não importa a cara que faça
o dono da festa feliz no seu trono,
nem tente sentar-se um momento
na ceia dos impotentes:
Nem perca sua mente
nos calores do vinho, nem queira sozinho
arrebatar os aplausos
de uma platéia de palhaços.

Mas como na Grécia os guerreiros audazes,
campônios valentes lutando com a terra,
à casa das sereias dedique os primeiros anos
e beba feliz na fonte das Musas;
enfim, filosófico trilharás o caminho
e, feroz, falarás como um novo Demóstenes.

Aqui neste ponto te faças romano
embora te lembres das terras helênicas,
um só orador com vários sabores.
Só então dê lugar o verso ao tribunal
e a linguagem pomposa ao estilo vulgar.
Só então relembrar de Cícero o magno falar,
Meu filho, bem-vindo de volta ao lar.[5]

(5) O poema de Petrônio parodia a fala de um professor de retórica, medíocre poetastro, à espreita de um incauto para despejar sobre ele seus versos pretensiosos. A tradução, aqui, fica apenas aproximada, tentando, sobretudo, apanhar o tom burlesco e o ridículo da situação. (N. T.)

VI

Enquanto eu prestava atenção nesse bando de bobagens, nem notei que Ascilto fugia. Eu tinha entregado toda a minha atenção a esse ímpeto imbecil de palavras, quando uma turba numerosa de escolares veio até o pórtico, como parecia, para ouvir a declamação de não sei quem que, não sei por quê, se propunha a responder ao discurso de Agamenon. Enquanto os rapazes riem das frases, falam mal do estilo, caio fora sorrateiramente e saio na perseguição de Ascilto. Mas não sabia que caminho tomar nem onde ficava nossa estalagem. Quanto mais eu avançava, mais voltava pro mesmo lugar, até que cansado de correr, encharcado de suor, esbarro com uma velhinha que vendia verduras agrestes.

VII

— Por favor, vovó, eu disse, você sabe onde eu moro?

Deleitada com meu pedido tão polido e tão tolo, ela falou:

— Por que não?

Levantou-se e começou a andar na minha frente. Divina a considerei, mas de repente, quando chegamos num lugar meio misterioso, a velha da rua abriu uma cortina e disse:

— Você deve morar aqui.

Aquilo não era minha casa nem aqui nem na puta que o pariu. E foi umas putas que eu vi lá dentro, passeando nuas, pra lá e pra cá, na penumbra. Tarde, bem tarde, compreendi, a velha tinha me guiado até um bordel: puto da vida com a malandra da velha, cobri a cabeça com uma ponta do meu manto e saí correndo no meio da mulherada, quando eis senão que de repente, já quase saindo daquele

lugar, dou de cara com nada mais nada menos que Ascilto, quase morto de cansaço que nem eu. Foi para esse lugar que a bondosa velhinha levou nós dois. Cumprimentei-o sorrindo.

— O que é que um garoto gostoso como você está fazendo num lugar desses? — eu perguntei.

VIII

Limpou o suor com as mãos.

— Se você soubesse — ele disse — tudo que me aconteceu.

— Que é que há de novo? — perguntei.

Ele estava que era um caco.

— Bati pernas por toda a cidade — ele falou — e não conseguia achar onde ficava nossa estalagem, quando um senhor, com cara de pai de família, se aproximou de mim e, muito educadamente, se ofereceu para me guiar no caminho. Por vielas estreitas e sem luz, me trouxe até este lugar, puxou uma bolsa de dinheiro e me perguntou por quantas moedas eu dava o cu. A puta, dona do recinto, já tinha sido paga para ceder sua cama, o cara já começava a me passar a mão. Se eu não fosse valente, estava fodido.

Ascilto me narrava sua sorte, quando o tal pai de família, acompanhado por uma mulher, que até que era gostosinha, apareceu de repente e, olhando para Ascilto, pediu que entrasse na casa, não havia nada a temer: já que não queria levar, bem que podia comer, já que não queria ser fodido, bem que podia foder.

Enquanto isso, a tal mulher insistia para que a gente a acompanhasse. E a gente foi, e ao passar pelos cubículos fomos vendo casais de todos os sexos transando em cada canto. Trepavam com tamanho furor que parecia que tinham todos tomado algum afrodisíaco.

Vendo que a gente olhava para eles, com acrobacias sexuais, começaram a nos tentar aliciar para que entrássemos em seus jogos. Um deles, de pau duro, salta de dentro de uma buceta e parte para cima de Ascilto, pronto para invadi-lo. Derruba meu amigo sobre uma cama e domina-o e já ia faturar seu lordo, quando grito, "esse cu é só meu", e nós dois, lutando, nos desvencilhamos do intruso.

Nisso, Ascilto sai correndo, me deixando como objeto para aquele bando de tarados. Pau daqui, cacete de lá, escapo são e salvo daquele rolo. E saio correndo.

IX

Virei a cidade toda, e, quase como se fosse por dentro de uma neblina, vi Giton, parado na porta de uma estalagem. Estou, finalmente, em casa.

Perguntei:

— Que é que a gente tem pro jantar, maninho?

O garoto sentou na cama, estendeu o polegar para baixo e começou a chorar.

Estranhei aquilo e perguntei:

— Que foi que houve?

Ele demorou a responder, meio sem vontade, mas eu comecei a misturar súplicas com ameaças, e ele não teve outro jeito:

— Esse teu amiguinho, esse teu parceiro de bagunças, Ascilto, chegou, esteve aqui um pouco antes de você e, na marra, quis me possuir como se eu fosse uma mulher.

Eu comecei a gritar, ele puxou uma faca e disse:

— Se és Lucrécia, teu Tarquínio achaste.[6]

(6) Gozação com uma das lendas da história de Roma, a da nobre dama Lucrécia, que, violentada pelo filho do rei Tarquínio, provocou a revolução que derrubou os reis etruscos e deu início à República. (N. T.)

Quando ouvi isso, minha vontade foi de arrancar os olhos de Ascilto com minhas próprias unhas.

— Você foi capaz disso — gritei —, seu chupador de buceta de puta, seu grandessíssimo viado, com boca cheirando a porra!

Ascilto fingiu ficar horrorizado; a seguir, livrando-se de mim com braços mais fortes, começou a berrar com voz ainda mais alta:

— Por que é que você não cala essa boca, gladiador obsceno, que quase foi condenado por assassinato a lutar na arena? Por que é que não fecha essa matraca, assaltante noturno, que nem quando teu pau ficava duro nunca comeu uma mulher de verdade? Comigo foi no campinho, com esse garoto é aqui nessa espelunca?

— Por que é que você fugiu lá na aula do professor?

X

— Que é que eu devia fazer, imbecil? Eu estava morrendo de fome. E ia ficar lá ouvindo frases e mais frases, feitas de vidro, interpretações de sonhos? Você é muito mais torpe do que eu, por Hércules!, por ficar elogiando aquele poeta só pra faturar um jantar na casa dele!

Dessa briga braba saímos pro riso, e passamos para assuntos mais amenos, pacatos.

Mas eu não conseguia tirar da memória a injúria:

— Ascilto — eu disse —, acho que a gente não pode viver junto; vamos repartir o conteúdo das nossas sacolas, e vamos tentar cada um sozinho encontrar remédio para nossa pobreza. Você é letrado, eu também. Vamos seguir cada um seu caminho. E vamos ver se a gente não se cruza mais por aí, afinal, temos mil motivos para brigar, e logo a gente ia cair na boca do povo dessa cidade.

Ascilto não recusou, mas lembrou:

— Na condição de rapazes cultos, somos convidados, hoje, para um jantar. Não vamos desperdiçar a noite. Já que você quer assim, amanhã eu procuro um outro lugar para morar, eu e algum outro maninho.[7]

— Tarde demais — eu disse — para adiar o que tem que ser.

Era o desejo que provocava essa separação tão brusca: já fazia tempo que eu andava louco para me desvencilhar desse tipo molesto, para poder tratar de uns assuntos bem gostosos com meu querido Giton.

Furioso com minha gritaria, sem dizer palavra, Ascilto deu meia-volta e sumiu. Essa sua explosão súbita prenunciava tempestades: eu bem que sabia de quanta fúria e rancor era capaz a alma dessa figura. Corro atrás dele, imaginando o que é que ele ia fazer, pronto a impedi-lo de fazer alguma loucura, mas ele simplesmente desapareceu, enquanto eu o procurava como um imbecil.

XI

Depois de ter fuçado com os olhos por toda a cidade, voltei para o quarto da estalagem; e dando-lhe uns beijos de língua, estreito Giton entre meus braços e, abraçando-o com toda a força, desfruto de delícias de dar inveja ao mais feliz dos mortais. A gente ainda não tinha feito tudo, quando Ascilto surge de algum lugar, pé ante pé, e derruba a porta aos socos e me flagra transando com o garoto.

Invadindo o cubículo com gargalhadas e batendo palmas, arranca o cobertor de cima de nós, dizendo:

(7) No original "apliquem fratrem". Na linguagem dos homossexuais da Roma antiga, a julgar por Petrônio, os parceiros de folguedos eróticos se chamavam de *frater*, "irmão". (N. T.)

— Então é isso, seu grande hipócrita? O que é que está fazendo aí? Um coberticonsórcio?[8]

E não se conteve apenas no limite das palavras, mas soltou a fivela do cinturão e começou a me surrar sem apelação, acrescentando os ditos mais furiosos:

— Olha como eu trato traidores da tua laia.

Os insultos e os golpes tão súbitos me deixaram sem fala. Decido rir daquela cena, e em boa hora, caso contrário ia ter que me engalfinhar com meu rival. Meu bom humor fingido apaziguou seus ânimos. Ascilto acabou sorrindo:

— Encolpo — ele disse —, você fica aí sepultado em delícias e nem se dá conta de que estamos praticamente sem um tostão e que a grana está no fim? Durante o verão, a cidade é estéril, no campo teremos mais sorte. Vamos pra casa de alguns amigos.

Detestei a idéia, ia ser uma mão-de-obra, mas a voz da necessidade falou mais alto. Assim, botamos tudo o que era nosso dentro de um saco, e o saco nas costas de Giton, saímos da cidade, e fomos até o palacete campestre de Licurgo, um milionário romano que preferia a vida rural aos atropelos da cidade.

Licurgo tinha tido no passado um caso de amor com Ascilto, e assim nos recebeu regiamente. E tendo reunido mais gente divertida nos proporcionou todo tipo de prazeres. Entre as mulheres presentes, a mais linda era Trifena, que tinha vindo acompanhada de Licas, um proprietário de navios e senhor de vastas regiões à beira-mar. Palavra alguma pode expressar as delícias que desfrutamos naquele lugar maravilhoso, embora a mesa de Licurgo fosse frugal. Sendo assim, foi para as coisas de Vênus que endereçamos nossos melhores esforços, formando casais.

Trifena era linda, e logo era nela que eu estava apli-

(8) "Quid? Vesticontubernium facis?" *Vesticontubernium* é um composto bufo, cunhado por Petrônio. (N. T.)

cando toda a minha lábia, com muito sucesso, diga-se de passagem. Mas mal a gente começava a se agarrar, Licas, indignado, sentindo que raptavam suas delícias, ameaçou fazer a mesma coisa comigo. A paixão entre eles já começava a envelhecer, e era comigo que ele queria agora passar bons momentos. E cheio de tesão veio atrás de mim. Mas meu tesão estava em Trifena, e não dei ouvidos aos apelos de Licas. Meu desprezo redobrou seus desejos, assim ele continuava atrás de mim, tentando me cantar, a ponto de, uma noite, entrar no quarto onde eu dormia. Como não cedi à sua conversa, ele passou para a violência, mas eu botei a boca no mundo, e acordei a casa toda. Com a ajuda do próprio Licurgo, enfim, me livrei dos ímpetos daquele chato. Licas percebeu que, na casa de Licurgo, não tinha nenhuma chance comigo. Então começou a me convidar para vir passar uns tempos na casa dele. Eu disse que não estava a fim. Daí ele mandou a própria Trifena tentar me convencer. Bem que ela tentou. Na casa de Licas, afinal, ela teria todas as facilidades para obter de mim o que pretendia, já que ele não se importava com seus prazeres particulares. Amor, aqui vou eu. Mas Licurgo, que tinha reatado com Ascilto suas antigas relações de libidinagem, já não podia passar sem ele. Resultado: Ascilto ficava na casa de Licurgo. Eu e Giton íamos para a casa de Licas. Mas deixamos acertado que tudo o que a gente pudesse conseguir nessa aventura ia ser repartido, fraternalmente, entre nós três. Aceita a proposta, foi incrível a alegria de Licas, ele apressou a partida, nos despedimos todos, e, na mesma hora, partimos para a casa dele.

Durante a viagem, ele arranjou as coisas de tal forma que ficasse do meu lado, enquanto Trifena ficava do lado de Giton. Ele sabia que tipo de mulher ela era. E não se decepcionou. Ela ficou parada no garotinho, e eu notei. Licas notou que eu tinha percebido o movimento dela, e não tentou disfarçar. Como aceitei a situação sem fazer escândalo, Licas derretia de tanto prazer. Estava certo que da-

quilo ia me nascer algum ódio contra a deliciosa Trifena. Com isso, o caminho estava aberto para ele. Assim continuaram as coisas na casa de Licas, Trifena morrendo de tesão por Giton, Giton lhe correspondendo de todo o coração, e eu não gostando nem um pouquinho daquela história toda. Enquanto isso, ávido por me agradar, Licas inventava, todo dia, um divertimento novo. Dóris, sua bela esposa, só contribuía para torná-los ainda mais divertidos, a tal ponto que consegui tirar Trifena da cabeça e do coração. Meus olhos não conseguiram esconder de Dóris a paixão que senti por ela, e a branda petulância dos seus olhos logo me deixou entender que meus ímpetos iriam ser recompensados. Só aquela linguagem silenciosa, anterior à fala, expressava a inclinação que, no mesmo momento, em segredo, sentíamos um pelo outro.

O ciúme de Licas, que eu já tinha notado, era a causa do silêncio e seu tesão por mim bem que sua mulher estava percebendo. A primeira vez que eu e ela pudemos conversar em paz, ela me comunicou suas suspeitas e eu, da maneira mais simples, expliquei a ela com que severidade sempre tinha repelido as investidas dele pro meu lado.

Mas a mulher era malandríssima:

— Temos que usar a cabeça — ela falou.

E assim segui seu conselho de ceder ao marido para poder desfrutar dela na mais santa paz.

Enquanto isso, enquanto o pobre Giton refazia suas forças esgotadas pela insaciável Trifena, esta caiu matando em cima de mim, mas, repelida, trocou sua paixão por raiva. No maior tesão, minha perseguidora[9] percebeu que eu estava tendo um caso com o casal. Os impulsos do marido em relação a mim não tinham muita importância para ela, já que não tiravam nada dela. Mas resolveu perturbar

(9) *Secutuleia,* a que segue atrás. Esse adjetivo, que não se encontra em nenhum outro escritor latino, parece ser uma criação de Petrônio. (N. T.)

meus amores furtivos com Dóris. E foi contar tudo para o marido. O ciúme dele superou sua paixão por mim, e ele começou a arquitetar uma vingança. Mas Dóris, prevenida da jogada toda por uma escrava de Trifena, cortou prudentemente nossos encontros secretos. Quando me dei conta disso tudo, a perfídia de Trifena, a ingratidão de Licas, indignado, resolvi ir embora. A ocasião era perfeita. No dia anterior, um navio sagrado, carregado de oferendas para a festa da deusa Ísis, tinha encalhado na costa ali perto. Comunico meu plano a Giton que, esgotado pela tara de Trifena, já não tinha mais utilidade para aquela devoradora de garotinhos. Bem de manhãzinha, fomos até a praia, e não tivemos nenhuma dificuldade em sermos admitidos a bordo, já que os marinheiros, homens de Licas, nos conheciam. Mas como nos acompanhavam sempre de perto, a gente não tinha muita chance de roubar alguma coisa daqueles tesouros que o navio carregava. Uma hora, porém, Giton conseguiu distrair a atenção deles, e eu me esquivei furtivamente e penetrei na cabine ao lado da popa, onde estava a imagem de Ísis, cujo manto de pérolas e o sistro de prata eu surrupiei. De lá, deslizei até a cabine do piloto, fiz um embrulho com aqueles objetos preciosos e, descendo por uma corda, caí fora do navio. Só Giton percebeu meus movimentos, livrou-se dos marinheiros e discretamente veio atrás de mim. Ao vê-lo, mostrei o que eu tinha roubado, e decidimos ir rapidamente até a casa de Licurgo para encontrar Ascilto, mas só chegamos lá no dia seguinte. Com Ascilto, contei em poucas palavras o roubo que eu tinha feito, e de como, Giton e eu, tínhamos bancado os palhaços em matéria de amor. A conselho de Ascilto, vamos até a presença de Licurgo para ganhar as boas graças dele, explicando que tivemos que escapar da casa de Licas, que vivia tentando fazer coisas feias com os rapazes inocentes que éramos. Ouvindo isso, Licurgo jurou que, dali por diante, nos protegeria de qualquer um que quisesse nos fazer mal.

Nossa fuga da casa de Licas só foi percebida de manhã, quando Trifena e Dóris acordaram e levantaram da cama. Com efeito, todas as manhãs, assistíamos religiosamente as duas fazerem sua maquilagem. Como a gente não apareceu, Licas mandou escravos à nossa procura, principalmente até a praia. E ficou sabendo que tínhamos estado no navio, mas do roubo nada. Nada ainda tinha sido descoberto, o navio continuava encalhado, e o piloto ainda não tinha voltado de terra. Constatada nossa fuga, furioso, Licas botou toda a culpa em Dóris, e a coitada pagou o pato. Nem sei dizer os berros e as porradas que ela levou. Só sei dizer que Trifena, a causadora de toda a confusão, o pivô da discórdia, convenceu Licas de que, pela lógica, deveríamos ter fugido para a casa de Licurgo. E se ofereceu para acompanhar o grupo dos nossos perseguidores, só pelo prazer de descarregar em cima de nós toda a raiva que tinha acumulado. No dia seguinte, partem e chegam na mansão de Licurgo. A gente não estava. Tínhamos ido, com Licurgo, até as festas em honra de Hércules que se celebravam na cidadezinha vizinha. Quando eles souberam, vieram rapidamente pela estrada e logo estavam na porta do templo. Quando vimos chegarem, Giton e eu não sabíamos onde pôr a cara. Licas já chegou dando o maior esporro em Licurgo por nossa fuga. Licurgo levantou a sobrancelha e respondeu à altura. Apoiado na autoridade dele, eu também começo, por minha vez, a gritar com Licas, jogando-lhe na cara poucas e boas sobre o que eu achava de suas intenções de me faturar, tanto na casa dele, quanto na de Licurgo. Trifena também levou o dela, eu gritei pra toda a multidão, que se aglomerava em volta, atraída pela gritaria, que tipo de vagabunda aquela mulher era. E, pra provar o que eu dizia, apontei para a magreza e a palidez minhas e de Giton, que mal conseguia ficar em pé.

— Olhem só a que estado nos reduziu o furor uterino dessa ninfomaníaca!

Diante dos risos da multidão, que tomou nosso parti-

do, nossos inimigos, abaixaram a cabeça e se afastaram resmungando ameaças e vinganças. Como viam que Licurgo ficava do nosso lado, Licas e Trifena resolveram esperá-lo em sua casa para provar-lhe que estava equivocado em sua escolha.

As festividades tomaram muito tempo, não conseguimos chegar na mansão, assim Licurgo nos conduziu até sua casa de campo, que ficava no meio do caminho e, no dia seguinte, nos deixou ainda dormindo e foi cuidar de seus negócios na mansão. Lá encontrou Licas e Trifena, que o esperavam, e souberam convencê-lo a nos entregar em seu poder. Licurgo era o tipo do sujeito perverso por natureza e falso até a medula, e começou a arquitetar o melhor modo de nos apanhar, mandando Licas ir buscar ajuda e expedindo ordens para que nos vigiassem na casa de campo. Lá chegando, já chegou furioso conosco, como o faria o próprio Licas, cruzou os braços, nos acusou de caluniar seu amigo, tudo isso no próprio quarto onde nos tinha hospedado, nem quis ouvir seu querido Ascilto, que tentou nos defender. Mandou que nos prendessem no quarto e, com Ascilto, foi para sua mansão, não sem antes mandar que seus escravos nos vigiassem rigorosamente até sua volta. Durante o percurso, em vão tentou Ascilto mudar os ânimos de Licurgo: súplicas, carinhos, lágrimas, nada disso funcionou. Ao maninho então ocorreu imaginar um plano para nos libertar. Irritado com a dureza de Licurgo, não quis dormir com ele, e assim ficou mais fácil para ele executar o plano que tinha em mente. Assim que os escravos todos mergulharam no sono, Ascilto botou nas costas nossas mochilas, e pela ruína do muro, que ele tinha observado antes, desceu ao amanhecer e se mandou até a casa de campo. Sem dificuldades, penetrou no recinto, e insinuou-se até o quarto onde estávamos, que nossos guardas julgavam inviolável. Na realidade, a abertura da porta não era difícil, a tranca era de madeira, com um ferro, Ascilto soltou-a. Com o barulho, eu e Giton acordamos.

Apesar da nossa desgraçada situação, a gente dormia a sono solto. Por sorte, exaustos de vigiar, nossos guardas roncavam alto, e só nós acordamos ao som da tranca caindo no chão. Em poucas palavras, Ascilto nos explicou o que tinha feito por nós. Nem foi preciso mais. Enquanto a gente se arrumava às pressas para cair fora do local, me ocorreu matar os guardas e saquear a casa.

— Roubar, tudo bem — me disse Ascilto —, mas sem sangue, por favor.

Ele conhecia bem o interior da casa, e nos levou direto para os lugares onde coisas preciosas estavam nos esperando. Só passamos a mão no bom e no melhor e, ao amanhecer, ganhamos a rua, e não descansamos até nos julgarmos seguros. Ascilto, então, respirando fundo, enfatizou com quanta alegria tinha pilhado a casa daquele avarento do Licurgo. Era um unha-de-fome. Nunca nenhum presentinho por tantas noites de amor, refeições sem vinho,[10] jantares sem carne. Tão avarento era o miserável que, embora podre de rico, até das coisas indispensáveis se privava.

> Infeliz Tântalo que não bebe o líquido,
> nem come dos frutos que sua fome anseia.
> Então é isso que é ser rico,
> nadar, nadar, e morrer na areia?[11]

Ascilto queria que a gente fosse, imediatamente, para Nápoles.

— É loucura, eu disse. Devem estar nos procurando em toda parte. Vamos ficar peregrinando por aí, até que esqueçam que a gente existe. Recurso é o que não nos falta.

(10) No original, "mensa sicca", literalmente, "mesa seca". (N. T.)

(11) Na mitologia grega, Tântalo é o personagem que, no inferno, é condenado à pena de, sedento e faminto, nunca poder alcançar a água e os frutos que se oferecem a ele. (N. T.)

Meu conselho prevaleceu, e assim partimos para uma região do interior semeada de belíssimas residências, onde não poucos de nossos amigos desfrutavam as delícias do verão. Mal a gente estava no meio do caminho, quando uma bruta chuva caiu de repente, nos obrigando a procurar abrigo num albergue do vilarejo mais próximo. No albergue, muita gente, como nós, se aglomerava, fugindo da tempestade. Graças à multidão, ninguém prestou atenção em nós. Assim a gente pôde se dissolver naquela aglomeração, olho atento para flagrar alguma coisa que fosse fácil roubar. De repente, Ascilto recolheu do chão, sem ninguém notar, uma bolsa cheia de moedas de ouro. Mal posso descrever nossa alegria, com aquele evento que dizia quanto os deuses estavam do nosso lado. Mas antes que alguém reclamasse a bolsa perdida, a gente foi saindo de fininho em direção à porta dos fundos daquela espelunca. No lado de fora, um escravo selava um cavalo com um equipamento completo para viagem. Pareceu ter esquecido alguma coisa, voltou para a casa, sem nos ver, e eu fui lá e passei a mão num manto caríssimo que cobria o cavalo. Ato contínuo, corremos para a floresta mais próxima, pela frente dos casebres vizinhos.[12]

Na floresta, resolvemos esconder nosso dinheiro, antes que alguém nos roubasse ou nos acusasse de roubo. Assim costuramos as moedas no interior de uma velha túnica que eu passei a levar nas costas, enquanto Ascilto portava o manto que tinha surrupiado, e assim, por caminhos oblíquos, tomamos a direção da cidade. Mal saíamos do bosque, uma voz gritava:

— Não podem estar longe, eles entraram aí no bosque, vamos nos dividir, esses aí não escapam.

Ouvindo isso, nosso terror foi máximo, e Ascilto com

(12) No original, "secundum mapalia...". *Mapalia,* "casebre", "favela", é uma palavra muito rara na literatura latina, e parece ser de origem púnica, semita, cartaginesa. (N. T.)

Giton deram no pé, pelo meio do matagal, em direção à cidade. Eu corri tanto que a túnica com nosso dinheiro caiu das minhas costas e eu só fui notar quando sentei exausto pra descansar embaixo de uma árvore. Então a dor da perda me restituiu as forças, e levantei para procurar nosso tesouro, que longamente busquei em vão, até que arrasado de cansaço e tristeza me meti no mais fundo do mato, e lá fiquei umas quatro horas, me roendo todo por dentro, procurando uma saída. De repente, avistei um lavrador, juntei toda a coragem que me restava, e fui até ele com decisão e audácia e perguntei como é que um rapaz perdido na selva como eu fazia para chegar na cidade. Vendo minha roupa em farrapos, o rosto mais pálido e chupado que cara de morto, ele me perguntou se eu tinha avistado alguém lá dentro da floresta.

— Ninguém — respondi.

Ele, então, com muita bondade, me guiou até a estrada principal, onde encontrou dois companheiros seus, que lhe disseram ter vasculhado toda a floresta e só ter encontrado uma túnica, que lhe mostraram.

— É minha!, quase que eu disse, mas me controlei a tempo, que eu não ia me entregar assim tão fácil.

Mas, por dentro, aquilo me doeu, ver aqueles rústicos de posse do meu tesouro, sem nem saber o que tinham em mãos.

Cada vez mais fraco, entrei na cidade, caminhando lentamente, quase me arrastando de cansaço.

Demorei para chegar na cidade, e entrando num albergue encontrei Ascilto semimorto, desabado numa cama. Me atiro numa cama ao lado sem ter forças para dizer uma sílaba. Ele, perturbado de não ver a túnica que julgava estar comigo, em altos brados:

— E a túnica? Que fim levou?

Quis responder, mas estava tão fraco que a voz não saiu, e foi só com a languidez dos olhos que respondi. As forças começaram a me voltar devagarinho, então conse-

gui contar a Ascilto o infortúnio todo. Ele, no entanto, pensou que eu estava brincando. E apesar da copiosa chuva de lágrimas que chorei em testemunho da minha sinceridade, ele duvidou de tudo que contei, certo de que eu tinha escondido o ouro só pra mim. Giton, presente à cena, estava tão desolado quanto eu, e o sofrimento do garoto só aumentava minha tristeza. E saber que a cidade inteira estava em nossa captura me torcia a alma. Contei isso a Ascilto, que não deu a mínima, já que ele tinha se safado bem daquela embrulhada. Estava certo, além disso, de que não corríamos perigo, ninguém nos conhecia no lugar, ninguém nos tinha visto chegar.[13] Assim, decidimos dizer no albergue que estávamos doentes, para poder permanecer mais tempo no local. Mas o dinheiro começou a acabar, e a gente teve que ir embora mais cedo do que pretendíamos. Não tinha outro jeito, tínhamos que arrumar um jeito de vender os bagulhos que tínhamos roubado.[14]

XII

Já era de tarde quando chegamos no mercado da cidade, onde encontramos toda sorte de mercadorias, algumas de valor, outras apenas pareciam preciosas graças aos truques e astúcias dos vendedores. Tínhamos trazido o magnífico manto que tínhamos roubado, a ocasião era oportuníssima, escolhemos um lugarzinho na praça, abrimos a peça esplêndida, e ficamos esperando um comprador. Não demorou muito, um camponês se aproximou, acompanhado de uma mulher miúda, e começou a examinar o manto. A cara dele não me era estranha. Nisso, Ascilto lança os olhos sobre a roupa que o campônio trazia sobre os ombros, e fica estupefato na hora. Nem foi diversa minha expressão, era exatamente aquele homem que tinha encontrado a túnica lá no meio do mato, onde a perdi. Não havia dúvida: era ele mesmo. Ascilto não podia acreditar no que seus olhos lhe mostravam. Aproxima-se do camponês, pede para ver sua túnica, tira-a dos seus ombros e a examina com o máximo de atenção.

(13) "Persuasus insuper nos esse securos, ignotos scilicet, et a nemine visos." Extraordinária a romana concisão narrativa desta frase, com sua sibilante expressividade. (N. T.)

(14) "Cogente necessitate, manubia vendere oportuit." *Manubia* são os espólios, as presas feitas ao inimigo, que o general distribui depois da batalha aos soldados. (N. T.)

XIII

Admirável brincadeira do acaso! O estúpido camponês não tinha tido a curiosidade de olhar nas costuras da túnica, onde estava o nosso dinheiro. E estava disposto a vender a peça como se fosse uma roupa de mendigo, sem saber que ali dentro se escondia uma fortuna. Depois de constatar que nosso dinheiro ali estava inviolado, e que o portador da túnica tinha cara de otário, Ascilto me chamou num canto e me disse:

— Olha só, malandro, nossa grana voltou! Não tem erro, é aquela mesma, e com todo o dinheiro dentro. O que é que a gente vai fazer agora? Vamos mostrar a esse cara que a túnica é nossa, por direito.

Pra mim, foi um alívio, não só deitar os olhos em nossa fortuna, mas, sobretudo, dissipar as suspeitas de Ascilto que caíam sobre mim.

— Nada de violência, eu disse. Vamos recorrer à justiça. Ou ele devolve por bem, ou vai se ver com a lei.

XIV

Ao ouvir falar em lei, Ascilto se arrepiou todo:

— Está louco? Quem nos conhece neste lugar? Quem vai dar fé ao que dissermos? É melhor comprar o que já é nosso, e recuperar nossa fortuna por uma bagatela, do que se arriscar aos azares dos tribunais.

> Que força têm as leis, onde o dinheiro reina,
> e a pobreza nunca alcança justiça?
> Até os filósofos mais severos
> colocam a palavra a serviço da causa próspera.
> Um julgamento pode ser um bom negócio,
> como pode comprovar quem tiver um bom
> dinheiro.

Acontece que só nos restavam umas moedas de baixo valor, que mal dariam pra comprar umas ervilhas ou um punhado de grãos de bico. Assim, para não deixar nossa presa escapar, resolvemos botar no negócio nosso manto caríssimo, para trocar o mais caro pelo muito mais caro. Assim, exibimos a mercadoria que tínhamos, mas a mulher que estava com o camponês, a cabeça coberta por um véu, olhou e olhou bem o manto, pegou, examinou, e começou a vociferar a plenos pulmões:

— Pega ladrão!

Atônitos, ficamos paralisados, e, de repente, agarramos a túnica do camponês e gritamos também:

— Pega ladrão!

Mas brigávamos por objetos de valor bem diferente, e a turba, que se aglomerou em volta da gente para ver o pau quebrar, caiu na risada quando percebeu que de um lado lutavam por um manto preciosíssimo e do outro por uma túnica miserável que nem mendigo quereria.

— Silêncio! — Ascilto gritou para a multidão, e silêncio obteve.

XV

— Cada um ama o que é seu — Ascilto disse. — Devolvam nossa túnica e podem ficar com o manto.

O beócio do campônio e a tal mulherzinha com ele estavam a ponto de concordar com a troca, quando dois oficiais de justiça, que mais pareciam dois ladrões noturnos, se apossaram do manto e da túnica, a fim de ficar com o manto para eles, pretextando que a querela deveria, no dia seguinte, ser levada diante de um juiz, que decidiria.

O importante, segundo eles, não era saber quem tinha razão na controvérsia, mas sim quem tinha roubado o quê de quem. Já iam levando o manto, quando, do meio da multidão, saiu um velho careca, com a testa chéia de enormes verrugas, dizendo-se advogado e apossando-se do manto, e dizendo que, no dia seguinte, ele mesmo o apresentaria diante do juiz. No fundo, o que todos queriam é que entregássemos a rica veste e, por medo de um julgamento, não comparecêssemos ao tribunal. E, realmente, era o último lugar do mundo onde queríamos comparecer. O acaso, porém, veio em ajuda de todos. Indignado de ver que fazíamos tanto escândalo por causa de um trapo miserável, o campônio atirou a túnica na cara de Ascilto, e concordou com a troca, que era a única causa da confusão. Assim, pensando que tínhamos recuperado nossa fortuna, voltamos correndo para o albergue, entramos, fechamos a porta e as janelas, para rir à vontade dos nossos inimigos e caluniadores que, com tanta ingenuidade, nos tinham devolvido nosso dinheiro.

Descosturávamos a túnica para, enfim, deitar as mãos em nossas ricas moedas de ouro, quando ouvimos a voz de alguém, perguntando ao taberneiro:

— Quem são essas pessoas que acabaram de entrar aqui?

Gelei com aquela pergunta. Quando senti que a figura

já tinha ido embora, desci, e fui perguntar ao taberneiro de quem se tratava.

Era, ele me disse, um inspetor da polícia local, encarregado de tomar nota dos nomes de estrangeiros hospedados na região, e que tinha visto dois desconhecidos entrar no albergue, e tinha vindo pedir seus nomes, origem e profissão. O estalajadeiro me deu a informação, despreocupadamente, mas comecei a suspeitar de que, ali, não estávamos seguros. Para não sermos apanhados, decidimos abandonar o albergue, só voltando à noite. Giton ficou encarregado de preparar nosso jantar. Enquanto isso, abandonamos as ruas mais movimentadas e só nos movíamos pelas partes mais ermas da cidade. Ao cair da tarde, num bairro afastado, cruzamos com duas mulheres nada feias, cobertas com um véu. Em passos lentos, seguimos as duas até um pequeno templo, onde elas entraram. De lá de dentro, vinha um insólito zumbido, como se fosse de vozes vibrando dentro de uma caverna. Muita curiosidade nos impeliu a entrar no templo, onde vimos todas aquelas mulheres, como bacantes, agitando, na mão direita, grossos bastões em forma de caralho. Não foi possível ver mais: quando notaram nossa presença, soltaram um grande grito, que fez tremer a abóbada do templo, e vieram para cima de nós. Mais rápidos que elas, caímos fora, e voltamos para nosso albergue.

XVI

Graças aos dotes culinários de nosso querido Giton, jantávamos com apetite, quando batem na porta com toda a força.

Pálidos de susto, perguntamos:

— Quem é?

— Abram — uma voz respondeu —, vocês já vão saber.

Nisso, a tranca da porta se soltou sozinha, a porta se abriu e alguém entrou no recinto. Com um véu, reconhecemos a mulher, aquela mesma que ainda há pouco estava com o camponês, na hora da briga pelo manto.

— Pensavam que podiam me enganar? — ela já chegou perguntando. — Eu sou a serva de Quartila, vocês profanaram os mistérios de Príapo, que ela celebrava naquela cripta. Ela está vindo para cá, e pede que aceitem conversar com ela. Não se preocupem, ela não vem cobrar nada de vocês. Ela está encantada. Na verdade, está se perguntando qual deus teria enviado entre nós esses jovens tão distintos?

XVII

Ainda estávamos boquiabertos e sem saber que medidas tomar, quando, acompanhada por uma garota bem nova, a própria Quartila entrou, sentou na beirada da minha cama e chorou até não mais poder. Nenhum de nós conseguiu dizer palavra, e só ficamos ali, atônitos, contemplando aquelas lágrimas todas, perfeitas para demonstrar quanta dor lhe ia no íntimo.

Quando a chuva torrencial de lágrimas cessou, ela levantou o capuz do manto e, soberba, apertou as mãos tão forte que deu para ouvir o estralo das juntas:

— É muita audácia! — ela falou. — Em que histórias antigas vocês aprenderam a agir como ladrões? Por Deus do céu, eu tenho é pena de vocês: a ninguém é impune contemplar o que não é lícito. E fiquem sabendo, esta região em que vivemos está tão cheia de divindades poderosas que aqui é mais fácil encontrar um deus do que encontrar um homem. Mas não pensem que vim até aqui em busca de

vingança. Mais me comove ver que vocês são tão jovens do que a injúria que vocês me fizeram. Sacrilégio não tem perdão, mas eu sei que vocês não fizeram por mal. Hoje à noite, a angústia não me deixava dormir, e me vieram calafrios tão fortes que pensei estar com febre. Então, pedi aos deuses do sono um remédio para meu mal, e eles me mandaram procurar vocês para me aliviar. Mas não é minha saúde o que mais me preocupa. Outra coisa me atormenta tanto, que às vezes penso que vou morrer. É o medo de que, tagarelas como todos os jovens, vocês revelem às pessoas o que viram no templo de Príapo. Assim, prostrada a vossos pés, imploro, não contem nada, não transformem nossos cultos noturnos em motivo de riso entre o povo, mistérios que só as iniciadas conhecem.

XVIII

Feitas estas súplicas, voltou a chorar convulsivamente, sacudida por fundos gemidos, o rosto e o peito enfiados no meu travesseiro. Nessa, eu, perturbado de pena e de medo, lhe assegurei que éramos rapazes de princípios e guardaríamos o segredo, e que, se isso fosse necessário para ela ficar curada, que os deuses nos castigassem.

Com essa promessa, Quartila passou, imediatamente, das lágrimas ao sorriso, me deu um beijo demorado, passando a mão pelos meus cabelos:

— Te perdôo, ela disse, e retiro todas as acusações. E foi bom você ter concordado. Eu já tinha até contratado um bando de brutamontes para mostrar a vocês, pelo caminho mais doloroso, quanto custa ofender minha dignidade.

Receber leis é coisa vulgar,
aos reis, o prazer de legislar.

Ir aonde eu quero, me apraz.
Vencer é muito bom.
Mas perdoar é muito mais.

Dito isto, Quartila começou a bater palmas e a rir como uma louca, e a gente começou a ficar com medo. A serva de Quartila começou a fazer a mesma coisa que ela, e a garota a imitou.

XIX

As três riam a não mais poder. Nós não conseguíamos imaginar a causa de tão brusca mudança de ânimo. E ficamos olhando, ora para elas, ora uns para os outros.

— Hoje — disse Quartila — proibi quem quer que fosse de entrar neste albergue até que vocês me administrem o remédio para a febre e os calafrios.

Diante disso, Ascilto ficou um pouco pasmo.

Eu, mais gélido que o inverno vindo das Gálias, não consegui dizer palavra.

O que me deixava mais tranqüilo é que estávamos em três. Três, com efeito, eram as mulherzinhas, se tentassem alguma coisa, pelo menos, iam ter pela frente três membros do sexo masculino. Já estávamos preparados para uma luta encarniçada. Em caso de combate, já tinha traçado meus planos, eu com Quartila, Ascilto com a serva e Giton com a virgenzinha.

Enquanto eu desenhava em minha mente essa estratégia, Quartila veio, para que eu lhe aplicasse o remédio contra a febre. Como seus encantos não produziram resultados em mim, desiludida em sua expectativa, saiu do quarto furiosa. Voltou logo depois, acompanhada de uns desconhecidos, que invadiram o quarto e, sob as ordens dela, nos agarraram e nos levaram para um palácio magnífico.

O que a gente ainda tinha de coragem desapareceu. E aos olhos dos três miseráveis a morte se apresentou como uma certeza.

XX

— Por favor, dona — eu disse. — Se tens planos mais cruéis para nós, executa-os depressa. Nem acho que tenhamos feito uma coisa tão horrível que mereçamos morrer sob tortura.

Mais que depressa, a serva, que se chamava Psyche, estendeu um cobertor no chão e começa a bolinar o meu pau, já frio de mil mortes. Ascilto tinha enfiado a cabeça no capuz das suas vestes, percebendo agora como era perigoso se meter nos segredos dos outros.

Nisso, Psyche tira de dentro do seio duas faixas de pano, e, com uma, nos amarra os pés, com a outra, as mãos.

Amarrado, ainda tive forças para dizer:

— Não vai ser assim que tua senhora vai conseguir de mim o que quer.

— Isso eu sei — ela falou. — Mas tenho meios mais poderosos.

Assim falando, puxa um frasco cheio de *satyricon,* infalível afrodisíaco, e me sussurrando toda sorte de frases lascivas, me faz engolir quase todo o conteúdo do frasco. E já que Ascilto tinha repelido todas as suas investidas anteriores, despeja-lhe nas costas o resto do frasco, e, ele indiferente, ela se põe a besuntá-lo com o santo remédio.

Ascilto, ao sentir que a conversa esmorecia:

— Mas o que é que é isso? — ele disse. — Quer dizer que eu não mereço dar um gole nessa beberagem?

Não pude deixar de rir. E Psyche, batendo palmas, disse:

— Tarde demais, garoto.

E Quartila:

— O quê? Encolpo tomou todo o afrodisíaco?

A coisa toda era tão engraçada, que começamos a rir e não paramos mais.

Nem Giton conseguiu segurar o riso quando a virgenzinha o abraçou pelo pescoço e o cobriu de beijos intermináveis.

XXI

Bem que queríamos gritar "socorro!", mas não haveria ninguém para nos socorrer. Antes que eu pudesse dizer "polícia!", a tarada da Psyche tirou um enorme grampo da sua cabeleira e começou a me espetar as bochechas com ele. Nem era melhor a sorte de Ascilto: com um pincel embebido em *satyricon,* a garota continuava a besuntar o pobre coitado. Por fim, entrou uma bicha horrorosa, só com uma tanguinha verde, e começou a nos beijar e a nos meter na bunda. Quartila, que comandava as ações, com um bastão de osso de baleia, a saia arregaçada, finalmente disse:

— Basta!

Quanto a nós, juramos por tudo que há de mais sagrado que o horrível segredo ia morrer conosco. Nisso, entraram umas putinhas lindas, que nos despejaram por todo o corpo um ungüento caríssimo, e começaram a nos friccionar com ele.

Todo o nosso cansaço desapareceu, então fomos levados à sala de jantar, ao lado. Três leitos estavam preparados,[15] e posta uma mesa de iguarias magníficas diante de nós.

(15) Como se sabe, os romanos da elite comiam deitados em leitos esplêndidos. (N. T.)

Claro que aceitamos o convite para a refeição, nos estendemos, e começamos a degustar entradas fantásticas, tudo inundado com vinho Falerno, das melhores safras.

Lá pelas tantas, não nos agüentávamos de sono.

Mas Quartila foi violenta:

— O quê? Pensam que vieram aqui pra dormir? Não sabiam que esta noite está dedicada aos mistérios do deus Príapo?

XXII

Vendo o Ascilto, que a desprezara, cambaleando de sono, Psyche esfregou fuligem em seu rosto e, como ele não sentia mais nada, riscou seus lábios e seus ombros com o carvão de uns tições. Eu mesmo, exausto de tantos tormentos, já começava a saborear o começo de um sono gostoso. Nem era diversa a situação dos servos todos daquela casa, uns, dormindo pelo chão, aos pés dos convivas, outros, encostados na parede, outros ainda na porta da entrada, cabeças reclinadas uns nos outros. As lâmpadas, consumido o óleo, só davam uma luzinha tênue e mortiça, quando dois escravos sírios se insinuam na sala, para roubar um pote de vinho. Enquanto brigavam por uma preciosa peça de prata, deixaram cair o pote de vinho que tinham furtado. E viraram a mesa com toda a sua baixela de prata, quando uma pesada taça caiu na cabeça de uma serva que dormia debaixo da mesa. A coitada deu um grito tão agudo que acordou boa parte dos bêbados. Vendo-se descobertos, os malandros, que tinham vindo roubar, se atiraram aos pés de um leito, e fingiram dormir como os outros, roncando como se estivessem no quinto sono. Mas, nessa hora, despertado bruscamente, o escravo tricliniarca já renovava o óleo quase extinto das lâmpadas, e os outros servos todos se levantavam esfregando os olhos e retomando o serviço. Nisso, entra uma tocadora de címbalos, tocando seu instrumento, assim acordando todo mundo.

XXIII

A festa recomeça, e Quartila chama todo mundo para recomeçar a beber, ao alegre som da *cymbalistria*. Entra um dançarino completamente bicha, como, aliás, tudo naquela casa, e, batendo as mãos para marcar o ritmo, largou um poema que dizia assim:

Vem comigo, vem comigo,
Vocês que gozam pelos cinco sentidos,
Pezinho pra frente, bundinha pra trás,
Delírios e delícias orientais.

Terminados os versos, me conspurca com o mais imundo dos beijos, deita-se do meu lado e começa a me bolinar, apesar da minha resistência. Durante muito tempo, ficou massageando meu pau, sem resultado.

Pelo rosto dele, corriam rios de suor sujo de maquilagem, e entre as rugas das bochechas tantas eram as rugas, que dirias uma parede onde a chuva lavava todo o reboco.[16]

XXIV

Não pude conter minhas lágrimas mais tempo. E levado até a mais extrema tristeza:

(16) "Perfluebant per frontem sudantis acaciae rivi, et inter rugas malarum tantum erat cretas, ut putares detectum parietem nimbo laborare." Pela extraordinária precisão de registro realista aliada a uma hiperbólica ênfase "expressionista", esta frase, sozinha, é uma das grandes obras da literatura latina. (N. T.)

— E aquela tal de Hermafrodita[17] que a senhora prometeu me dar?

Ela bateu as mãos com delicadeza.

— Olha só como ele é esperto, esse garotinho com educação de escravo! O que é que foi, gatinho? Não sabia que hermafrodita, aqui, quer dizer homossexual ativo?

Então, vendo que meu camaradinha estava se dando muito melhor que eu:

— Por tudo quanto é mais sagrado — eu disse —, será que nessa cama só o Ascilto tem direito ao descanso?

— Ah, é? — disse Quartila. — Isso não vai ficar assim. Hermafrodita, Ascilto é teu.

Ao ouvir isso, o pederasta mudou de cavalgadura, saiu de cima de mim e foi pra cima do meu camaradinha, e começou a se esfregar na bunda dele, cobrindo-o de beijos. De pé, vendo a cena, Giton ria até as lágrimas. Excitada, Quartila quis saber, com vivíssima curiosidade, a quem pertencia o garoto.

Quando respondi que era meu irmão:

— Então, por que é que ele não vem aqui me dar um beijo? — ela falou, chamou Giton e deu-lhe um beijo daqueles. Ato contínuo, enfiou a mão por baixo do manto dele, e apalpou seu pequeno pinto ainda em botão.

— Que coisinha miúda! — ela disse. — Mas não importa. Amanhã, vai me servir de abre-apetite para coisas maiores. Hoje, depois do cacete de jumento que acabo de levar, esse pintinho não vai nem me fazer cócegas.

XXV

Nisso, Psyche se aproxima de sua senhora Quartila e lhe diz alguma coisa no ouvido, que eu nem imagino.

(17) No original, *Embasicoetam,* palavra de origem grega, que nosso pobre herói pensa ser nome de uma mulher. (N. T.)

— Ótimo, ótimo, que delícia de idéia! — disse Quartila. — É uma esplêndida ocasião para nossa querida Pannychis se livrar de sua virgindade.

A seguir, introduz-se na sala uma menina, muito bonita, que não parecia ter mais de sete anos, aquela mesma que tinha vindo com Quartila até nosso albergue. Mas todo mundo em volta aplaudiu e aprovou a iniciativa.

Fiquei pasmo.

— Esperem — eu disse. — Giton é muito tímido para dar esse desempenho na frente de um público. E essa garotinha é nova demais para virar mulher.

— Ah, é? — disse Quartila. — E que idade você acha que eu tinha quando experimentei homem a primeira vez? Que a deusa Juno me castigue se eu consigo lembrar do tempo quando eu era virgem! Quando menina, eu já fazia minhas bagunças com garotos do meu tamanho. E assim vim aumentando o tamanho dos meus parceiros de brincadeirinhas, até que eis-me aqui, essa mulher que você está vendo. Daí deriva, creio, aquele provérbio que diz:

Quem agüentava um potrinho, um dia, agüenta um cavalo.

Temendo que, sem minha presença, meu irmãozinho Giton fosse submetido a arbitrariedades ainda maiores, me dirigi ao quarto nupcial.

XXVI

Psyche já tinha colocado na cabeça da garotinha o véu matrimonial, os pederastas carregavam os fachos da cerimônia, e já um cortejo de mulheres bêbadas batendo palmas abria caminho até o leito, onde brilhava uma colcha magnífica. Provocada pela cena, Quartila se levanta, agarra Giton e o arrasta até o quarto. O garoto não pareceu desagradado, e a garotinha se deixava levar, indiferente ao que acontecia. Os dois se deitaram no leito, e nós fica-

mos na entrada do quarto, Quartila espiando com olhar sacana pela porta entreaberta os folguedos libidinosos das duas crianças. Quartila me puxou pela mão para seu lado, e ficamos os dois, de rosto colado, assistindo a cena, e trocando uns beijos furtivos. Mas eu estava tão exausto da gula sexual da insaciável Quartila que tudo o que eu queria era dar o fora daquela casa o mais rápido possível, nem outra era a intenção de Ascilto, ansioso por se livrar das investidas de Psyche. E era o que teríamos feito sem demora, se Giton não estivesse lá no quarto, objeto da perversidade daquelas duas taradas. Estávamos pensando como, quando Pannychis cai do leito, arrastando Giton na queda, que não se machucou. Mas a garota bateu a cabeça ao cair e, ferida, começou a gritar. Quartila, apavorada, vai em seu socorro, e nós três aproveitamos a oportunidade e demos no pé em direção a nosso albergue. Aí, nos atiramos em nossas camas, e dormimos como três anjinhos o resto daquela noite.

Na manhã seguinte, ao sairmos, cruzamos com dois de nossos raptores. Ascilto caiu de pau em cima de um deles, que ficou no chão, todo arrebentado. Mas o outro se defendeu tão bem de nosso ataque que além de ter nos ferido de leve, ainda conseguiu escapar.

Aproximava-se o dia que esperávamos, o dia do magnífico banquete durante o qual Trimalcião ia libertar inúmeros dos seus escravos.

Mas estávamos tão machucados da luta que voltamos para nosso quarto e medicamos nossas chagas leves com vinho e azeite. E lá na calçada jazia estendido o raptor que tínhamos arrebentado de porrada, e a gente morrendo de medo de que nos reconhecessem como os agressores. Enquanto, tristes, deliberávamos que partido tomar para evitar a tempestade que pairava sobre nós, um escravo de Agamenon veio perguntar aos dois apavorados:

— Mas então vocês não sabem onde é a festa hoje? Vai ser na mansão de Trimalcião, o mais rico dos homens,

aquele que tem em seu salão de festas um relógio com um escravo ao lado, que toca uma trombeta a cada hora que passa, para que o magnata saiba, de hora em hora, quanto de vida está perdendo.

Assim, nos vestimos às pressas, esquecidos de nossas desgraças, e demos ordem a Giton, que nos servia de criado, para nos acompanhar até as termas, onde nos banharíamos.

XXVII

Vestidos com nossas melhores roupas, começamos a perambular pela cidade, meio sem destino, até que chegamos numa roda de gente que estava brincando algum jogo. Aí, de repente, vimos um velho careca, vestido com um manto vermelho, jogando bola com uns garotos de cabelos longos como de mulher.[18] Mas não foram eles, e sim o respeitável senhor quem nos convidou a entrar na brincadeira, onde ele rebatia com uma raquete as bolas que um escravo ao lado lhe atirava de dentro de um cesto cheio delas. Outras coisas singulares chamaram nossa atenção. Num canto da roda, dois eunucos acompanhavam a cena, um com um urinol de prata na mão, o outro contando as bolas que os jogadores deixavam cair no chão.

Enquanto admirávamos estas coisas tão faustosas, vem Menelau e diz:

— Aí está o dono da festa de hoje. E se vocês ainda não sabem, a festa já começou.

Menelau ainda falava, quando Trimalcião estalou os dedos. A este sinal, um dos eunucos se aproximou com o

(18) "Inter pueros capillatos ludentem pila." Entre os romanos, os cabelos compridos eram próprios dos jovens escravos destinados aos prazeres sexuais dos seus senhores. (N. T.)

urinol de prata, onde o respeitável senhor esvaziou a bexiga. A seguir, despejaram água para ele lavar as mãos, que enxugou nos longos cabelos de um dos garotos que com ele jogavam bola.

XXVIII

Longo seria relatar cada coisa que nos aconteceu. E assim entramos no banho quente até que, cobertos de suor, passamos, de repente, para a água fria. Já esfregavam óleos perfumados em Trimalcião, não com panos de linho, mas com flanelas feitas com as lãs mais macias. Enquanto isso, três dos seus médicos massagistas bebiam diante dele seu melhor vinho Falerno. E como, brigando, derramassem taças de Falerno pelo chão, derramam à minha saúde, Trimalcião dizia. Nisso, envolvem-no numa capa escarlate e o carregam numa liteira, precedida por quatro escravos vestidos com trajes esplêndidos, e um carrinho com rodas,[19] no qual conduziam o queridinho de Trimalcião, um garoto envelhecido precocemente, os olhos remelentos, mais horrendo que o próprio. Enquanto era conduzido, aproxima-se um flautista, encosta-lhe a flauta no ouvido, como se lhe contasse um segredo, e assim prosseguiu ao longo de todo o caminho. Acompanhamos o séquito, já exaustos de tanta admiração, e com Agamenon chegamos à porta do palácio, onde a inscrição dizia:

QUALQUER. ESCRAVO.
QUE. SAIR. SEM. ORDEM. SUPERIOR.
RECEBERÁ. CEM. CHIBATADAS.

(19) *Chiramaxio*. Esta palavra, de origem grega, só se encontra em Petrônio. (N. T.)

Na entrada, estava o porteiro vestido de verde, cingindo uma faixa cor de cereja, amassando ervilhas numa vasilha de prata. No alto, uma gaiola de ouro onde um pássaro falante saudava cada pessoa que entrava.

Quanto a mim, pasmo de tudo, senti minhas pernas fraquejar. À esquerda de quem entrava, não longe do alojamento do porteiro, um cachorro enorme, preso na corrente, estava pintado na parede, com o letreiro em cima, em letras maiúsculas:

CUIDADO. CACHORRO BRAVO.

Meus acompanhantes morreram de rir do meu susto diante daquela fera. Já eu, recuperando o equilíbrio, continuei a examinar as pinturas da parede. Numa, via-se o próprio Trimalcião, num mercado de escravos, cetro na mão, cabelos ao vento, entrando em Roma, conduzido pela deusa Minerva. Mais além, a pintura representava Trimalcião tendo aulas de cálculo, depois sendo feito tesoureiro, tudo cenas que o pintor tinha tido o cuidado de esclarecer com legendas. Na extremidade deste pórtico, o deus Mercúrio levantava Trimalcião pelo queixo até um alto tribunal. Ao lado, a deusa Fortuna, cornucopiosamente abundante, e as três Parcas tecendo com fios de ouro. Notei também no pórtico uma multidão de escravos treinando corrida sob a direção de um mestre. Além disso, vi num ângulo da entrada um grande armário com nichos onde luziam as efígies em prata dos deuses Lares, uma estatueta de Vênus em mármore, e um estojo grande de ouro onde, diziam, estava a primeira barba de Trimalcião.

Comecei a perguntar ao porteiro qual era aquela pintura no meio de todas:

— A Ilíada e a Odisséia — ele respondeu —, e à esquerda é uma luta de gladiadores.

XXX

Não havia tempo para contemplar mais pinturas. Já chegávamos na sala do festim, na entrada da qual o chefe dos escravos tomava nota do nome dos convidados, e o que mais me admirou foi ver, no alto da porta da entrada, a imagem de feixes de varas coroados por machados, símbolos dos cônsules, e na parte de baixo uma espécie de esporão de navio feito de bronze, onde se lia:

A. CAIO. POMPEU.
TRIMALCIÃO. PLENI. POTENCIÁRIO.
DE. CINAMO. SEU. TESOUREIRO.

Sob esta inscrição, pendia uma lâmpada dupla suspensa do alto da sala, e duas tabuletas afixadas em cada asa da porta, das quais uma, se bem me lembro, trazia isto:

NA. PRIMEIRA. QUINZENA. DE. JANEIRO.
CAIO. NOSSO. SENHOR. CEIA. NA. CIDADE.

Uma outra trazia pintadas as imagens dos cursos da lua e os sete planetas, além de um registro dos dias propícios e dos dias nefastos em cores diferentes. Repletos de tantas maravilhas, íamos entrar na sala do banquete quando um escravo nos gritou:

— Com o pé direito!

Nem precisa dizer que caprichamos para que nenhum de nós entrasse desconforme ao preceito. Por fim, avançamos todos com o pé direito, quando um escravo, completamente nu, se atira a nossos pés, nos implorando que o livrássemos do castigo que o esperava. Nem sua falta era tão grave assim. Enquanto o tesoureiro se banhava, guarda de suas roupas, ele se distraiu e deixou que fossem roubadas. Mas elas valiam apenas dez sestércios, protestava. Demos um passo atrás, recolhendo o pé direito, e fomos

até o gabinete do tesoureiro, que contava dinheiro, e lhe pedimos que não punisse com rigor o servo faltoso.

Soberbo, ele levantou o rosto:

— Não é a importância que me irrita, mas a negligência desse imbecil. A veste que me roubaram era um traje de banquete que me foi dado por uma pessoa muito cara, púrpura fenícia, sem dúvida. Mas já tinha sido lavada uma vez. Enfim, não importa. Eu o perdôo do castigo.

XXXI

Comovidos com tanta clemência, quando entrávamos na sala do banquete, lá vem aquele mesmo servo, e, para nos agradecer o favor, nos cobre de beijos intensíssimos.

— Em suma — disse ele — agora verão que não fizeram favor a um ingrato. Eu sou o encarregado dos vinhos do nosso senhor.

Então, nos deitamos nos triclínios, quando escravos egípcios nos despejaram nas mãos água de neve derretida, outros nos pés, nos limpando as unhas com todas as sutilezas de hábeis manicures. Ao realizar esse ofício molesto, não ficaram em silêncio, mas cantavam. Perguntei se, naquela casa, todos os escravos só trabalhavam cantando, e mandei que enchessem minha taça, coisa que um escravo elegantíssimo fez num instante, cantando um ácido cântico, assim como faziam todos, quando lhe pediam alguma coisa. Você imaginaria estar no meio de um coral de pantomima, não na casa de um grande senhor. E lá vieram os pratos introdutórios daquele banquete magnífico. Todos já estavam reclinados em seus lugares, menos o próprio Trimalcião, a quem, contra o hábito, estava reservado o lugar de honra. Na baixela destinada às entradas, havia um burrinho de bronze, com uma bandeja contendo azeitonas, em parte pretas, em parte brancas. Nas costas do ani-

mal, havia dois pratos de prata em cujas margens lia-se o nome de Trimalcião e o preço do metal da peça. Arcos em forma de ponte sustentavam arganazes assados, temperados com mel e papoula. Salsichas frigiam sobre uma pequena grelha de prata, e sob ela, cerejas do Oriente com grãos de granada.

XXXII

Nessas delícias estávamos, quando o próprio Trimalcião, ao som de um coral magnífico, chegou transportado numa liteira e foi depositado num leito guarnecido de pequenas almofadas, coisa que foi motivo de riso aos menos prudentes.

Sua cabeça estava coberta por um manto púrpura, e sobre as pesadas vestes trazia um vasto guardanapo, cujas fímbrias lhe caíam de um lado e de outro. Trazia ainda no dedo mindinho da mão esquerda um grande anel de ouro puro, onde faiscavam pequenas estrelas de aço. E, para não deixar dúvidas sobre o imenso das suas riquezas, desnudou o braço direito, onde brilhava uma pulseira de ouro, com aplicações de um resplandecente marfim.

XXXIII

Com uma agulha de prata, começou a palitar os dentes, e disse:

— Amigos, ainda não era a hora que eu queria para vir sentar-me à mesa convosco, mas para não vos deixar esperando, abdiquei dos meus próprios prazeres. Será que tenho permissão para terminar o jogo que eu estava jogando?

Nisso, aproximou-se um jovem escravo com um tabu-

leiro da mais fina madeira de terebinto, e dados de cristal. Observei o detalhe sofisticadíssimo: em lugar de pedras brancas e pretas, peças de ouro e prata.

Enquanto jogava, comendo as pedras do adversário, a nós, convivas, foi servida uma cesta, sobre uma bandeja, onde se via uma galinha esculpida em madeira, de asas abertas, como fazem as galinhas quando vão botar ovos.

Aproximaram-se dois escravos e, ao som da música estridente, começaram a escarafunchar na palha atrás da galinha, apanhando os ovos de pavão, que começaram a distribuir entre os presentes.

Trimalcião voltou o rosto para a cena:

— Amigos — ele disse —, mandei colocarem ovos de pavão debaixo dessa galinha. Mas não sei se já estão chocos ou não. Vamos experimentar se ainda estão comestíveis.

Apanhamos colheres que não pesavam menos que meia libra, e quebramos os ovos, recobertos com uma farinha, que imitava perfeitamente uma casca.

Quase joguei longe a parte que me cabia, pois julguei ver lá dentro um pinto se mexendo.

A seguir, ao escutar um velho conviva dizer "acho que aqui deve ter coisa boa!", remexi dentro da casca e achei um raro pássaro, uma toutinegra bem gorda, cercada de gema de ovo com bastante pimenta.

XXXIV

Tendo interrompido seu jogo, Trimalcião já se servia de todos os pratos que rodavam na sala, e demonstrava seu poder, anunciando, em voz alta, que podíamos tomar quanto vinho quiséssemos. O conjunto musical deu um sinal súbito, e inúmeros escravos, cantando em coro, recolheram os restos que tínhamos deixado. A seguir, em meio ao tumulto do festim, cai uma travessa de prata e um escra-

vo correu para levantá-la. Trimalcião ordena que o rapaz seja esbofeteado no ato, e manda que a rica travessa seja de novo jogada no chão. A seguir, determina que venha um servente para varrer a rica travessa junto com toda a sujeira que já se acumulava no chão.

Nisso, entram dois negros etíopes, com vasta cabeleira, trazendo pequenos vasos com que se derrama água na areia do anfiteatro, e nos despejam vinho nas mãos. Água, nesta festa, nem pensar.

Louvado por tamanho requinte, Trimalcião:

— O deus Marte ama a justiça — disse, e mandou cada um dos convivas pegar uma mesa só para si.

— Assim ficaremos — disse — livres da aglomeração desses escravos fedorentos.

A seguir, trazem ânforas de cristal, com tampas de gesso, e uma etiqueta:

VINHO. FALERNO. CEM. ANOS.

Enquanto líamos as etiquetas, Trimalcião bateu palmas, e se lamentou:

— Ai, ai, ai, como o vinho vive mais do que o pobre homúnculo! Vamos encher a caveira. O vinho é vida. E esse aí é o verdadeiro Falerno. Ontem, não servi um tão bom, e os convivas eram gente bem mais fina que vocês.

Bebíamos, pois, admirando as magnificências que nos eram servidas, quando um escravo trouxe um esqueleto de prata, tão bem articulado nas juntas que se mexia como se estivesse vivo.

O escravo fez o sinistro boneco fazer uma série de movimentos, quando Trimalcião começou a declamar:

Ai, ai, pobres de nós, mortais!
Como o fio da nossa vida é tênue!
Assim seremos nós depois dos funerais.
Vivamos pois, enquanto é tempo.

XXXV

A essa versalhada, seguiu-se um prato que não nos pareceu digno daquele banquete.

Uma novidade atraiu todos os olhares, um dispositivo redondo representando os doze signos do zodíaco, sobre o qual estavam acomodadas inúmeras iguarias, relacionadas com o signo.

Sobre Áries, ervilhas. Sobre Touro, carne de gado. Sobre Gêmeos, testículos e rins. Sobre Câncer, uma coroa. Sobre Leão, figos da África. Sobre Virgem, ovas de truta. Sobre Libra, uma balança que, num dos pratos, trazia um bolo e, no outro, uma torta. Sobre o Escorpião, um peixinho do mar. Sobre Sagitário, uma lebre. Sobre Capricórnio, uma lagosta. Sobre Aquário, um pato assado. Sobre Peixes, um salmão.[20]

No meio deste globo, um suporte exibia um favo de mel.

Um escravo egípcio nos servia pão de um pequeno forno de prata, e com uma voz horrorosa cantava os louvores de não sei que infusão de vinho com uma planta misteriosa.

Tristes, íamos nos servir dessa comida miserável, quando Trimalcião disse:

— Por favor, vamos comer. É para isso que estamos aqui.

XXXVI

Isto disse, e, ao som da orquestra, quatro escravos saltitantes acorreram, e tiraram a parte de cima do globo.

(20) Esta extraordinária fantasia zodiacal de Petrônio, sozinha, merecia um ensaio só para deslindar seu labirinto de alusões, prodígio de analogias. (N. T.)

Feito isso, vimos abaixo, isto é, no outro compartimento, aves recheadas, peitinhos de leitoa e, no meio, uma lebre ornada de asas figurando o cavalo Pégaso. Notamos também nos cantos do globo quatro sátiros, portando pequenas ostras donde corria um molho apimentado sobre os peixes que nadavam num pequeno aquário. Aplaudimos todos esse refinamento, aplauso começado pelos escravos em volta, e, rindo, atacamos os pratos seletíssimos. Nem fez menos o próprio Trimalcião, contente com aquela proeza culinária:

— Corta! — ele gritou.

Na hora, avança um criado com uma faca e, sempre ao som da orquestra, começou a cortar as carnes, com a precisão com que um condutor de carros no estádio conduz sua biga ao som do órgão hidráulico.

Enquanto isso, Trimalcião dizia com lentíssima voz:

— Corta, corta!

Desconfiando que haveria talvez alguma sutileza nessa expressão tantas vezes repetida, não tive vergonha de perguntar ao meu vizinho de mesa sobre o sentido daquilo. Ele, que já tinha presenciado muitas vezes brincadeiras como aquela, me respondeu:

— Está vendo esse escravo que corta as carnes? Seu nome é "Corta". Assim, cada vez que Trimalcião diz "Corta!", ao mesmo tempo, com a mesma palavra, ele chama o escravo e manda-o fazer o que tem que fazer.

XXXVII

Não consegui degustar mais nada. E me voltando para aquele meu vizinho mais próximo comecei a puxar conversa, e disse querer saber quem era aquela mulher que não parava de ir pra lá e pra cá.

— É a mulher de Trimalcião, dona Monetária, bom nome, pois é ela que cuida de todo o dinheiro dele.

— E o que era antes de ser mulher dele?

— Era um tipo do qual você não quereria nem receber um pão da mão dela. Não sei como nem por quê, mas depois que se casaram, ela é tudo[21] para ele. Em suma, se ela disser a ele que está escuro ao meio-dia, ele acredita. Ele nem sabe quanta riqueza possui, de tão zilionário, mas essa governanta está por dentro de tudo e está por dentro de coisas que você nem imagina. Seca, sóbria, mulher dos bons conselhos, mas tem língua de cobra, uma víbora doméstica, quem ela ama, ama, quem não, não ama, e pronto. Trimalcião tem tantas propriedades que um vôo de corvo não cobre num dia, e dinheiro que os juros só fazem multiplicar, mais dinheiro em seus cofres que qualquer pessoa que eu conheça. Você nunca viu tanto ouro. E escravos, nossa!, nossa!, nunca, pelos deuses!, imagino que só um décimo deles todos jamais viram seu senhor. Em suma, com ele, todo mundo dança conforme a música.[22]

XXXVIII

O desgraçado não precisa comprar coisa alguma. Tudo lhe nasce em casa, lã, cera, pimenta e, se você quiser, até leite de pato. Em suma, se a lã que sua casa produzia estava de baixa qualidade, ele comprava carneiros de raça em Tarento para melhorar a lã. Para ter mel de primeira, mandou buscar abelhas na Grécia e as cruzou com os seus enxames domésticos. Um dia desses, mandou buscar na Índia sementes de cogumelos. E todas as suas mulas são

(21) *Ta panta,* "tudo", em grego, no original. (N. T.)

(22) "In rutae folium conjiciet", literalmente, "junta todos numa folha de arruda" (locução popular). (N. T.)

filhas de cavalos de sangue azul. Está vendo esses leitos todos? Não tem um só que não seja forrado de púrpura ou veludo escarlate. Isso é que é um sujeito feliz!

Quanto a esses escravos libertos que o cercam, seus antigos companheiros de servidão, não tenha pena deles. Vivem como príncipes. Está vendo aquele que ocupa o último dos últimos lugares nesta sala? Possui oitenta milhões de sestércios. Saiu do nada. Carregava lenha para viver. Mas como dizem (sei de ouvir dizer) roubou o chapéu de um íncubo e achou um tesouro. Não invejo nada a ninguém, se foi um deus que lhe deu. Esse aí, por exemplo, ainda traz as marcas das bofetadas do seu senhor, mas não tem do que se queixar. Ainda há pouco mandou afixar sobre sua porta a inscrição:

CAIO. POMPEU. DIÓGENES.
ESTÁ. ALUGANDO. SEU. CUBÍCULO.
ACABA. DE. COMPRAR.
UMA. CASA.

Que dizer daquele lá, que ocupa um lugar entre os libertos? Leva um vidão! Não lhe reprovo haver multiplicado seus bens por dez, mas seus negócios saíram mal. Acho que ele não tem um cabelo na cabeça que lhe pertença realmente, não, é claro, pelos deuses!, que seja sua culpa, não há pessoa melhor neste mundo, acontece que outros libertos limparam tudo o que ele tinha e não tinha. Você sabe, quando a panela fica vazia e as coisas vão mal, os amigos caem fora.

— E que honestos negócios praticava para se encontrar assim como o vemos?

— Olha, ele era agente funerário. Jantava como um rei, javalis inteiros, massas e pastéis, aves, cervos, peixes e lebres. Corria mais vinho debaixo da mesa dele do que você tem na adega.

— Isso é uma ilusão, não é coisa humana.

— Quando viu que seus negócios iam de mal a pior, para que seus credores não imaginassem que ele estava à beira da falência, mandou afixar o seguinte anúncio:

JÚLIO. PRÓCULO.
VENDE. SEUS. BENS. SUPÉRFLUOS.

XXXIX

Tão doces fábulas interrompeu Trimalcião, começava a ser servida a segunda parte do jantar e, animados pelo vinho, os convivas já começavam todos a conversar entre si. Nosso anfitrião, apoiado nos cotovelos:

— Vamos tomar todo o vinho que pudermos — ele disse. — É preciso fazer nadar os peixes que comemos. Vocês não acham que eu estou satisfeito com essa comida que acaba de nos ser servida, acham? Não conhecem as astúcias de Ulisses? Qual é a de vocês? Durante um jantar como este, é necessário discutir assuntos intelectuais. Descanse em paz a cinza do meu benfeitor!, aquele que quis que eu fosse um ser humano entre os seres humanos. Nenhuma novidade pode mais me espantar, assim, queridos, vou explicar os mistérios deste globo que vocês acabam de ver. Este céu, no qual doze deuses habitam, todo dia, muda de figura, e assim surge Áries. Assim, o carneiro. Assim, quem nasce sob este signo, possui sempre muitos rebanhos, muita lã, uma cabeça dura, testa despudorada, chifres agudos. Neste signo, nascem muitos intelectuais e arietinos.[23]

Aplaudimos a agudez do nosso astrólogo, que acrescentou:

(23) "Scholastici et arietilli." A estupidez de Trimalcião produz trocadilhos intraduzíveis. (N. T.)

— A seguir, o céu pertence ao Touro. Então, nascem as pessoas escoiceantes, os boiadeiros e os que pastam em geral. Sob Gêmeos, nascem os que se juntam aos pares, bois no arado, testículos do homem, gente que extrai seu prazer de ambos os lados. Sob Câncer, eu nasci, assim, me firmo sobre muitos pés, e muita coisa possuo no mar e na terra. Assim, sobre este signo, só mandei colocar uma coroa para não desfigurar meu horóscopo. Sob o signo de Leão, nascem os gulosos e mandões. Sob Virgem, as mulheres, os fugitivos e cativos. Sob Libra, os açougueiros, os perfumistas e todos os que vendem alguma coisa pesada na balança. Sob Escorpião, os envenenadores e os assassinos. Sob Sagitário, os estrábicos, que parecem estar olhando para a salada, quando estão de olho no toicinho. Sob Capricórnio, aqueles que trabalham tanto que ficam com calos tão duros quanto chifres. Sob Aquário, os donos de taberna e os paus-d'água. Sob o signo de Peixes, os cozinheiros e os professores de literatura. Assim gira o mundo, como uma pedra de moinho, sempre trazendo alguma desgraça nova, nasçam os homens ou faleçam. Nem é sem razão que no meio esteja esse favo de mel, já que a Terra, nossa mãe, redonda como um ovo, ocupa o meio de todas as coisas, e tudo em si contém, como um favo.

XL

— Gênio![24] esclamamos em uníssono, levantando as mãos para o céu e jurando que em todo o passado da Grécia nunca houve homem mais culto.

Nisso, chègaram criados e estenderam sobre nossos leitos tapetes onde estavam bordadas a agulha redes e todas as outras armas de caça.

(24) *Sophos,* em grego, no original. (N. T.)

Mal sabíamos onde colocar nossa admiração, quando um grande barulho se fez ouvir do lado de fora, e eis que cães da Lacônia entram e começam a correr em volta das mesas. A seguir, trazem uma enorme travessa onde estava um javali enorme, com chapéu de liberto, de cujas presas pendiam dois cestinhos de folha de palmeira, um com tâmaras da África, outro com tâmaras da Síria. Leitõezinhos feitos de massa cercavam o animal para indicar que era um javali fêmea. Os leitõezinhos foram dados como brindes aos convivas, para levarem para casa. Desta vez, não foi o mesmo Corta que se apresentou para destrinchar o javali, mas um gigante barbudo, vestido de caçador, que, com um enorme facão, abriu no flanco do javali uma fenda donde saiu uma revoada de pássaros. Em vão, as aves voam pelo teto da sala tentando escapar. Aproximam-se servos com redes que as apanham uma a uma e as oferecem a cada um dos convivas, quando Trimalcião diz:

— Vejam só, esse monstro deve ter devorado todas as raízes da floresta.

A seguir, os criados vieram e distribuíràm entre os presentes as tâmaras dos cestinhos que pendiam das presas do javali.

XLI

Enquanto isso tudo rolava, eu, que estava num lugar um pouco afastado do centro, me entreguei a diversas cogitações sobre esse javali, em cuja cabeça tinham colocado o chapéu dos libertos.[25]

Depois que consumi todas as bobagens[26] de que mi-

(25) O ritual de alforria de um escravo, em Roma, incluía a imposição de um chapéu, o *pileus.* (N. T.)

(26) *Bucolesias,* palavra raríssima. (N. T.)

nha cabeça era capaz, me virei para o lado e, mais uma vez, consultei aquele vizinho de mesa, que tinha me servido de intérprete em tantos enigmas.

— Teu escravo poderia te explicar isso — ele falou. — Não há mistério, tudo está claríssimo. Este javali foi servido ontem no final do banquete, os convivas, repletos, nem o tocaram. Assim, devolveram-lhe a liberdade. E, assim, hoje, ele retorna como liberto.

Fiquei puto com a minha estupidez, e não perguntei mais nada, não fosse o cara pensar que eu nunca jantei em casa de gente bem.

Enquanto isso, um jovem escravo, belíssimo, coroado com folhas de parreira, se atribuindo os nomes de Baco, Bromius, Lyaeus e Evius, dava a volta às mesas com uma cesta de uvas, que distribuía a todos, enquanto cantava com voz agudíssima os versos que seu senhor tinha composto.

A esse som, voltou-se Trimalcião:

— Dionísio — disse —, seja livre![27]

O escravo tirou o chapéu do javali e o colocou sobre a própria cabeça. Então, Trimalcião:

— Isso é que é ser um pai liberal!

Aplaudimos o belo trocadilho do nosso anfitrião e cada um da roda cobriu o belo escravo de beijos. Nesse momento, Trimalcião levantou para ir à latrina. Sua partida, nos livrando de sua tirania, liberou o papo geral.

Grita o primeiro, pedindo um cacho de uvas para o belo Baco:

— Um dia e nada é a mesma coisa. Você se vira, e já é noite. Nada melhor, portanto, do que passar direto da mesa para a cama. Não tomamos banhos frios nem quentes, mas para que melhores cobertas do que o calor do Falerno?

(27) Em latim, "Liber esto!", trocadilho intraduzível, sendo que Liber é um dos nomes do deus do vinho, Dionísio, Baco, Bromius, Lyaeus e Evius. Seria ao mesmo tempo, "esteja livre" e "seja Baco". (N. T.)

Engoli várias taças, e logo estava louco de dar gosto, o cérebro encharcado de vinho.

XLII

Um tal Seleuco o interrompeu:

— Quanto a mim, não me lavo todo dia. Lavar é coisa de lavadeiras. A água tem dentes, e consome nosso corpo todo dia. Basta eu tomar um gole de vinho tinto com mel, e chamo o frio de verão. Aliás, nem podia me banhar hoje, vim de um funeral. Bela pessoa, o falecido Chrysanthus acaba de esticar as canelas. Ainda há pouco me chamava, me chamava. Parece que ainda estou falando com ele. Ai, ai!, somos uns odres cheios, valemos menos que moscas, que, pelo menos, têm algumas qualidades. Nós, nós não passamos de bolhas d'água. E veja, se ele não fosse abstêmio e severo na alimentação? Cinco dias, não tomou uma gota d'água, uma migalha de pão, e se foi, assim mesmo. Quem o matou foram os muitos médicos, ou é porque tinha chegado sua hora. O médico é apenas um consolo para a alma. Mas morreu bem, caixão de primeira, flores de estação, roupas de gala, e as carpideiras choraram que era uma beleza. Libertou, no leito de morte, alguns escravos. Mas sua mulher, todo mundo viu, chorou apenas lágrimas de crocodilo. Por que isso? Ele sempre deu a ela do bom e do melhor. Mas sabe o que são as mulheres? Que nem gavião. É preciso não fazer nada para agradá-las. Seria como atirá-las dentro de um poço. Para elas, um amor antigo é um cárcere.

XLIII

Já Phileros proclamou:

— Lembraremos dos vivos. Ele teve tudo o que merecia. Viveu bem, melhor morreu. Pra que se queixar? Nasceu na merda, morreu nadando em ouro. Sua vida cresceu como cresce um favo de mel. Por Hércules!, deve ter deixado um milhão de sestércios, isso em grana viva. Mas vou lhes dizer a verdade, porque não tenho papas na língua.[28] O falecido era um desbocado sem-educação, maledicente, a própria discórdia encarnada. Seu irmão era gente fina, amigo dos amigos, mão-aberta, mesa cheia para todos. No começo de sua vida, deu um mau passo. Mas, na primeira vindima, começou a se aprumar. Vendeu seu vinho ao preço que bem quis. Andava de queixo erguido, tinha recebido uma herança modesta, e deixaria mais do que tinha recebido. E, contra seu irmão, o miserável não deixou seus bens a não sei qual desconhecido miserável? Realmente, para muito longe foge, quem dos seus foge. Imagine, tinha escravos como confidentes e conselheiros, eles o levaram a essa infâmia. Negociante algum anda bem, se acreditar no primeiro que aparecer. Mas não se pode dizer que ele tenha ido mal, já que ganhou, em vida, muito mais do que merecia. Era um filho da deusa Fortuna, em suas mãos, o chumbo virava ouro. Mas tudo é fácil para aqueles que têm tanta sorte que até os quadrados, para ele, rolam. E quantos anos você pensa que ele tinha, quando passou desta para melhor? Setenta, e daí pra cima. Mas era rijo como um chifre, carregava muito bem a idade que tinha, cabelos todos pretos, como um corvo. Quando o conheci, anos atrás, era chegado numa sacanagem e, até velho, continuou sacana. Não, por Hércules, não há muitos como aque-

(28) "Qui linguam caninam comedi", literalmente, "comi a língua do cachorro", locução que significa "ser franco até a brutalidade". (N. T.)

le. Homem mulherengo, sabido como um filho da deusa Minerva. Não o reprovo. Foi tudo que ele levou para a cova.

XLIV

Isso disse Phileros, isto, Ganimedes:

— O que vocês estão falando não tem pé nem cabeça. A fome ronda em nossa volta. Não, por Hércules!, hoje, o dia inteiro, não consegui um pedaço de pão para comer. Sabem por quê? A seca prossegue. Faz um ano que eu passo fome. Malditos os vereadores que fazem lá seus pactos com os padeiros. Você livra a minha, que eu livro a sua, e o povo miúdo que se foda, enquanto as mandíbulas desses sanguessugas mastigam banquetes. Ah, se tivéssemos ainda entre nós aqueles homens fortes como leões, que encontrei aqui, quando vim da Ásia! Aquilo é que era viver. A Sicília estava seca, os campos sem uma gota d'água, como se Júpiter a tivesse amaldiçoado. Me lembro de Safinium, ele morava perto do aqueduto velho, eu, criança, ele, uma verdadeira fera.[29] Por onde ele passava, a terra tremia. Mas era gente fina, limpo, amigo do amigo, o tipo de gente com quem você pode tranqüilamente jogar par ou ímpar no escuro. E no tribunal? Precisava vê-lo! Ele moía seus adversários. E não falava por esquemas, não. Dizia direto. Quando falava no tribunal, sua voz crescia como uma tuba que vai subindo de tom. Não suava, nem cuspia. Tinha alguma coisa de asiático. E como era bem-educado! Cumprimentava, lembrava do nome de todo mundo, como se fosse um de nós. Naquele tempo, não havia fome. Enquanto era edil, dois homens esfomeados não conseguiam comer um pão que custava um centavo. Agora, por esse

(29) "Piper, non homo", literalmente, "pimenta, não homem", rodeio expressional superlativo, típico de Petrônio. (N. T.)

preço, você compra um pão do tamanho de um olho de boi. Ai, ai, ai, cada dia, pior! Esse país cresce que nem cauda de vaca, para baixo! E por que não? Temos um edil de meia pataca que dá mais valor a um centavo do que a nossa vida. Em casa, vive na maior abundância. Ganha num dia mais dinheiro do que você vai ganhar em toda a sua vida. Sei de uma negociata dele que, num dia, lhe rendeu mil denários de ouro. Se nós tivéssemos vergonha na cara, uma coisa dessas não acontecia. Mas agora o povo é assim, em casa, uns leões, na rua, rabo entre as pernas, como as raposas. Quanto a mim, já vendi todas as minhas roupas para poder comer e, se a seca perdurar, vou ter que vender a roupa do corpo. Que futuro nos aguarda, se nem os deuses nem os homens fizerem alguma coisa por nossa terra? Os deuses que me perdoem, mas acho que é a vontade dos céus. Hoje em dia, ninguém mais acredita em nada, ninguém observa os dias de jejum, ninguém está dando a mínima se existe um Júpiter ou não. Todos, olhos bem abertos, ficam contando seu dinheiro. Antigamente, as mulheres iam, descalças, cabelos soltos, um véu no rosto, a alma pura, para orar a Júpiter que mandasse chuva. Logo, chovia a cântaros, e todo mundo ficava com um sorriso de orelha a orelha. Assim era então, hoje, jamais. Como os ratos, os deuses caminham com os pés calçados em lã. É porque não temos mais fé nos céus que não chove mais nos campos.[30]

XLV

— Por favor, vamos levantar o nível do papo — disse Echion, um esfarrapado. — Devagar, devagar — dizia o lavrador que tinha perdido um porco. — O que não for

(30) É quase inacreditável essa tirada de crítica social, voltada para o povo miúdo, numa literatura, como a romana, feita por e para a mais alta aristocracia. (N. T.)

hoje, vai ser amanhã, assim vai a vida. Não, por Hércules!, este país iria melhor, se fosse habitado por homens melhores. Agora, ele sofre. Não só ele. Não vamos ter papas na língua. O céu nasce para todos. Se você morasse em outro país, você diria que aqui os leitões passeiam cozidos. Não iríamos ter, em três dias, um espetáculo magnífico, um combate, não de simples gladiadores, mas com inúmeros libertos? Titus, meu senhor, tem a alma grande, uma cabeça esquentada, para ele, ou é isso, ou aquilo. Conheço ele bem, afinal, é meu senhor. Não é de brincadeira.[31] Com ele, é ferro puro, sem direito a fuga. No anfiteatro, vai ser uma carnificina linda de se ver. E ele tem recursos para isso. Ao morrer, seu pai lhe deixou três milhões de sestércios. Que gaste quatrocentos mil. Nem arranha sua fortuna. E deixa uma fama para sempre. Ele tem uns cavalos gauleses e uma mulher condutora de bigas para abrilhantar o espetáculo. Contratou a seu serviço o administrador de Glycon, que foi despedido, quando o patrão o encontrou comendo a mulher do próprio. Todos vão rir, uns tomando o partido dos amantes, outros, do marido traído. Glycon mandou atirar o administrador às feras, ele, que não vale um níquel. Isso é se entregar ao ridículo público. Em que pecou o escravo, que teve que fazer o que fez? A vagabunda é que merecia ser atirada às feras, não acha?

Mas quem não pode bater no burro, bate na canga. E, afinal, o que é que Glycon esperava de bom da filha de Hermógenes? Aquilo nunca foi flor que se cheire. Ele que tirasse o cavalo da chuva.[32] A cobra não dá à luz minhocas. Glycon expôs a cara, enquanto viver vai ficar a marca, quem sabe se o inferno vai conseguir apagá-la. Mas cada um peca seu próprio pecado. E já sinto até o cheirinho do

(31) "Non est mixcix", no original, palavra que só se encontra em Petrônio, a não ser que seja erro dos manuscritos que nos chegaram. (N. T.)

(32) "Ille milvo volanti poterat ungues resecare", literalmente, "era melhor que tentasse cortar as unhas de um gavião no vôo". (N. T.)

festim que vai nos dar Maméia, duas moedas de ouro, para mim e para os meus. Se ele fizer isso, vai fazer muito mais do que fez Norbano. É desse lado que sopra o vento. E, pensando bem, que nos deu esse tal Norbano? Um miserável de um jogo de gladiadores tão decrépitos que qualquer um derrubava com um sopro. Já vi melhores gladiadores lutando à noite, à luz de tochas. Onde você esperava galos, galinhas. Um gordo, que mal conseguia se arrastar. Um manco, que fazia dó. O que substituiu o que tinha sido morto, tinha os tendões cortados, como um prisioneiro de guerra. O único que ainda mostrou algum serviço era um trácio, que, no final, mostrou que estava numa jogada ensaiada. Em suma, um bando de covardes mentirosos, que estavam ali só para enganar a platéia. Com tudo isso, Norbano ainda disse:

— Ofereci um espetáculo e tanto. Faça os cálculos. Dei mais do que recebi. Uma mão lava a outra.[33]

XLVI

Parece que estou vendo você, Agamenon, dizendo:

— O que é que esse chato está dizendo?

Por que você, que fala tão bem, não diz nada? Você, já sei, não é da nossa faixa, e você ri dessas palavras de pobre. Todo mundo sabe que você é muito vaidoso da sua cultura. E daí? Qualquer dia desses, vou te convencer a vir visitar nossa aldeia e ver nossas casinhas. Vai ter alguma coisa pra comer, um frango, uns ovos. Vamos passar bem, embora o tempo este ano não tenha estado dos melhores. A gente vai achar um jeito de encher a barriga. Aliás, até vou te apresentar meu pequeno Cícaro, teu futuro discípulo, ele já sabe dizer quais são as quatro partes da oração. Se se criar, você vai ter ao seu lado um pequeno escravo do teu saber. É só ele ter um momento de lazer, e não tira os olhos do livro. Garoto esperto, bom filho, ele, embora tenha essa mania de ficar caçando passarinho, para botar na gaiola. Já matei uns três dos passarinhos dele, e disse que foi o gato. Mas ele continua montando suas arapucas. Já faz até versinhos, o bandido. Não acha mais graça em estudar grego, e estuda a língua latina com muito gosto, embora seu professor nessa matéria deixe muito a desejar. É um homem culto, mas não gosta de trabalhar. Tem também um outro professor, não tão preparado, mas mais atento, tanto que ensina mais do que sabe. Vem normalmente lá em casa em dias feriados e fica contente com qualquer pagamento que eu lhe dou. Comprei, há pouco, uns livros de Direito para o garoto, que eu quero que ele administre, um dia, nossa casa. Aí, sim, está um ganha-pão. De literatura, ele já está com a cabeça mais que cheia. O que eu quero, é que ele encare alguma profissão séria, barbeiro, escrivão público, ou pelo menos, advogado, uma coisa, enfim, que só a morte possa lhe tirar.

Assim lhe digo, todo dia:

— Meu filho, escuta o que eu te digo, o que você aprender, é pra você mesmo que você aprendeu. Olha o advogado Phileros, se não tivesse estudado, hoje, estava morrendo de fome. Anteontem, ontem, carregava lenha nas costas. Hoje, é quase tão rico quanto Norbano. As letras são um tesouro. E uma profissão nunca morre.

(33) A fala de Echion é toda feita de provérbios, adágios e anexins, a modos da portuguesa *Comédia Eufrosina,* de Jorge de Vasconcelos. (N. T.)

XLVII

As fábulas ainda vibravam no ar, quando eis que volta Trimalcião e, enxugando a testa, lavou as mãos com ungüentos, e disse, depois de um silêncio:

— Não levem a mal, meus amigos, há dias que não consigo cagar direito, e os médicos não sabem o que dizer. Mas acabo de tomar uma infusão de casca de granada no vinagre. Espero que assim minha barriga tome vergonha. Se não der certo, vocês me ouvirão peidar, como se um touro mugisse. Aliás, se algum de vocês tiver o mesmo problema, nada de acanhamentos. Ninguém é perfeito. Acredito que não há tormento igual ao de não poder cagar. Nem o próprio Júpiter poderia nos impedir disso. Você está rindo, minha cara Monetária, você que não me deixa dormir de noite de tanto que peida! Jamais impedi meus convidados de peidar, de cagar ou de mijar. Os médicos dizem que se deve fazer o que se tem vontade. Se alguém tiver alguma necessidade urgente, ali fora tem água, privada, panos, e tudo o que é preciso. Quando os vapores do corpo chegam no cérebro, o corpo todo se ressente. Já vi gente morrer, por não querer cagar.

Agradecemos a gentileza e a indulgência do nosso anfitrião, e, a seguir, quase morremos de rir, de tanto retermos o riso. Nem imaginávamos que mal estávamos no meio daquele festim inacreditável. Logo, tiradas as mesas, ao som da orquestra, três porcos brancos foram trazidos diante de nós, com uma argola no focinho e sinetas no pescoço. O escravo que os conduzia nos disse que um deles tinha dois anos, o outro três, e o outro já era velho. Imaginei que eram esses porcos treinados de circo e que, logo, iam fazer, diante de nós, algumas acrobacias.

Trimalcião dissipou as dúvidas:

— Qual deles vocês querem comer? Camponeses matam, na hora, galinhas, faisões e outros bichos, e os cozinham. Meus cozinheiros matam e cozinham bois, na hora.

Chamou o cozinheiro e, sem esperar nossa escolha, mandou matar o porco mais velho. E com a voz mais aguda:

— Cozinheiro, a qual grupo você pertence?

— Grupo quarenta, meu senhor.

— Comprado ou nascido na casa?

— Nenhum dos dois, senhor. Pansa me deixou em testamento.

— Então, capricha, senão te mando para a turma que limpa privadas.

O cozinheiro, ouvindo a voz da autoridade, mais que depressa, levou o porco para a cozinha.

XLVIII

Então, Trimalcião lançou até nós um olhar benigno:

— Esse vinho, se vocês não gostam, mando servir outro. Mas mostrem que vocês estão à altura dele. Graças aos deuses, tudo isso que vocês estão saboreando, eu não compro, mas se produz em minhas propriedades, algumas que eu nem cheguei a conhecer ainda, umas terras nos arredores de Tarracina e Tarento. Gostaria muito de comprar umas terras que me faltam entre esta parte e a Sicília para, quando eu quiser ir à África, eu possa viajar sem sair das minhas propriedades. Mas, diga aí, meu caro Agamenon, qual foi o discurso que proferiste hoje? Eu, se não faço discursos no tribunal, tenho cá comigo minhas letras. E, para você ver que nunca perdi o gosto por livros, saiba que tenho três bibliotecas, uma só de obras em grego, e duas latinas. Diga pois, se você me tem amor, um resumo da sua arenga de hoje.

Mal Agamenon tinha começado:

— O pobre e o rico eram inimigos... — quando Trimalcião o interrompeu:

— O que é um pobre?

— Brilhante pergunta — lisonjeou Agamenon, e começou a expor os termos da controvérsia que tinha conduzido aquele dia.

Na hora, Trimalcião:

— Se é um fato real, não é assunto para controvérsia. E, se não é um fato real, não é coisa alguma.

Todos aplaudimos entusiasmados a genialidade da observação, e Trimalcião prosseguiu:

— Meu caro Agamenon, lembra dos doze trabalhos de Hércules? E a história de Ulisses, aquele trecho em que o ciclope lhe arrancou o polegar com uma varinha? Ah, quando eu era criança, eu lia essas coisas todas em Homero. E vi com meus próprios olhos a sibila de Cumas suspensa dentro de uma ampola, e quando as crianças perguntavam a ela:

— Sibila, que queres?

Ela respondia:

— Eu quero morrer.[34]

XLIX

Trimalcião mal acabava de falar seu bando de asneiras, quando foi servida uma travessa com um enorme porco.

Ficamos admirados da velocidade dos cozinheiros que assaram um porco mais rapidamente do que a gente cozinha uma galinha. E nos espantamos de que o porco fosse ainda maior do que o javali que nos tinham servido há pouco.

Mas Trimalcião, de repente, olhando bem o porco:

— Mas o que é isso? Não tiraram as entranhas do animal? Me chamem, chamem já o cozinheiro!

O cozinheiro, angustiado, foi trazido e confessou que tinha esquecido de destripar o porco.

(34) No original, a pergunta das crianças e a resposta da Sibila estão em grego. (N. T.)

— Esqueceu? — gritou Trimalcião. — Quem ouve, tem a impressão de que você está dizendo que esqueceu de colocar pimenta e cominho. Abaixa a roupa!

Não demorou, e o pobre cozinheiro estava nu e entre dois escravos torturadores.

Começamos todos a implorar clemência para com o coitado:

— Isso acontece — dizíamos. — Por favor, perdoa. Se ele errar de novo, não pediremos mais clemência.

Eu fiquei possuído de uma crudelíssima severidade, e me inclinei no ouvido de Agamenon:

— Com franqueza, esse deve ser o mais imbecil dos escravos. Onde é que já se viu esquecer de tirar as tripas de um porco? Não, por Hércules! Não o perdoaria, nem se esquecesse de limpar as tripas de um peixe.

Mas Trimalcião, abrindo o rosto num sorriso, concluiu:

— Vamos, vamos, cozinheiro, já que tens tão má memória, abre e destrincha o porco diante de nós.

O cozinheiro recebeu sua túnica de volta, pegou o facão e começou a abrir, aqui e ali, com mão tímida, a barriga do porco. Não demorou, puxadas por seu próprio peso, começaram a cair, de dentro da barriga do porco, chouriços e linguiças em profusão.

L

Automaticamente, depois desta divertida brincadeira, os escravos na sala começaram a aplaudir e a gritar, "Viva Caio!". O cozinheiro teve a honra de beber em nossa presença, ganhou uma coroa de prata e bebeu numa taça de bronze de Corinto.

Agamenon examinou cuidadosamente a taça, e Trimalcião disse:

— Sou a única pessoa que possui taças com o verdadeiro bronze de Corinto.

Esperei que dissesse que, em Corinto, faziam taças de bronze só para ele. Mas ele disse mais:

— Quem sabe, talvez, perguntem por que só eu possuo taças de Corinto. É que o ourives que me fornece essas taças se chama Corinto. E que de mais coríntio que uma taça feita por alguém chamado Corinto?[35]

Mas não pensem — prosseguiu Trimalcião — que sou um ignorante, sei muito bem quando surgiram os primeiros vasilhames coríntios. Após a queda de Tróia, Aníbal, general esperto, ladrão como ele só, capturou todas as estátuas de ouro, de prata e de bronze que pôde achar, amontoou-as numa fogueira, e mandou tocar fogo. Dessa miscelânea, nasceu o metal que chamamos coríntio. Dessa massa, os artesãos fizeram pratos, bacias e estatuetas. Assim nasceu o coríntio, nem ouro, nem prata, nem bronze, tudo junto. Mas ouçam o que eu digo: preferia só ter objetos de vidro, alguns não gostam. Se não quebrasse tão fácil, eu o preferiria ao próprio ouro. Frágil do jeito que é, é uma porcaria.

LI

Uma vez, um artesão fez um vaso de vidro que não quebrava. Foi admitido na presença de César com seu presente. A seguir, apanhando-o das mãos do imperador, atirou-o no chão. César não podia ficar mais perplexo. Mas ele apanhou o vaso do chão. Tinha só uma pequena marca, como se fosse feito de bronze. Então, o artista tirou um martelinho da sacola e, com toda a calma, corrigiu a marca. Feito isso, o artesão julgou ter herdado o céu de Júpiter, já que o imperador lhe perguntava:

(35) Jogo de palavras entre o nome da cidade grega de Corinto e um escravo chamado Corinto. (N. T.)

— Além de você, quem mais sabe o segredo de fazer vidro inquebrável?

— Só eu, majestade.

— Guardas! Cortem-lhe a cabeça. Se esse segredo se espalhar, ouro e merda vão ser a mesma coisa.

LII

— Meu negócio são objetos de prata. De prata, tenho vasos do tamanho de uma urna, mais ou menos. Neles, o cinzel gravou Cassandra degolando seus filhos, os cadáveres das crianças tão bem cinzelados que vocês diriam estar vendo a cena. Tenho um jarro de prata que o célebre Mys deixou para o meu senhor, nele, se vê Dédalo aprisionando Níobe dentro do cavalo de Tróia.[36]

Tenho, ainda, taças representando a luta entre Hermeros e Petractis, tudo coisa de muito valor, aliás, coisas que me são caras, não vendo por dinheiro algum.

Enquanto dizia essas coisas, um criado deixou cair um cálice.

— Você! Açoite-se você mesmo, para deixar de ser imbecil.

O pobre coitado abriu a boca, balbuciando, para implorar clemência.

Mas Trimalcião:

— O que é que você está me pedindo? Faço isso só para que você tenha mais cuidado no serviço.

Mas, dobrando-se a nossas súplicas, Trimalcião perdoou o rapaz.

(36) A cultura *nouveau riche* de Trimalcião é um verdadeiro "samba do crioulo doido". (N. T.)

Assim que o coitado saiu, Trimalcião começou a correr em volta das mesas, gritando:

— Chega de água! Chega de água! Mais vinho! Só vinho!

Aplaudimos com alegria essa tirada de humor de nosso anfitrião, sobretudo Agamenon, que sabia como fazer para ser convidado à mesa de Trimalcião.

Coberto de elogios, Trimalcião voltou a beber. E já meio bêbado:

— Nenhum de vocês convida minha cara Monetária a dançar? Olha que pouca gente dança como ela!

E ei-lo, braços levantados, imitando os gestos do bufão Syros, enquanto toda a escravaria gritava:

— Meu Deus, é lindo, meu Deus, que maravilha![37]

E teria saído dançando pela sala, se dona Monetária não lhe tivesse sussurrado no ouvido, certamente, que tal comportamento era indigno de um personagem de tamanha importância. Nada mais instável que seu humor. Ora, fazia o que a mulher lhe dizia. Ora, retornava à sua verdadeira natureza.

LIII

O impulso dançarino de Trimalcião foi interrompido pela entrada de um escrivão que, como se lesse os altos feitos de Roma, começou:

— No dia 7 das calendas de julho, nasceram nos domínios de Cumas, pertencentes a Trimalcião, trinta meninos e quarenta meninas. Das granjas aos celeiros, foram transportados quinhentos mil módios de trigo. Nasceram quinhentos bois. Nesse dia, o escravo Mitridates foi crucificado por ter amaldiçoado a alma do nosso senhor. Nesse

(37) Em grego, no original. (N. T.)

dia, ainda, foram recolhidos à caixa, sem aplicação, dez milhões de sestércios. Nesse dia, aconteceu um incêndio nos jardins de Pompéia, saído da fazenda Nasta:

— Como?! — exclamou Trimalcião. — Desde quando sou dono dos jardins de Pompéia?

— Desde o ano passado, senhor. Mas ainda não tinham entrado na contabilidade geral.

Trimalcião ficou uma fera:

— Proíbo terminantemente que me adquiram propriedades sem me avisar com seis meses de antecedência.

Então, o escrivão recitou as leis municipais recentes, e os testamentos, onde Trimalcião não constava como beneficiário. A seguir, a lista dos nomes dos administradores das fazendas e granjas. E a história de uma liberta, repudiada pelo administrador geral, por ter sido surpreendida nos braços de um rapaz encarregado dos banhos. Explicava-se por que razões um administrador tinha sido exilado para Baias. Um tesoureiro tinha desviado dinheiro. E várias intrigas entre a escravaria miúda.

Nesse ponto, entraram os malabaristas. Um deles, um tipo muito sem graça, levantou uma escada e mandou um garoto subir nela e, na parte mais alta, dançar e cantar, depois, atravessar rodas de fogo e sustentar ânforas nos dentes. Só Trimalcião se divertia com isso, lamentando que uma arte tão difícil fosse tão mal recompensada. A seguir, declarou que só havia dois tipos de espetáculos que ele admirava, malabaristas e acrobatas. Quanto a todos os outros animais e palhaços, isso tudo era bobagem.

— Uma vez — disse — comprei um grupo de atores para me representar apenas comédias romanas, nada de grego. E dei ordens a meu chefe de orquestra de só tocar canções latinas.

LIV

Quando Trimalcião estava no auge da sua fala, o garoto Malabarista caiu lá de cima da escada, bem em cima dele.

Os escravos começaram a gritar, bem como os convivas, não de pena, evidentemente, daquele ser vil, que tinha quebrado o pescoço, mas pela interrupção no festim, ninguém estava a fim de chorar um morto que nem conhecia.

Trimalcião emitia longos gemidos, e se apoiava sobre o braço, como se estivesse sofrendo dores agudas. Os médicos o socorreram e, sobretudo, dona Monetária, cabelos desfeitos, um vaso na mão, se proclamando a mais infeliz e miserável entre as mulheres. Quanto ao garoto que tinha caído, arrastava-se aos nossos pés, pedindo perdão pela péssima *performance*. Eu só temia que não fosse mais uma ridícula comédia preparada pelo nosso anfitrião. Já bastava aquela farsa com o cozinheiro que não tinha destripado o porco. Assim, comecei a olhar em volta da sala, para ver se não ia se abrir alguma parede com um novo truque. Nesse momento, açoitava-se um escravo que, ao socorrer Trimalcião, em vez de envolver seu braço ferido com pano púrpura, o tinha envolvido com mera lã branca.

Minhas suspeitas se confirmaram. Em vez de mandar castigar o garoto pela má atuação, Trimalcião deu ordens para que o alforriassem imediatamente para que não se dissesse que um personagem de tamanha importância tinha sido ferido por um escravo.

LV

Aplaudimos este ato de clemência magnânima, e nos alegramos falando da instabilidade das coisas humanas.

— Assim é — disse Trimalcião —, e um evento como este não merece passar sem condigno registro literário.

Pediu material de escrever e, sem muito esquentar a cabeça, recitou:

O imprevisto ocorre
quando você menos espera.
Sobre nós, reina o Acaso.
Traz mais vinho, Valério.

Este epigrama levou o assunto para a discussão sobre os poetas, e todos estavam inclinados a julgar Marso da Trácia como o maior de todos.

Mas Trimalcião:

— Mestre Agamenon, me diga qual a diferença que você vê entre Cícero e Públio? Para mim, o primeiro é mais eloqüente, mas o outro, mais sincero. Quem poderia fazer um poema melhor que aquele que diz:

Luxo, luxúria, murcham os muros de
Roma.
Pavões pascem nos jardins dos palácios,
Senhores envoltos em sedas da Ásia,
Aves exóticas da Numídia e da Índia,
Íbis, lânguidas, lúbricas, peregrinas,
A infâmia fez ninho entre nós.
Mas nós nos comprazemos em pérolas e
safiras.
E as matronas buscam seu prazer adúltero,
sob o beneplácito dos maridos.
A esmeralda brilha mais que o vidro verde.
De que vale a opala, o ônix e a ametista,
se o ancestral pudor perdeu sua luz?
Para que vestir as noivas com um manto
de seda?
Melhor mostrá-las nuas para o rol dos
candidatos.

LVI

— Qual seria, segundo você, o ofício mais difícil, depois do das letras? Penso que seja o de médico e o do tesoureiro. O médico sabe o que o mísero ser humano tem dentro das entranhas, e quando a febre vem. Mesmo assim, odeio aqueles que me fazem sempre tomar poções amargas. O tesoureiro, ao ver a moeda, sabe a qualidade do metal. Há duas espécies de animais mudos que trabalham pra burro, os bois e as ovelhas.

Graças ao trabalho dos bois, temos pão para comer. Graças às ovelhas, lãs para nos vestirmos gloriosamente. Mas, ó crime indigno, a gente come as ovelhinhas, esquecendo que lhes devemos nossas vestes. Abelhas considero animais divinos, pois vomitam mel, embora se diga que o recebem do próprio Júpiter. Mas também fazem picadas dolorosas, o que mostra que a dor e a doçura costumam vir juntas.

E lá ia Trimalcião dando uma de filósofo, quando um jovem escravo começou a passar entre os presentes um vaso com bilhetes sorteados. Um escravo lia as sortes que iam saindo para cada um:

"Maldito Dinheiro!", e lá vinha um pernil sobre o qual havia uma galheta de vinagre.

"Pescoço!", e trouxeram um nó de forca.

"Absinto e Conflito!", e lá vieram uma porção de cerejas selvagens, um gancho e uma maçã.

Por um bilhete que dizia "Peras e Pêssegos", um conviva recebeu um chicote e uma faca. Outro, por um que dizia "Pardal e Espanta-moscas", recebeu uvas passas e mel grego. "Roupa de Festa e Roupa de Tribunal", um bolo e tabuinhas de escrever. "Canal e Pedal", uma lebre e um chinelo. "Peixe e Letra", um rato amarrado numa rã, e um feixe de acelga.

Rimos um tempão.

Foram sessenta, ao todo, os sorteios, tanto que já não lembro mais direito de todos.

LVII

Ascilto, na licença da intemperança, rindo até as lágrimas, levantou as mãos para o alto, e começou a zombar daquilo tudo, para irritação do meu vizinho de mesa:

— Está rindo de quê, imbecil? Será que não são do seu agrado as delícias do meu senhor? Por acaso você é mais rico que ele e costuma ter jantares melhores? Que os deuses tutelares desta casa me projetam! Se eu estivesse mais perto de você, já teria acabado com esses teus urros. Belo pomo, que ri dos outros.[38] Pra mim, é um ladrão noturno, que não vale a corda em que vai ser enforcado. Vontade de lhe jogar todo esse vinho na cara, queria ver para onde vai fugir. Por Hércules!, raramente me irrito, mas na carne mole nascem os vermes. Ri, o idiota. Está rindo de quê, posso saber? Esse aí nem sabe quem foi seu pai. Se pela roupa quer nos fazer crer que é um verdadeiro cavalheiro romano, então, eu sou filho de um rei. Por que, então, vivo em servidão? Porque eu mesmo assim quis, preferindo ser cidadão romano a ser rei tributário. Agora, pretendo viver de tal forma que não seja mais joguete de ninguém. Sou um homem entre os homens, caminho de cabeça erguida, não devo um tostão a ninguém, ninguém nunca me processou, ninguém nunca me disse num tribunal "paga o que deves". Tenho minhas terrinhas, barras de ouro no meu cofre, dou de comer a vinte bocas, fora o meu cachorro, comprei minha mulher do seu dono, para que ninguém mais botasse a mão nela, fui feito edil, espero, enfim, morrer sem levar vergonha nenhuma desta vida. Você, você é tão cheio de falcatruas, que nem tem coragem de olhar para trás! Você é dos tais que enxergam um cisco no olho dos outros e não vêem um escorpião em cima da própria cabeça! E ainda acha que nós é que somos ridículos! Eis aí Agamenon, teu senhor, esse sim, um homem

(38) Expressão proverbial. (N. T.)

idoso, mas que sabe se comportar em sociedade. Você, dentinho de leite, já sabe o be-a-bá? Penico quebrado, pedaço de couro molhado, que só ficou mais macio, mas não melhorou em nada! Você tem mais dinheiro que nós? Então, almoce duas vezes, jante duas vezes. Eu estimo mais minha boa consciência do que os tesouros. Em suma, quem já me pediu duas vezes alguma coisa que eu devia? Fui escravo quarenta anos. Mas nem sei dizer se eu era escravo ou homem livre, já que vim para esta região ainda garoto, de cabelos compridos. O templo grande ainda não existia. Fiz meus melhores esforços para contentar meu senhor, homem poderoso e carregado de dignidades, uma unha dele valia mais do que você inteiro. E bem que tinha na casa muitos inimigos que viviam pondo armadilhas na minha frente. Mas, graças aos meus espíritos protetores, consegui me manter à tona. Isso é que é ser um campeão. Nascer livre é fácil, eu quero ver se libertar por suas próprias forças. O que é que você está aí, de boca aberta, que nem um bode diante de uma estátua de Mercúrio?[39]

LVIII

Quando ele terminou de falar, Giton, que estava sentado mais abaixo, e já segurava a gargalhada há muito tempo, estourou de rir tão escandalosamente que o adversário de Ascilto voltou contra o garoto toda a sua cólera:

— O quê? Você também ri, franguinha arrepiada?[40] Ah, é Carnaval! Mas já é fevereiro? Quando foi que teu senhor te libertou? Olha que você ainda acaba na cruz, almôndega de corvo! Olha que Júpiter te castiga, a você e a esse teu senhor que não sabe manter tua boca fechada!

(39) Locução proverbial. (N. T.)
(40) "Pica cirrata", literalmente, "pega de crista" (ave). (N. T.)

Que eu não sinta mais gosto no pão!, por Hércules, se não estivéssemos na casa de um ex-colega, eu ia lhe mostrar com quantos paus se faz uma canoa! Isto aqui é uma casa de respeito, o que já não se pode dizer desse pilantra do teu senhor, que não sabe botar seus escravos no devido lugar. Claro, tal senhor, tal escravo. Estou me controlando, tenho a cabeça quente por natureza. Quando eu invoco com alguma coisa, sai da minha frente, minha mãe! Está certo, te encontro aí fora em algum lugar, rato, verme da terra! Que eu vá à falência, se eu não acabar com a raça desse seu patrãozinho de merda! E não pense que você vai escapar, ah, não, nem que me implore por Júpiter! Vou esticar essa tua cabeleira um meio palmo, pelo menos, e esse teu patrãozinho vai ver o que é bom! Ou eu não me conheço, ou vocês vão perder essa vontade de zombar dos outros, nem que vocês tenham barbas de ouro como os deuses! Vou dar um jeito para que a feiticeira Sagana fique com muita raiva de vocês, e até de quem deu o peito para você mamar! Não cheguei a aprender aritmética, análise sintática e outras metafísicas do mesmo naipe. Mas sei lidar com dinheiro, sei tirar a regra de três, no tostão, no centavo, no milhão! Quer ver, quer ver, vamos fazer uma aposta. Te concedo o primeiro lance. Teu pai perdeu todos os bens que tinha para que você pudesse terminar seus estudos, certo? Qual de nós veio de mais longe e foi mais além? Paga, que eu te digo. Qual de nós corre e não sai do lugar? Qual de nós cresce e fica menor? Te agitas, te apavoras, te atormentas, como um rato num penico.[41] Vê se cala essa boca e não molesta alguém melhor do que você, pra mim, você nem nasceu ainda. Nem imagine que me impressionam esses seus belos anéis que, com certeza, você roubou da sua amante. Pelas asas de Mercúrio!, vamos até o mercado para emprestar dinheiro. Você vai ver quanto crédito tem este meu

(41) O virtuosismo de registro dessa fala bêbada, por Petrônio, certamente, só seria depois superado por Joyce. (N. T.)

anel de ferro. Bah, grande coisa você é, sua raposa molhada! Assim lucre eu tanto nesta vida que, quando eu morra, o povo todo reze em meu nome, que hei de perseguir vocês nas barras de todos os tribunais. E que bela porcaria é esse que te ensinou tudo isso! Mufrius, nosso professor, que nós estudamos, costumava dizer:

— Fizeram os deveres? Vão direitinho para casa, nada de olhar para os lados, nada de falar mal dos mais velhos, nada de ficar contando quantas casas tem na rua. Só assim se chega a algum bom resultado.

Quanto a mim, dou graças aos deuses que me proporcionaram o preparo para, hoje, ocupar o lugar que ocupo na sociedade.

LIX

Ascilto já ia começar a responder à altura ao ataque violento, quando Trimalcião, agradado pela eloqüência do seu ex-camarada de escravidão, interrompeu:

— Vamos parar de brigar. Com delicadeza, se vai mais longe. E você, Hermaros, tenha pena do rapazinho, ele ainda tem o sangue fervendo, mostre que você é mais sábio. Nessas coisas, vence quem vence a si mesmo. Quando você foi castrado, cocoricó!, você era tão insensato quanto ele. Vamos todos confraternizar, enquanto não chegam os homeristas.

Entrou o coro dos homeristas, batendo as lanças nos escudos. E Trimalcião sentou em seu trono e, quando os homeristas começaram a recitar versos em grego, como é seu papel, Trimalcião, com insolência, começou a ler em voz alta um livro em latim.

Logo, fez-se silêncio.

— Sabem — disse Trimalcião — que fábula representam? Diomedes e Ganimedes eram dois irmãos. Helena, sua

irmã. Agamenon a raptou e pôs em seu lugar uma cerva para ser imolada à deusa Diana. Assim, Homero, neste poema, nos relata os combates entre os troianos e os parentinos. Agamenon foi vencedor e deu sua filha Ifigênia em casamento a Aquiles. Por causa disso, Ajax perdeu o juízo, como vai explicar agora o argumentista.

Trimalcião ainda falava, quando os homeristas deram um grande clamor, e os escravos trouxeram um bezerro cozido, numa grande bandeja, com um capacete na cabeça. A seguir, entrou Ajax, espada na mão, meio enloquecido, e começou a cortar o bezerro, espetando pedaços de carne, que distribuiu cerimoniosamente a todos os convivas maravilhados.

LX

Não deu muito tempo de admirar tão elegante *performance*. Logo, o teto começou a rachar, que toda a sala tremeu. Espantado, me levantei, não fosse algum malabarista da corda bamba cair em cima de mim. Os outros convivas olharam para cima, para ver que nova surpresa ia descer do céu. De repente, a cúpula superior se abre, e descem sobre nós coroas de ouro com vasos de alabastro, cheios de preciosos bálsamos. Recebíamos esses dons, quando olhamos para a mesa, onde tinha descido uma bandeja com bolos em forma de falos, cercados de uvas e maçãs. Levávamos as mãos àquela extravagância, quando uma nova brincadeira despertou nossa hilaridade. Mal tocávamos os bolos, um jato de perfume saltava de dentro e nos inundava com seu odor molesto. Crentes que esses falos tinham poder mágico, nos levantamos, fazendo as libações de costume, gritando: Viva Augusto, Pai da Pátria! Após este ato de veneração, passamos a mão nas maçãs e começamos a encher nossas sacolas. Eu, principalmente, apanhei uma

porção para depositar no peito do meu caro Giton, que adorava maçãs. Nisso, entram três escravos, envoltos em túnicas brancas. Dois deles colocaram sobre a mesa a imagem dos deuses Laras, com bolas de ouro no pescoço, o terceiro, copo cheio na mão, deu a volta à mesa e pronunciou a fórmula votiva: Sejam propícios os deuses! Dizia que um desses deuses se chamava Cerdon, o outro Felicion, o terceiro, Lucron. Passou a seguir uma imagem do próprio Trimalcião que, já que todos a beijavam, não ousamos deixar de fazer o mesmo.

LXI

Todos os convivas se desejaram mutuamente a saúde do corpo e do espírito, Trimalcião olhou para Niceros e disse:

— Você costumava ser mais simpático. Por que está tão calado hoje? Por favor, se você quer me ver feliz, conta as coisas que têm te acontecido.

Deleitado com esta afabilidade do amigo, Niceros falou:

— Que nunca mais nada me dê certo, se não for verdade que estou contente de te ver tão bem. Tenho uma história engraçada para contar, embora tema que esses eruditos todos riam de mim. Seja. Vou contar minha história. Ri melhor quem ri por último.

Quando disse estas coisas .....,

assim começou sua fábula:

— Eu ainda era escravo, e a gente morava nesse beco onde atualmente é a casa de Gavilla. Lá, os deuses querendo, me apaixonei pela mulher do Terêncio, o taberneiro. Vocês todos já ouviram falar de Melissa de Tarento, a

coisinha mais fofa que alguém jamais beijou.[42] Mas, por Hércules!, não era atração física ou coisas de Vênus que me atraíam nela, mas é que era uma mulher de grandes qualidades. Nunca me negou o que eu pedia. Qualquer dinheirinho que eu tivesse, jogava entre os seios dela, e nunca me arrependi da minha confiança. Seu marido morreu durante uma viagem. Dei por paus e pedras para me encontrar com ela. É nessas horas amargas que os verdadeiros amigos aparecem.

LXII

Por sorte, meu senhor foi a Cápua vender uns bagulhos de bom preço.

Aproveitando o acaso, persuadi nosso hospedeiro a me acompanhar umas cinco milhas do local. Era um soldado forte como o inferno. Saímos na hora em que as galinhas cantam, a lua brilhava com uma claridade de meio-dia, e, de repente, nos encontramos no meio de uns túmulos. Meu acompanhante se pôs a rezar para o alto, eu sentei, e comecei a contar estrelas. Então, olhei para meu companheiro, ele tirava toda a roupa e a colocava ao lado do caminho. Eu, puxa!, estava com o coração na garganta,[43] e fiquei ali, como um cadáver.

Foi aí que meu companheiro começou a mijar em cima de suas roupas, e, de repente, se transformou em lobo. Não pensem que estou brincando, não minto, nem por todo o ouro do mundo. Mas onde é que eu estava mes-

(42) "... pulcherrimum basioballum", literalmente, "o mais belo bolo de beijos". *Basioballum* é um composto inventado por Petrônio. (N. T.)

(43) "Mihi, en, anima in naso esse", literalmente, "estava com a alma no nariz", expressão popular. (N. T.)

mo? Ah, sim, transformado em lobo, começou a uivar e fugiu para as florestas. Eu nem sabia mais onde estava. Daí, dei um passo para apanhar as roupas dele. Tinham se transformado em pedras. Ninguém nunca ficou tão apavorado quanto eu. Tirei minha espada e, brandindo-a com toda a energia, espantei os fantasmas que embaraçavam meu caminho até a casa da minha querida. Quando entrei, quase soltei a alma pela boca, riachos de suor corriam pelo meu corpo todo, os olhos estavam quase mortos, quase não conseguia mais voltar a mim.

Melissa ficou espantada de me ver chegar àquela hora:

— Se você tivesse chegado mais cedo, poderia ter nos ajudado. Um lobo entrou na granja e estraçalhou todos os nossos carneiros, foi sangue que não acabava mais. Mas não ficou por isso, quando ele fugia, um de nossos servos acertou uma lança bem nas costas dele.

Quando ouvi isso, arregalei os olhos o mais que pude, amanhecia, e voltei correndo para a nossa casa, que nem um mercador assaltado por bandoleiros. Quando passei pelo lugar onde as roupas tinham virado pedra, nada encontrei, apenas sangue. Ao chegar em casa, o soldado, meu companheiro, jazia no leito, sangrava como um boi, e um médico tratava de uma ferida em suas costas. Entendi então que era um lobisomem, e não pude mais sentar na mesma mesa com ele. Não, nem que me matasse. Quem quiser ter outra opinião, à vontade! Se eu estiver mentindo, que os deuses desta casa derramem toda a sua ira sobre mim!

LXIII

Todos ficamos boquiabertos de espanto. E Trimalcião falou:

— Acredito em você, tanto que meus cabelos se arrepiaram todos. Sei que Niceros não é de contar mentira. É

homem de uma só palavra, pau, pau, pedra, pedra. Agora, eu vou contar a vocês uma coisa horrível. Um asno no teto. Quando eu ainda era cabeludo, quando eu era rapaz, e que rapaz sacana eu era!, Iphis, meu caso, morreu, e, por Hércules!, que gatinho gostoso, uma pérola de pessoa, uma perfeita delícia. Enquanto sua pobre mãe o pranteava, e nós junto com ela, de repente, ouvimos as vozes das bruxas, parecia um cão de caça perseguindo uma lebre. Tínhamos conosco um homem da Capadócia, alto, um valentão a toda prova, e que teria enfrentado o próprio Júpiter com raio e tudo. O tipo puxou a espada, enrolou o manto no braço esquerdo e saiu lá fora, chegou numa das feiticeiras e enfiou-lhe a espada bem aqui (os deuses protejam esta parte do meu corpo!). Ouvimos o gemido. Mas, não estou mentindo, não conseguimos ver as feiticeiras. Voltando para dentro, nosso valentão se atirou na cama, o corpo todo lívido, como se tivesse sido açoitado, é que ele tinha sido atingido por uma "mão ruim". Nós, portas fechadas, voltamos a velar nosso defunto, mas, quando a mãe abraçou o corpo de seu filho, não era mais que um boneco de palha, sem coração, nem entranhas, sem nada dentro. As bruxas tinham roubado o corpo do garoto e deixado em seu lugar aquele espantalho. Por favor, rogo, acreditem em mim, existem essas mulheres maléficas, seres noturnos, que botam tudo de ponta-cabeça. Quanto ao nosso valentão da Capadócia, não recuperou mais a cor. Dali a dias, enlouqueceu e morreu.

LXIV

Nós nos entreolhamos, acreditando naquilo tudo, beijamos a mesa, e conjuramos as bruxas a ficarem em casa, sem nos atacar quando voltássemos do festim. De tão bêbado que eu estava, eu já via as luzes da festa se multipli-

cando em mil, e todo o aspecto da sala se transformar, quando Trimalcião disse a Plócrimo:

— E você, caro Plócrimo? Não tem nada a dizer para nos divertir? E dizer que você costumava ser a alma da festa! Você cantava tão lindo, dizia poemas tão bem. Ai, ai, não se fazem mais festas como antigamente!

— É verdade — disse Plócrimo. — Desde que fiquei doente da gota, não sou mais o mesmo. Antigamente, quando eu era garotão, eu cantava até quase ficar tuberculoso. Como eu dançava! Como eu dizia bem meus versos! Como representava bem qualquer comédia! Igual a mim, só o célebre Apelletes, lembram?

Dito isso, pôs os dedos na boca, e soltou um assobio agudíssimo, que, depois, disse ser de origem grega. Quanto a Trimalcião, depois de tentar acompanhar os flautistas, voltou-se para o garoto que era sua paixão atual, um tal de Creso, um tipinho com os olhos remelentos, os dentes amarelos, que tentava amarrar uma faixa verde numa cadela preta, muito gorda. De um pão enorme, tirava bocados que tentava fazer a pobre cadela engolir. Com isso, Trimalcião lembrou de mandar trazerem até sua presença o cão Scylax, a fera que guardava sua casa. Não demorou, trouxeram um cachorro enorme, preso por uma corrente. Um escravo lhe deu um pontapé para que se deitasse, e ele se estendeu quietinho diante da mesa. Trimalcião jogou até ele um pão branco e disse:

— Ninguém me ama mais nesta casa do que este animal.

O garoto Creso, indignado com os louvores a Scylax, depôs a cadela no chão e a instigou contra o mastim, tentando provocar uma briga. Scylax, segundo o instinto de sua raça, atroou a sala com latidos apavorantes e quase estraçalhou a cadelinha de Creso, que se chamava Pérola. Mas não ficou nisso a confusão, um candelabro caiu do teto, quebrou todos os cristais que estavam embaixo e espirrou óleo fervendo em vários convivas. Trimalcião,

para não dar a impressão de que tinha se importado com o acidente, beijou Creso e mandou o garoto trepar em suas costas. Sem demora, o queridinho de Trimalcião começou a fazer de conta que este era um cavalo e a lhe dar tapas nas costas:

— Upa, upa, upa, cavalinho alazão!

Depois de um tempo, Trimalcião mandou servir vinho numa grande taça e distribuí-lo a todos os escravos, que estavam a nossos pés, com uma observação:

— Se alguém não quiser beber, despejem o vinho na cabeça dele. De dia, sou um senhor severo. Mas agora estou de bom humor.

LXV

Depois deste ato de humanidade, vieram mais delícias, que só de me lembrar, me ronca o estômago.

Em lugar de passarinhos, serviram a cada um de nós galinhas gordas e ovos de ganso amassados no pilão, que, quando comíamos, Trimalcião disse ser carne de galinha desossada. Comíamos desbragadamente, quando alguém bateu na porta, um alto magistrado, e entrou, acompanhado de um grande séquito. Assustado com a pompa que cercava o personagem, pensei que era o próprio pretor que chegava. Assim, fiz menção de me levantar e botar os pés descalços no chão.

Agamenon percebeu e riu desta minha trepidação:

— Não se mexa, seu grande imbecil. É apenas o vereador Habinnas, marmoreiro, muito hábil em esculpir lápides tumulares.

Serenado com a explicação, voltei a me recostar, admirado com a solenidade da entrada de Habinnas, que já meio de cara cheia, apoiava-se com uma mão no ombro da sua esposa. De seus cabelos, ornados com muitas coroas

de flores, escorriam riachos de ungüentos perfumados. Sentou-se no lugar de honra e pediu mais vinho e água quente. Trimalcião pareceu gostar da descontração da figura, pediu vinho numa taça maior e perguntou a Habinnas como tinha sido a festa donde acabava de sair.

— Não faltou nada, a não ser você. Meu coração estava aqui. E, por Hércules!, a festa estava de arromba. Scissa celebrava com pompa a alforria de Misellus, um de seus escravos, que ele só tinha libertado no leito de morte. Além do mais, creio que seu herdeiro não vai estar nada mal, ele deixa algo como cinqüenta milhões. A festa estava esplêndida, pena que tivemos que despejar sobre seus ossos metade do nosso vinho.

LXVI

— E o que foi que serviram na festa? — quis saber Trimalcião.

— Vou contar, se puder. Você sabe, tenho tão boa memória que às vezes esqueço até meu próprio nome. Primeiro, acho, foi servido um porco, coroado de chouriço, salsichas, moelas muito bem preparadas, abóbora, e pão de farelo, que eu prefiro ao pão branco, dá mais forças, e, na hora de ir cagar, não choro de dor. A seguir, entrou uma travessa com torta fria, com mel espanhol quente por cima. Quase não toquei na torta, do mel, só lambuzei os dedos. Em volta, ervilhas, tremoços, nozes, e uma maçã para cada conviva. Mas eu apanhei duas, essas aqui na minha bolsa. Se eu não levar um presente para meu escravo favorito, ele arma a maior confusão. Mas ainda bem que minha mulher, aqui, me lembrou de outra coisa.

Serviram também carne de urso que Scintilla, sem saber, provou e quase vomitou os intestinos. Eu comi além das medidas, até o javali estava macio e gostoso. Porra, se

os ursos comem gente, por que é que a gente não pode comer os ursos? Resumindo, foram oferecidos queijo mole, caracóis, fígado, ovos cozidos, tripas recheadas, mostarda, biscoitos, miúdos de boi e mariscos. Serviram também ostras, que foram disputadas aos socos entre os convivas. Mas ninguém quis comer o pernil.

LXVII

— Mas, por favor, Trimalcião, por que dona Monetária não nos concede a honra da sua presença?

— Por quê? Você a conhece, meu caro Habinnas. Ela não toma um gole de água para dormir, antes de fechar a porta das salas onde está o dinheiro ou dividir entre os escravos as sobras do banquete.

— Isso eu sei, disse Habinnas. Mas se ela não vier, eu me retiro.

E já ia se levantando, quando, dando um sinal, Trimalcião mandou, quatro vezes, que toda a escravaria fosse chamar dona Monetária. Logo ela estava vindo, envolta num manto cor de cereja, apertado por um cinto verde, que deixava ver por baixo seus chinelos bordados a ouro. Enxugou as mãos num lenço que trazia em volta do pescoço, e deitou-se no mesmo leito onde estava Scintilla, a mulher de Habinnas, beijando-a e batendo palmas de alegria:

— Que bom ver você, querida!

As coisas prosseguiram de forma que Monetária tirou dos braços os grossos braceletes para mostrá-los a Scintilla. Por último, tirou as tornozeleiras e até a rede de cabelos, que disse ser do ouro mais puro.

Trimalcião, que notou a cena, mandou que lhe trouxessem as jóias da mulher e disse:

— Olhem como uma mulher se enfeita! Para lhes dar tudo isso, nós, bobos, vamos à falência. Estes braceletes

devem valer uma fortuna. Eu mesmo tenho braceletes mais pesados feitos com o metal de moedas que dediquei a Mercúrio.

Por fim, para provar que não mentia, mandou vir uma balança e todos fomos obrigados a constatar a diferença de peso entre os braceletes.

Scintilla não deixou por menos. Tirou do pescoço um colar de ouro, ao qual dava o nome de Felicion, depois, dois brincos, que deu para Monetária admirar:

— Graças ao meu marido, ninguém tem coisas mais bonitas.

— O quê? — disse Habinnas. — Você me levou à ruína[44] para eu poder comprar esses feijõezinhos de vidro. Se eu tivesse uma filha, eu mandava lhe cortarem as orelhas. Se não existissem mulheres, para nós, todas essas bugigangas não passavam de lixo. É que nem mijar quente e beber frio.[45]

As mulheres, já meio biritadas, riem entre si, e se agarram aos beijos. Uma elogia os cuidados de dona-de-casa da outra. A outra, a generosidade e o carinho do marido da amiga. Enquanto estavam assim entrelaçadas, Habinnas chegou devagarinho e puxa Monetária pelos pés.

— Ai, ai — ela grita, ao ficar com os joelhos à mostra.

Ajusta-se, e no seio de Scintilla esconde um rosto que o rubor fazia ainda mais indecente.

LXVIII

Passado um certo tempo, quando Trimalcião mandou servir a sobremesa, os escravos vieram e levaram em-

(44) "... excatarizasti me ..." O verbo *excatarizare* só aparece em Petrônio. (N. T.)

(45) Locução proverbial: "hoc est caldum meiere et frigidum potare", "é jogar dinheiro fora". (N. T.)

bora todas as mesas, e trouxeram outras, espalhando no assoalho serragem colorida de amarelo e vermelho e também poeira de mármore, coisa que eu nunca tinha visto em nenhum lugar.

Aí, Trimalcião disse:

— Não estava mal o jantar. Mas está na hora da sobremesa. Se existe alguma coisa boa, que tragam!

Nisso, um escravo egípcio, que servia água quente, começou a imitar o canto do rouxinol. Mas Trimalcião gritou:

— Muda!

Eis um outro jogo.

O escravo, que estava aos pés de Habinnas, mandado, creio, por seu senhor, entoa, subitamente, com voz canora:

> Eis que a frota de Enéias
> seguia o caminho .....

Nunca antes sons tão agudos tinham agredido meus ouvidos. Enquanto subia e baixava de tom, o bárbaro ainda achava tempo de declamar versos de comédias populares. Foi a primeira vez que detestei a poesia de Virgílio.

Mas, exausto do esforço, interrompeu o número. Foi quando Habinnas disse:

— E dizer que esse idiota nunca estudou! Às vezes, é verdade, mandei-o ir ver os saltimbancos, e foi com eles que aprendeu tudo o que sabe. Mas não tem igual, quando imita a voz dos carroceiros ou dos palhaços. Quando a coisa aperta, é um verdadeiro gênio. Vira sapateiro, cozinheiro, padeiro, um abençoado das Musas. Verdade que tem dois defeitos que, se não tivesse, era a maravilha das maravilhas: é circuncidado e ronca quando dorme. De que seja vesgo, não me importo muito. Ele tem o olhar de Vênus. Gosto dele exatamente por isso. Foi por esse defeito que ele me custou tão barato.

LXIX

Scintilla interrompeu o marido:

— Você não está contando tudo que esse escravo faz. Está esquecendo de dizer que é também teu amante. Mas, um dia, você me paga.

Trimalcião morria de rir.

— Reconheço — disse o escravo. — Ele está sempre pronto a qualquer prazer. Mas, por Hércules!, não há homem igual. E você, Scintilla, não seja tão ciumenta. Acredita em mim, conheço vocês, mulheres. Quero que me cortem o saco, se não foi porque eu andava comendo Mammea, a mulher do meu senhor, que ele me mandou limpar as estrebarias. Mas cala-te, boca, que eu já falei demais.[46]

O patifezinho tirou do seio uma espécie de flauta e tocou durante uma meia hora acompanhado pelos assobios de Habinnas.

Por fim, o escravo veio até o meio da sala imitando, ora os músicos da orquestra, ora, com um chicote na mão, os cocheiros de carruagens, até que Habinnas o chamou, deu-lhe um beijo e lhe ofereceu uma taça de vinho:

— Você nunca esteve tão ótimo — ele disse. — Olha, te dou de presente as minhas sandálias.

Essa sessão de bobagens só foi interrompida pela chegada da sobremesa, que consistia em patês de pássaros, uvas passas, e nozes ao mel. A seguir, serviram marmelos eriçados de cravos. Isso ainda era tolerável, se não tivessem trazido uma bandeja mais monstruosa, que, para comer aquilo, era melhor morrer de fome. Quando a bandeja foi depositada na mesa, quando pensávamos que era uma gansa gorda, cercada de peixes e outras aves, Trimalcião disse:

(46) Locução: "tace, lingua, dabo panem", literalmente, "cala, língua, e te darei um pão". (N. T.)

— Tudo o que vocês vêem nesse prato é feito da carne de um só animal.

Eu, que sei das coisas, logo entendi tudo. E me virei para Agamenon:

— Muito me admiro se isso não for feito de argila ou de barro. Já vi um banquete assim, durante as Saturnais.

LXX

Mal acabava de falar, quando Trimalcião se fez ouvir:

— Pelo amor que tenho a meus bens, juro que meu cozinheiro moldou tudo isso com carne de porco. Ninguém é mais genial que ele. É só querer. Da vulva de uma porca, faz um peixe. Faz pombas de toucinho. Rolas, de pernil. De miúdos de galinha, faz uma galinha. Assim, usei de todo o meu talento para lhe dar um nome belíssimo. Ele se chama Dédalo. E, para recompensar suas habilidades, dei a ele facas de aço importadas do Norte.

Imediatamente, mandou trazerem as facas, contemplou-as com admiração e, depois, mandou que as experimentássemos, passando-as em nossas bochechas, como se fossem navalhas. Súbito, entraram dois escravos, que pareciam ter brigado perto da fonte do jardim. Traziam, com efeito, duas ânforas sobre os ombros. Trimalcião quis se pronunciar sobre a diferença entre eles, mas nenhum dos dois quis se submeter à sentença, e batiam, cada um, na ânfora do outro com seu bastão. Consternados com a insolência dos dois bêbados, olhávamos com atenção sua briga, quando, quebradas as ânforas, vimos caírem ostras e mariscos de dentro delas, que outros escravos recolheram e começaram a distribuir entre nós. O engenhoso cozinheiro não deixou por menos, trazendo caracóis numa grelha de prata, cantando com uma voz horrível. Eu me envergonho de contar o que veio a seguir. De modo inaudito, escravos

com longas cabeleiras trouxeram ungüento numa bacia de prata, friccionaram com ele os pés dos convivas, onde começaram a colocar coroas de flores, do calcanhar até a coxa. A seguir, despejaram o resto do ungüento nas urnas de vinho e nas lâmpadas. Monetária já estava começando a dançar, Scintilla já aplaudia, bêbada que nem podia mais falar, quando Trimalcião:

— Philargyro e Carrion, famosos corredores de biga, venham para a mesa. Minófilo, diga para a sua mulher sentar aqui.

Nem queiram saber. Quase fomos atirados fora de nossos leitos, quando os escravos todos começaram a ocupar os lugares da sala. Observei que o tal cozinheiro, que fazia de um porco uma marreca, ocupava um lugar mais elevado que o meu, ainda fedendo a salmoura e fritura. Não se contentou com isso, mas começou a imitar o grande ator trágico, Éfeso, e logo fez uma aposta com seu senhor. Se ele fosse cocheiro de biga da facção verde, o próximo domingo, ele chegava em primeiro lugar...

LXXI

Encantado com tamanha descontração, Trimalcião não pôde deixar de explicar:

— Amigos, os escravos são gente como nós, beberam do mesmo leite que nós, mas o destino foi ingrato com eles. Mas, enquanto vivo, quero que possam beber da água da liberdade. Saibam, em meu testamento, concedo a liberdade a todos eles. A Philargyro, deixo umas terras e sua mulher. A Carrion, uma ilha, algum dinheiro e toda uma mobília de quarto. De Monetária, faço minha herdeira universal, e a recomendo a todos os meus amigos. Digo tudo isso em público, para que todos os meus escravos me amem desde agora como se eu já estivesse morto.

Todo começaram a agradecer efusivamente a generosidade do seu senhor, quando ele, deixando de lado essas bobagens, mandou trazerem seu testamento e o leu inteiro, de ponta a ponta, sob os gemidos de toda a sua escravaria. A seguir, olhou para Habinnas, e disse:

— Que tal, querido amigo? Você vai ou não vai construir meu mausoléu tal como eu te pedi? Muito te rogo para que coloques a imagem da minha cadela aos pés da minha estátua, e as coroas de flores, os vasos de perfumes, e minhas batalhas todas, para que através do teu talento eu continue vivendo depois da morte. Que o terreno onde me enterrem tenha cem pés dando para a via pública e duzentos para os campos. Quero que, em volta das minhas cinzas, haja todo tipo de frutas, principalmente, vinhas. Nada mais imbecil que cuidar das casas em que vivemos, esquecendo aquela em que vamos ficar por muito mais tempo. Sobretudo, quero gravada nela a seguinte inscrição.

SOBRE. ESTE. TÚMULO.
MEU. HERDEIRO. NÃO. TEM. DIREITOS.

Faço várias observações no testamento para que meus restos não sofram nenhuma ofensa. Um de meus libertos montará guarda perpétua para que nenhum passante venha cagar à sombra do meu mausoléu. Tem mais, Habinnas, quero que coloques imagens de navios, como velas cheias, e eu, sentado num trono, com cinco anéis na mão, despejando moedas de prata sobre o povo, já que no dia do meu enterro haverá um banquete e duas moedas de ouro para cada conviva. Pode colocar também salas de jantar, e uma multidão comendo a valer. À minha direita, quero a estátua da minha querida Monetária, com uma pomba numa mão e na outra uma cadela por uma corrente. Depois, meu querido Cicaron. Ânforas bem fechadas, para que não se derrame o vinho. Uma urna quebrada, onde um garoto derrama lágrimas. No meio de tudo, um relógio de sol

onde o passante, queira ou não queira, vai ter que ler o meu nome.

Quanto à inscrição tumular, veja bem se estas palavras te parecem apropriadas:

AQUI. JAZ.
C. POMPEIUS. TRIMALCIÃO. UM. MECENAS.
NOMEADO. EDIL. EM. SUA. AUSÊNCIA.
PODERIA. TER. OCUPADO. QUALQUER. CARGO.
MAS. NÃO. QUIS.
PIO. FORTE. FIEL.
DE. POBRE. ENRIQUECEU.
DEIXOU. TRINTA. MILHÕES. DE. SESTÉRCIOS.
JAMAIS. ASSISTIU. AULA. DE. FILÓSOFOS.
A. VOCÊ. SAÚDE.

LXXII

Trimalcião pronunciou essas palavras e começou a chorar a cântaros. Monetária chorava, chorava Habinnas, toda a escravaria, como num funeral, enchia a sala de lamentos e lamúrias.

Eu mesmo já estava começando a chorar, quando Trimalcião interrompeu:

— Já que sabemos que vamos morrer, por que não viver um pouco? Para cúmulo da felicidade, vamos cair num banho quente. Já experimentei a água. Não vão se arrepender. Está quente como um forno.

— Nada mal, nada mal! — exclamou Habinnas. — De um dia, fazer dois, é disso que eu gosto.

Levantou descalço, e seguiu Trimalcião todo alegre.

Eu olhei para Ascilto:

— Que é que você acha? Se eu entrar num banho agora, eu morro na hora.

— Faça como eles — ele falou. — Enquanto eles vão para o banho, a gente some no meio da multidão, e cai fora.

Negócio fechado. Levados por Giton, chegamos até a porta. Aí, um enorme cachorro numa corrente nos soltou tamanho latido na cara, que Ascilto caiu dentro de uma piscina. Eu que, sóbrio, tinha morrido de medo de um cão pintado, bêbado, tentando salvar meu amigo, caí também na água. Acudiu-nos um dos porteiros que acalmou o cão e nos trouxe, tremendo, para o seco. Giton, malandro, tinha achado um jeito de se dar bem com o cachorro, jogando-lhe toda a comida que tínhamos roubado para ele durante a festa. O cachorro começou a comer, e se acalmou. Morrendo de frio, pedimos ao porteiro para nos deixar voltar à sala do banquete.

— Estão muito enganados se pensam que podem sair por onde entraram. Jamais um conviva passa duas vezes pela mesma porta. Entra-se por um lado, pelo outro, só se sai.

LXXIII

Que vamos fazer? Nós, os mais infelizes dos homens, encerrados num novo tipo de labirinto, já tínhamos começado a nos banhar, contra a vontade. Assim, pedimos ao porteiro que nos conduzisse ao banho. Tiramos nossa roupa, que Giton pôs para secar, e entramos no banho, um lugar apertado, onde estava a piscina de água fria, e Trimalcião, nu, dentro dela. E de dentro da água continuava a nos encher o saco com seu papo-furado.[47] Dizia, por exemplo, que não havia nada melhor que poder tomar banho em paz, longe de multidões importunas. E que este lugar

(47) "putidissimam jactationem", literalmente, "bazófias fedidíssimas". (N. T.)

tinha sido, antigamente, uma padaria. Depois, cansado, sentou-se. Desgraçadamente, a sala dava um bom eco, e ele teve a infeliz idéia de cantar, e lá soltou sua voz de bêbado, estraçalhando as canções que, quem ainda estava entendendo alguma coisa, diziam ser de Menecrates. Vários convivas corriam de mãos dadas em torno da sua banheira, se fazendo cócegas e gritando como uns loucos. Uns, mãos atadas, tentavam apanhar com os dentes anéis no chão. Outros, ajoelhados, viravam a cabeça para trás tentando atingir os calcanhares. Enquanto isso, descemos até o banho que se preparava para Trimalcião.

Embriaguez expulsa, fomos conduzidos à saleta vizinha, onde Monetária tinha disposto uma mesa cheia de delícias. Os lustres no teto estavam sustentados por figuras em bronze de pescadores, as mesas de prata pura, os cálices de argila com aplicações de ouro. Diante de nós, o vinho corria abundante de um odre cheio.

De repente, Trimalcião, de novo:

— Amigos, hoje é o dia solene em que um certo escravo meu vai fazer a barba pela primeira vez, e, graças aos deuses, pessoa de bem, lhe quero muito bem. Sendo assim, vamos beber como esponjas, e festejar até o amanhecer.

LXXIV

Disse isso, e um galo cantou. Confuso, Trimalcião mandou os escravos despejarem vinho sob a mesa, e respingar umas gotas nas lâmpadas. Inclusive, trocou o anel da mão esquerda para a direita:

— Não é sem motivo que esse galo emitiu um sinal. Ou estava havendo algum incêndio nas proximidades. Ou, então, alguém está morrendo. Longe de nós! Quem me trouxer esse profeta de desgraças, ganha um prêmio.

Falou, e logo lhe trouxeram um galo das redondezas, que Trimalcião mandou cozinhar.

Dédalo, o cozinheiro habilíssimo que, há pouco, de aves fizera peixes, destrinchou o galo, e o jogou numa panela de bronze, com água fervendo, enquanto dona Monetária moía pimenta num pequeno pilão. Feitas estas coisas, Trimalcião se virou para a escravaria:

— O quê? Vocês não jantaram ainda? Saiam, e dêem lugar a outros.

Veio, assim, uma nova leva de escravos, e os que saíam exclamavam:

— Viva Trimalcião!

Os que entravam:

— Salve, Trimalcião!

Aí, acabou nossa alegria.

Entre os recém-chegados, havia um garoto muito engraçadinho, e o dono da casa começou a cobri-lo de beijos. Monetária, furiosa, ofendida em seus direitos de esposa, começou a amaldiçoar Trimalcião, a pregar a virtude, desprezando o marido por não conter seus impulsos libidinosos. Por fim, gritou:

— Seu cachorro!

Trimalcião, por sua vez, confuso, ofendido com os insultos, atira uma taça na cara dela. Monetária, como se tivesse perdido um olho, começou a gritar, escondendo o rosto com suas mãos trêmulas. Scintilla, abalada com o incidente, abraçou-a carinhosamente. Nem demorou que um escravo solícito aplicasse em sua bochecha machucada um vaso com água gelada, sobre o qual Monetária se inclinou e começou a gemer e derramar lágrimas abundantes.

Trimalcião, porém, disse:

— Mas o que é que é isso? Essa vagabunda não lembra mais que eu a tirei da lama? Que eu a fiz um ser humano entre os seres humanos? E ainda se atreve a inchar como uma rã, e baba em seu próprio peito. É um bofe, não uma mulher. Mas, enfim, quem nasce na senzala, nunca sonha

com a casa-grande. Pelos deuses!, hei de domar essa megera! Ela esquece que, quando eu não tinha um tostão, podia muito bem me casar com mulheres que tinham dez milhões de sestércios. Você sabe, Habinnas, que não estou mentindo. Ontem ainda o perfumista Agathon me chamou num canto e me disse: "Não é bom você não deixar descendentes". Enquanto isso, aqui fico eu perdendo um tempo precioso. Está certo, quando eu morrer, você vai raspar a terra com as unhas para me encontrar. E, para meu sossego, desde hoje, meu caro Habinnas, te proíbo de colocar estátua dela em meu monumento funerário, porque, depois de morto, eu quero viver em paz. E digo mais. Para que ela saiba com quem está falando, eu a proíbo de me beijar quando eu estiver morto.

LXXV

Depois que Trimalcião soltou esses raios, Habinnas tentou acalmá-lo:

— Todo mundo pode cometer um erro. Somos homens, não deuses.

O mesmo fez Scintilla, implorando por seus deuses tutelares que abrandasse seus rigores.

Trimalcião não pôde mais reter as lágrimas:

— Por favor, Habinnas, por sua fortuna!, se agi mal, pode cuspir na minha cara. Beijei esse garoto, não porque ele é lindo, mas por suas qualidades intelectuais. Conhece gramática. Lê fluentemente qualquer livro. Do que ganha, guardou um tanto para comprar sua liberdade. Com suas economias, comprou móveis, e duas panelas. Não é digno das minhas atenções? Mas Monetária me reprime. Aqui pra você, decrépita![48] Rói o osso que eu te atiro, sua gralha, e não me provoque demais, minha amásia, ou eu vou perder a cabeça com você! Você me conhece, o que eu determino, é que nem prego cravado na parede! Mas vamos pensar nos vivos. Por favor, amigos, vamos nos divertir. No começo, eu era escravo como vocês. Mas tive capacidade para chegar onde estou agora. É o coraçãozinho[49] que faz o homem, o resto é quinquilharia. Compro bem, vendo bem. Tem gente que acha que não. Quando estou no auge da felicidade, por que é que tenho que escutar teus lamentos? Você chora por qualquer coisa. Mas, como eu estava dizendo, foi minha frugalidade que me trouxe a esta opulência. Quando cheguei da Ásia, eu não tinha o tamanho da sombra que cai desse candelabro. Para que minha barba crescesse mais depressa, passava azeite de lâmpada em volta dos beiços. Durante quatorze anos, fiz as delícias do meu senhor, e da minha senhora também, afinal, meu papel era obedecer. Vocês compreendem. Nem preciso dizer mais, não sou desses que gostam de se gabar.

(48) *Fulcipedia,* literalmente, "que não se agüenta em seus pés", composto exclusivo de Petrônio. (N. T.)

LXXVI

— Depois, os deuses é que sabem!, me tornei senhor na casa. Agora, é comigo, pensei. Sabem o quê? Meu senhor me fez co-herdeiro com o imperador e, assim, recebi o patrimônio de um senador. Mas ninguém está nunca satisfeito com o que tem, me veio o desejo de entrar para o mundo dos negócios. Não vou tomar mais vosso tempo, equipei cinco navios, cheios de ânforas de vinho, na época, mercadoria que valia ouro. Enviei-os a Roma. Não deu outra, naufragaram todos. É fato, não fábula. Num só dia, Netuno me devorou trinta milhões de sestércios. Pen-

(49) *Corcillum,* diminutivo de *cor,* "coração", criação de Petrônio. (N. T.)

sam que eu desanimei? Nunca, por Hércules! Essa desgraça me deu mais ânimo, como se fosse nada.

Mandei equipar navios maiores e melhores, e com mais chances de ter sucesso. Ninguém dissesse que eu não era um homem de coragem. Vocês sabem, navios grandes resistem melhor às fúrias do mar. Carreguei a nova frota de vinho, toucinho, favas, perfumes de Cápua e escravos. Neste ponto, Monetária me provou sua dedicação de esposa. Vendeu todas as suas jóias de ouro, todas as suas roupas e me colocou na mão cem moedas de ouro, que foram o fermento do meu pecúlio. Cedo se faz o que querem os deuses. Uma viagem, e eu embolsei, redondo, dez milhões de sestércios. Logo, pude comprar todas as propriedades que tinham sido do meu senhor. Compro animais para revendê-los. Tudo o que eu tocava crescia como um favo. Houve um momento em que me vi mais rico do que toda a região em que eu morava. Larguei o comércio e comecei a viver de emprestar dinheiro a juros a novos libertos, candidatos a milionário. Eu ia mesmo renunciar aos negócios, quando me dissuadiu disso um astrólogo grego, Serapa, que, por acaso, apareceu por aqui, um homem íntimo dos deuses. Serapa me contou coisas da minha vida que até eu já tinha esquecido, e contou tintim por tintim. Só faltava ele adivinhar o que é que eu tinha jantado a noite anterior. Parecia que ele tinha sempre vivido comigo.

LXXVII

— Você, Habinnas estava presente quando ele me disse:

— Construíste teu domínio a partir de migalhas. Mas não tens sorte em matéria de amigos. Todos são ingratos. Possuis latifúndios consideráveis. Mas tens uma víbora escondida em teu seio.

Trimalcião continuou:

— E não foi só isso. Me disse também que eu ainda viveria mais trinta anos, quatro meses e dois dias. E que eu estava para receber uma herança. Esse era o meu destino. Se eu puder acrescentar a Apúlia aos meus domínios, minha vida está justificada. Sob a vigilância de Mercúrio, construí esta mansão. Era uma cabana. Hoje, é um templo. Tem quatro salas de jantar, vinte quartos de dormir, dois pórticos de mármore, no andar superior, um quarto onde eu durmo, o quarto dessa víbora aí, uma casinha para o porteiro e mais cem quartos de hóspedes. Em suma, quando Scauro vem por aqui, ele prefere ficar nesta casa, e vejam que seu pai tem uma bela casa à beira-mar. Mas tem muitas outras coisas nesta casa que já vou mostrar a vocês. Podem acreditar, quem tem um centavo, um centavo vale, quem tem, vai ter mais. Assim, este amigo que vos fala era uma rã, hoje, é um rei. Stichus, me traga os vestimentos fúnebres, os ungüentos e uma ânfora daquele vinho com que quero que asperjam meus ossos.

LXXVIII

Stichus saiu como um raio e voltou trazendo um manto branco e uma toga de gala, que Trimalcião nos mandou examinar para ver se era de boa lã.

Trimalcião soltou um sorriso:

— Stichus, não me deixe os ratos nem as traças botarem os dentes nestes panos, senão eu te mando queimar vivo. Quero ser enterrado glorioso, para que todo o povo diga, lá vai um grande personagem.

A seguir, abriu um frasco do mais puro nardo e nos friccionou com ele.

— Espero que, morto, goste tanto deste perfume quanto gosto agora que estou vivo.

Em seguida, mandou despejar vinho numa grande taça.

— Façam de conta que vocês foram convidados para o banquete dos meus funerais.

As coisas iam num crescendo de tédio, quando Trimalcião, caindo de bêbado, mandou vir até a sala uma orquestra de sopros, para nos divertir. Deitou-se sobre um monte de almofadas:

— Façam de conta que eu estou morto. Digam coisas bonitas sobre mim.

A orquestra de sopros emitiu os sons fúnebres. Um dos músicos soltou um som tão agudo que alertou toda a vizinhança. Os guardas de quarteirão, acreditando em algum incêndio na casa de Trimalcião, acorreram às pressas, arrombando as portas e entrando com água e machados. Nós, aproveitando a confusão, nos despedimos de Trimalcião, e fugimos, como se de um verdadeiro incêndio.

LXXIX

Não tínhamos archote nenhum para nos iluminar o çaminho, e o silêncio da meia-noite tornava remota a hipótese de acharmos alguém para nos dar luz. O pior, a gente estava bêbado de cair, o lugar era tortuoso, difícil de caminhar até de dia. Depois de caminhar uma hora por pedras e cascalhos, até ficar com os pés em sangue, a esperteza de Giton veio em nosso auxílio. Não é que o bandidinho tinha feito um risco com giz por todas as pedras, enquanto vinha, e esses traços brilhavam na noite, indicando aos perdidos o caminho de volta? Não menos suores derramamos, quando chegamos em nosso albergue. A velha dona da pocilga tinha passado a noite bebendo com uns viajantes e não acordava nem com ferro em brasa. E certamente teríamos que dormir na soleira da porta, não fosse um mensageiro

de Trimalcião, um homem rico, que possuía dez carruagens. Depois de gritar um pouco sem resultado, tocou o ombro na porta da espelunca, e passamos todos pelo rombo. Entrando no quarto, me meti na cama com meu querido Giton. O lauto jantar que eu tinha acabado de comer tinha despertado em mim um apetite de todas as volúpias.

Que noite, deuses e deuses!
Que cama macia! Pelas bocas em beijos,
mil vezes trocamos nossas almas.
Adeus, angústias da vida!
É assim que eu quero morrer.

Mas me alegrei antes do tempo. Quando desmaiei de sono, de tanto vinho, Ascilto, inventor de todas as malandragens, me roubou o garoto dos braços e o levou para sua cama. Lá fez o que quis com o garoto, e dormiu abraçado com ele, sem se importar com o fato de que usurpava um direito que era só meu. Assim, quando eu acordei, procurei em vão o corpo do meu garoto, na cama vazia. Em nome da fidelidade ultrajada, hesitei em atravessá-los, os dois, com a minha espada, numa mesma morte. Pensei, mas resolvi seguir um caminho mais prudente, e acordei Giton com umas varadas bem dadas. E olhei Ascilto com meu olhar mais feroz:

— Já que você quebrou as leis da amizade com um ato indecente, pega tuas coisas depressa, e vai buscar um outro lugar para poluir.

Pareceu concordar, e dividimos nossas coisas irmãmente.

— Agora — ele disse — vamos dividir esse garoto.

LXXX

Está brincando, pensei. Mas o celerado, sacando sua espada com mão fratricida, esbravejou:

— Você não vai desfrutar sozinho desta presa, que só você degusta. Nem que seja preciso usar minha espada para conseguir a minha parte.

Não o deixei por isso e, enrolando o manto no braço esquerdo, puxei a espada e me pus em postura de combate. No meio dessas loucuras, o pobre garoto, infelicíssimo, abraçava nossos joelhos chorando, "Por favor, não façam deste mísero albergue o cenário de uma tragédia grega, não manchem com sangue esta bendita amizade que nos une".

E gritava:

— Se alguém tem que morrer, eis aí minha garganta! Vamos, cortem! Quem tem que morrer sou eu, eu que trouxe a discórdia entre vocês!

Depois disso, guardamos nossas espadas na bainha.

Ascilto falou primeiro:

— Proponho um fim à discórdia. O garoto vai escolher quem ele prefere.

Eu, confiante na minha longa convivência com o garoto, que me parecia um pacto de sangue, fiquei tranqüilo, e me entreguei ao juízo do garoto.

— Eu quero Ascilto — ele falou, sem sombra de hesitação.

Fulminado por essa decisão, desabei na cama, e teria me matado, se não fosse o meu orgulho que não queria dar a meu rival essa satisfação.

Arrogante com seu prêmio, Ascilto saiu, esquecendo o companheiro de boas e más horas, abandonado sem recursos num lugar estranho.

Amigos só se tem quando a Fortuna
joga do nosso lado.

Então não nos faltam sorrisos.
Então, não nos falta nada.
É tudo um teatro, essa comédia
em que não beijam a ti,
beijam tuas moedas.

LXXXI

Não chorei por muito tempo, e, temeroso que Menelau, nosso professor, por cúmulo do azar, me achasse sozinho naquele quarto, juntei minhas tralhas, e parti para um lugar secreto, perto do mar, triste como eu estava. Lá passei três miseráveis dias, sem conseguir tirar da cabeça meu abandono e a ingratidão dos amigos, batendo no peito com toda a força, gritando muitas e muitas vezes:

— Por que é que a terra não se abre sob meus pés e me engole de uma vez? E o mar, que mata até os inocentes, o que faz que não me afoga? Matei meu hospedeiro, consegui fugir da justiça, escapei vivo da arena dos gladiadores, para que tudo isso? Para acabar exilado como um mendigo num albergue de um vilarejo grego! E quem foi que me deixou neste estado? Um garoto conspurcado por todas as depravações, merecedor de exílio, como ele mesmo confessa, que comprou a liberdade colocando seu cu à venda, e, sendo homem, todos querem como se fosse uma garota. E que direi, ó deuses!, desse outro Giton, que, quando os rapazes fazem a primeira barba, ele se maquilava como uma donzela, que a mãe convenceu que não era menino, que na prisão se entregou até a escravos, que, depois de dormir comigo, satisfeita a sua tara, trai a amizade e, que vergonha!, foge com sua nova paixão? Devem estar lá deitados em alguma cama, exaustos de tantos excessos, rindo da minha miserável solidão. Mas isso não fica assim. Não sou um homem livre, se não lavar em sangue esse desaforo.

LXXXII

Dito isto, coloco a espada na cinta. E, para que minha fraqueza não diminuísse minha disposição guerreira, faço uma lauta refeição, e saio furioso do meu esconderijo, procurando os dois celerados por todos os pórticos da cidade. Caminho com uma cara de louco, pensando apenas em morte e sangue, a mão segurando o punho da espada, quando um soldado me notou, não sei se era vagabundo ou assaltante noturno, e disse:

— Caro colega, a que batalhão ou a que pelotão você pertence?

Inventei na hora o nome de um batalhão qualquer.

— Quer dizer, então — ele falou — que nesse seu batalhão os soldados usam sandálias de bailarino que nem você?

Fiquei vermelho de vergonha, e comecei a tremer todo. Assim, ele percebeu minha impostura.

— Larga essa espada aí no chão, e te cuida de agora em diante.

Desarmado, sem meios de me vingar, volto para meu albergue, onde comecei a me acalmar.

No fundo, dei graças que as coisas terminassem assim.

LXXXIII

Árduo foi meu esforço para me livrar do desejo de vingança, e passei metade da noite na maior angústia. Para expulsar a tristeza e a lembrança da injúria que me fizeram, saio de novo para a rua, percorro todos os logradouros públicos, e assim chego até o museu de arte da cidade, cheio de pinturas admiráveis. Reconheci quadros da mão do grande Zêuxis, ainda não corrompidos pela ação do

tempo. Vi esboços de Protogenis, que poderiam competir com a própria natureza, e que toquei com um arrepio quase religioso. Me prostrei diante das pinturas de Apelles, daquelas que os gregos chamam monocromáticas. Tanta arte havia naquilo tudo, tanta sutileza nas imagens, que parecia que as pinturas tinham alma. Aqui, montado sobre uma águia, um deus subia aos céus. Ali, um espantado adolescente repelia os ataques de uma ninfa no cio. Além, Apolo, lira florida na mão, chora a perda do ser amado, que ele mesmo matou. Entre tantas imagens do amor, esquecendo que estava num lugar público, exclamei:

— Mas então até os deuses sofrem por amor? Júpiter, não encontrando em seu céu ninguém digno da sua paixão, desce à terra para seduzir mulheres, mas, pelo menos, não rouba o amor de ninguém. A ninfa que amou o belo Hylas teria reprimido o seu amor, se soubesse que Hércules, amante de Hylas, o reclamava. Apolo transformou em flor a alma do seu amado. Enfim, todas as fábulas estão cheias de casos de amor sem rivais. Quanto a mim, admiti em minha intimidade o mais cruel dos monstros. Enquanto eu litigava com os ventos, entra na galeria um velho de cabelos brancos, rosto de quem muito meditou, e que parecia trazer em si alguma coisa de grandioso. Sua aparência, porém, era um pouco desleixada, um desses homens de letras que os ricos costumam detestar.

O velho parou do meu lado e disse:

— Sou poeta. E não dos piores, como atestam os prêmios que ganhei em concursos públicos, se bem que, muitas vezes, ganham-nos os medíocres. Por que estou tão mal vestido, você vai me perguntar. Por isso mesmo. O amor pelas letras nunca deu dinheiro pra ninguém.

Quem se faz ao mar,
acumula mil tesouros.
Quem escolhe a via das armas,
anda coroado de ouro.

O parasita dos magnatas
recebe grandes heranças.
E o gigolô das altas damas
veste-se da mais fina seda.
Só o poeta, envolto em farrapos,
não tem onde cair morto.

LXXXIV

— É assim, sem dúvida. Quem, inimigo dos vícios, caminha por sendas retas, pode contar com o ódio de todos os demais (quem toleraria em outrem as virtudes que não tem?). Da mesma forma, quem só sabe acumular dinheiro quer que todos pensem que o dinheiro é tudo na vida. Honra aos literatos, dizem. Mas o dinheiro vem em primeiro lugar.

— Por que será que o talento é irmão da pobreza? — suspirei.

— Você tem razão — disse o velho — de lamentar a sorte dos escritores.

— Não é essa a razão dos meus suspiros — respondi. — O que me dói é coisa muito mais grave!

O ser humano tem a propensão de confiar a outros sua desgraça, assim lhe expus a minha, exagerando a canalhice de Ascilto, bradando, entre gemidos:

— Quem dera que esse meu amigo pérfido tivesse um coração capaz de ternura! Mas é o veterano dos ladrões, e o maior corruptor de menores que o mundo já viu.

O velho viu que eu estava sendo sincero, e começou a me consolar.

Para amenizar minha tristeza, começou a contar um caso de amor de sua juventude.

LXXXV

— Quando fui para a Ásia, no séquito de uma alta autoridade, me hospedei na casa de um habitante da cidade de Pérgamo. Lá, morei com muito prazer, não só pela beleza da casa, mas, sobretudo, por causa da extraordinária beleza do seu filho. Minha principal preocupação era que o dono da casa não se desse conta da paixão que seu filho me inspirava. Assim, quando, numa reunião, o assunto era o amor pelos belos rapazes, eu condenava esse abuso com tanta veemência, dizia que esse assunto feria minhas orelhas, enfim, eu fingia tão bem que até a mãe do rapaz começou a me considerar o mais virtuoso dos filósofos. Assim, logo era eu quem levava o garoto até o ginásio de esportes, eu o aconselhava em seus estudos, eu virei seu professor, para que nenhum depravado sedutor de garotos entrasse na casa. Um dia de festa, estávamos deitados na sala de jantar, naquela modorra que se segue a uma celebração com muito vinho e muito riso. Era cerca de meia-noite, quando notei que meu pupilo estava acordado. Com a voz mais baixa que pude emitir, fiz uma promessa à deusa Vênus: se eu conseguir dar um beijo nesse garoto sem ele sentir, amanhã, prometo a você, ó deusa, dar a ele um casal de pombas.

O malandro ouviu minha oração, e começou a roncar. Cheguei até ele, que fingia dormir, e o cobri de beijos. Satisfeito, voltei a dormir e só acordei de manhã. Comprei um casal de pombas, levei-as até ele e cumpri minha promessa.

LXXXVI

Na noite seguinte, animado com o sucesso da noite anterior, fiz uma promessa mais ousada: se puder passar a

mão nele, sem ele sentir, darei a ele dois galos de briga dos mais valentes.

Ao ouvir a promessa, o garoto se mexeu, acho que preocupado em que eu não dormisse. Fui lá, e passei a mão por todas as suas delícias, no auge da excitação. Quando amanheceu, levei-lhe o objeto da minha promessa. Na terceira noite, a sorte ainda me favorecia. Levantei, e chegando na orelha do garoto, prometi: Deuses imortais!, se eu puder possuir este garoto, sem ele sentir, amanhã lhe darei um potro da Macedônia. Nunca o garoto tinha dormido um sono tão fundo. Levei a mão a seus peitos macios como creme, beijei-o com todo o ardor e logo pude me concentrar na parte do seu corpo que mais me interessava. De manhã, sentado na cama, ele esperava o que eu tinha prometido. Você sabe que é bem mais fácil comprar pombas e galos de briga do que cavalos da Macedônia. E eu temia ainda que um presente tão pomposo despertasse suspeitas junto aos pais do garoto. Depois de umas horas, voltei, e tudo que dei a ele foi um beijo. Mas ele, olhando em volta, e me abraçando pelo pescoço, quis saber:

— Onde está o meu potro?

— Foi difícil achar um bem bonito — respondi. — Mas dentro de alguns dias, você o terá.

O garoto entendeu logo que eu estava mentindo. E fez uma cara de quem comeu e não gostou.

LXXXVII

Ofendido com minha perfídia, o garoto fechou a cara pra mim. Mas dali a dias, voltei a atacar. De novo, o acaso voltou a nos favorecer, ouvi que o pai roncava, e comecei a implorar ao garoto que fizesse as pazes comigo, vale dizer, me deixasse voltar às delícias de antes. Gastei, nisso, toda a lábia que o desejo costuma ditar.

Ele, no entanto, furioso, só sabia dizer:

— Volte a dormir, senão eu conto pro meu pai.

Nada é tão difícil que a teimosia não consiga atingir.

Ele dizia "vou acordar meu pai", e eu já estava em cima dele, agarrando-o à força e satisfazendo meu tesão. Não resistiu muito. Não parecia aborrecido com minha violência. Disse que tinha sido objeto da zombaria dos colegas de escola, por causa de minha avareza.

— Mas eu não sou avarento com você. Pode me comer de novo, se quiser.

Eu, feitas as pazes, fiz com o garoto o que meu desejo queria, e caí no sono. Mas o garoto, com toda sua disposição juvenil, queria levar mais.

Me despertou de repente:

— Não quer mais?

Eu ainda tinha um restinho de tesão, fiz o melhor que pude, e, suando e resfolegando, consegui satisfazê-lo mais uma vez. Exausto, voltei a dormir, cansado de tanto gozar. Dormi só um pouquinho, ele me cutucou:

— Vamos transar de novo.

Acordando furioso, devolvi sua ameaça:

— Ou você dorme, ou eu conto tudo pro seu pai.

LXXXVIII

Animado com essas histórias, comecei a interrogar o velho erudito sobre a idade daqueles quadros, sobre o tema de alguns, a mim obscuros.

Ao mesmo tempo, quis saber a causa da decadência atual das belas-artes, decadência tal que a arte da pintura praticamente desapareceu.

— A cupidez de dinheiro produziu essa mudança. Nos tempos antigos, só a glória valia. As artes eram mais puras. E os homens só queriam deixar um nome à posteri-

dade. Demócrito, então, esse Hércules do saber, espremia o suco de todas as ervas, e passou a vida toda fazendo experiências, para descobrir as propriedades das pedras e das plantas. Eudoxo envelheceu em cima de um alto monte só para observar os movimentos dos corpos celestes. E Crisipo tomou três vezes um antídoto contra a loucura, o heléboro, para limpar seu espírito. Voltando às artes plásticas, Lysippo morreu de fome, porque esqueceu de comer enquanto terminava uma estátua.

E Myron, que conseguia fazer passar para o bronze a alma dos homens e o instinto dos animais, não teve continuadores de sua arte. Mas nós, a cabeça cheia de vinho, não conseguimos nem sequer compreender a arte dos antigos. Em vez disso, falamos mal da antiguidade, e somos mestres e discípulos de vícios. Onde foi parar a dialética, a arte dos oradores? E a astronomia? Onde os caminhos da sabedoria? Quem hoje entra num templo para pedir aos deuses o dom da eloqüência? Ou a pista para descobrir a fonte da filosofia? Nem saúde se pede mais aos deuses. Dessa multidão que sobe ao Capitólio, um promete aos deuses uma oferenda se lhe morrer um rico parente, outro, se achar um tesouro, outro, se conseguir, antes de morrer, acumular trinta milhões de sestércios. O próprio Senado, guia supremo da retidão e do bem, oferece moedas de ouro a Júpiter Capitolino, para obter favores do céu. Não se admira da decadência da pintura, nestes tempos em que tanto homens quanto deuses acham mais linda uma barra de ouro do que as obras de Apelles ou Fídias. Esses gregos eram malucos, eles dizem. Mas vejo que você está impressionado com este quadro que representa a tomada de Tróia. Vou tentar te explicar tudo em versos.

LXXXIX

Dez anos depois, a bravura troiana
Ainda zombava dos ímpetos helênicos.
De nada valiam os augúrios dos profetas.
Foi quando abateram uma floresta,
Madeira para o fatídico cavalo,
dentro dele, mil guerreiros armados.
Afastam-se as naves, o mais hábil dos ardis.
Ó Tróia, ó Tróia, terás o mais triste dos fins...[50]

XC

Dos que passeavam pela galeria, choveram pedras sobre o pobre Eumolpo, que apenas queria recitar seu poema. Acostumado a esse tratamento, Eumolpo cobriu a cabeça com o braço, e fugiu para fora. Eu fiquei com medo que me tomassem por um poeta. Mas o segui até a beira do mar. Quando me senti livre de qualquer pedrada, lhe perguntei:

— Mas que loucura é essa? Estamos juntos há apenas duas horas, e você só fala linguagem de poeta? Você não consegue falar como gente? Não é de admirar que o povo te jogue pedras. Vou fazer eu também uma provisão de seixos e cada vez que você sair de si vou te tirar sangue da cabeça.

Ele moveu o rosto, e disse:

— Ah, meu jovem, não é a primeira nem a última vez que me acontece isso. Cada vez que entro no palco do tea-

(50) No original, este poema, muito longo, é uma síntese empolada e tediosa da guerra de Tróia, conforme a Ilíada e a Odisséia, que os antigos sabiam de cor. Damos apenas os primeiros versos. (N. T.)

tro, é a mesma coisa. Mas para te agradar, vou me abster por um tempo deste alimento poético que me nutre.

— Então, você vai jantar comigo — eu disse.

Chegando no albergue, mandei a dona fazer uma comida pra gente, e fomos para os banhos públicos.

XCI

Aí, vejo Giton, encostado na parede, esponja e toalha na mão, triste e confuso. Estava na cara que não lhe agradava servir ao celerado do Ascilto. Olhei bem para ele, que me olhou com a mais alegre das expressões:

— Me perdoa, meu amor — ele gritou. — Nada de facas, deixe eu abrir meu coração. Salve-me desse monstro sangrento, e me castigue do jeito que você quiser. Já não basta a tortura de ter perdido todo o teu afeto?

Mandei-o calar a boca, para não chamar muita atenção. Deixei Eumolpo no meio de um banho, onde já declamava um de seus poemas. E levei Giton, por umas ruas escuras e sujas, até o nosso albergue. Lá, fecho a porta atrás de nós, e o cubro de beijos, secando as lágrimas que lhe escorriam rosto abaixo. Longo tempo ficamos sem poder dizer palavra, o garoto arrebentava os peitos de tanto soluçar.

— Eu não merecia isso! — eu gritava. — Te amar ainda, embora me tenhas abandonado! E dizer que do golpe que me deste não resta nem uma cicatriz! Como explicas o abandono em que tua ingratidão me deixou? Eu merecia isso? Merecia?

Vendo que eu ainda o amava, Giton levantou a sobrancelha.

— Deixei a escolha com você — eu disse. — Mas não quero mais nada. Basta você me dizer que está arrependido.

Isso tudo eu dizia entre gemidos e lágrimas, que Giton enxugava do meu rosto com seu manto.

— Meu Encolpo, seja justo — ele falou. — Tente se lembrar. Fui eu que te deixei? Ou você me entregou? Vocês dois puxaram as espadas por mim, e eu parti com o mais forte.

Enternecido com tanta sabedoria, beijei-lhe a boca e abracei-o com toda a força para que sentisse que tudo estava perdoado e nosso amor estava de volta.

XCII

A noite já ia alta, a mulher tinha feito o jantar como eu mandei, e Eumolpo batia à porta.

— Quantos são? — perguntei, olhando pelo buraco da fechadura para ver se Ascilto não tinha vindo com ele. Estava sozinho, abri a porta. Ele entrou e se jogou na cama. Olhou bem para Giton que servia o jantar.

— Lindo esse seu garoto — ele disse. — Vamos nos divertir esta noite.

Não gostei nem um pouco daquela história. Aí vem um novo Ascilto, pensei. Eumolpo levantou, Giton lhe deu uma bebida.

— Não troco você por ninguém que eu vi no banho há pouco — ele falou. E esvaziou o copo de um gole.

— Estava seco por uma bebida — ele disse. — Lá nos banhos quase me afogaram, só porque comecei a declamar um de meus poemas. Fui expulso de lá, como já fui do teatro, e comecei a andar à toa por aí, gritando: "Encolpo!".

De um outro lado, vi e ouvi um jovem nu, que tinha perdido todas as suas roupas, gritando enfurecido: "Giton!". De mim, a gente em volta riu, como se eu fosse maluco. A ele, todos aplaudiram, com tímida veneração. Pudera. Seu pênis era tão grande, que a cabeça batia no

joelho. Ah, que beleza de jovem! Dava a impressão de que podia começar a foder hoje, e só terminar amanhã. Claro, logo lhe veio auxílio. Um certo nobre romano, conhecido por seus gostos perversos, logo jogou seu manto em torno da nudez de Ascilto, e o levou para casa, com certeza, para desfrutar sozinho de toda aquela abundância. Quanto a mim, quase não consegui reaver minhas roupas no vestiário, se não fosse uma testemunha que jurou que eram minhas. Mais vale o tamanho do caralho do que o talento literário.

Eumolpo dizia essas coisas, eu mudava de cara a cada segundo, alegre com as desgraças que caíram sobre meu inimigo, triste, por fim, com sua boa sorte. Mas como se eu não tivesse nada a ver com essa história, comecei a descrever a Eumolpo os pratos do nosso cardápio. Já serviram nosso jantar, comida plebéia, mas sólida e nutritiva, que Eumolpo, o mais esfomeado dos poetas, devorou. Satisfeito, começou a filosofar, atacando aqueles que, desprezando as coisas simples da vida, só se contentam com iguarias raras.

XCIII

Por uma corrupção da mente, tendemos a achar vil o que é lícito, e a desejar o que nos é proibido.

Não quero o que posso ter,
nem me interessa a vitória fácil.
As aves da África e da Ásia,
porque são raras,
agradam mais ao paladar
que a galinha do nosso quintal.
O difícil faz o preço das coisas.
A amante vale mais que a esposa.
O inalcançável é o máximo.

Eu reclamei:

— Ah, então foi assim que você nos prometeu dar descanso aos versos pelo menos por hoje? Por favor, poupe nossos ouvidos, nós que nunca te jogamos pedras. Se o pessoal que bebe neste albergue pressentir que há um poeta entre nós, é capaz de massacrar nós três. Tenha dó, e lembre do que te aconteceu na galeria e nos banhos.

Que eu falasse assim a uma pessoa mais velha desagradou a Giton, a mais doce das criaturas.

— Além do mais — Giton acrescentou —, isso é faltar com as leis da hospitalidade, tratar mal um convidado.

Com outras palavras, recomendou-me moderação. Como não ouvi-las, vindo daquela graça de garoto?

XCIV

— Feliz a mãe que te gerou, garoto! — exclamou Eumolpo. — Bravo! É rara a combinação da beleza com a sabedoria. Não falaste em vão, meu coração está a teus pés. De agora em diante, todos os meus poemas serão em teu louvor. Vou ser teu mestre e teu protetor, custe o que custar. Tenho certeza que Encolpo não vai se incomodar. Afinal, ele ama outro.

Sorte de Eumolpo que aquele soldado ficou com minha espada, senão toda a raiva que eu sentia por Ascilto eu teria aliviado com o sangue desse poeta. Isso não escapou a Giton, que deixou o quarto, sob o pretexto de buscar água, e me acalmou os ânimos. Mais tranqüilo, falei a Eumolpo:

— Prefiro teus versos a essa prosa. Eu sou um furioso. Você é um velho depravado. Como você vê, não combinamos. Você me acha um louco, não é mesmo? A casa é minha. Se não está satisfeito, caia fora.

Confuso com minha violência, Eumolpo não ficou

para ouvir minhas razões mas saiu de repente, fechou a porta, deu a volta na chave e fugiu atrás de Giton, me deixando trancado em meu próprio quarto. Preso, pensei em me enforcar na hora. Já fazia um nó com meu cinto, para pendurá-lo na viga do quarto, quando Eumolpo, acompanhado de Giton, abre a porta, e me devolve ao mundo dos vivos. Giton, sobretudo, passando da dor à raiva, dá um grito, e com os dois braços me derruba na cama, caindo por cima de mim:

— Você está muito enganado, Encolpo, se pensa que pode morrer antes de mim. Uma ova. Quando eu estava na casa de Ascilto, procurei em vão uma espada para me matar. E se eu não te encontrasse logo, eu ia me jogar de um precipício. E para que você saiba que a morte nunca está longe daqueles que a procuram, veja agora o que você queria que visse.

Dito isto, arranca uma navalha das mãos do criado de Eumolpo, passa-a duas vezes na garganta e cai diante de nós, a nossos pés. Atônito, dou um grito, me atiro sobre o corpo de Giton, e quero me matar com aquela mesma navalha. Mas observo que no pescoço de Giton não havia nenhum corte, e eu não sentia nenhuma dor. Era uma dessas navalhas sem fio que os barbeiros mais velhos dão aos aprendizes para aprenderem a controlar o pulso. Foi por isso que o criado de Eumolpo não fez nenhum movimento para deter Giton. E Eumolpo tinha assistido àquela pantomima da morte, com a maior indiferença.

XCV

Enquanto essa farsa corria, chega o dono do albergue trazendo a segunda parte do jantar. Ao nos ver agarrados no chão, naquela desordem, prorrompeu em gritos:

— Seus bêbados! Seus vagabundos! Quem pendurou

esse cinto na viga? O que é que vocês estão maquinando? Acho que vocês estavam pensando em fugir de noite, sem pagar o aluguel. Mas isso não vai ficar assim. Vou mostrar a vocês que esta casa não pertence a alguma pobre viúva, mas a Marcus Manicius.

— Ousas nos ameaçar? — disse Eumolpo, e enfiou a mão na cara do sujeito, com toda a força.

O tipo, bêbado que estava, jogou alguma coisa na cabeça de Eumolpo, que ficou ferido, e fugiu. Eumolpo, furioso, passou a mão num pau de lenha e saiu atrás do cara, cobrindo-o de pancadas. Juntou gente pra ver, atraída pelos ruídos da briga. Quanto a mim, aproveitando a oportunidade de me vingar de Eumolpo, fecho a porta do quarto, disposto a passar uma noite daquelas com meu Giton. Nisso, todos os criados da casa caem sobre o pobre poeta, que não podia voltar para o quarto. Um avançou contra ele com um espeto cheio de passarinhos assados, pronto para lhe furar os olhos. Outro, com um gancho de pendurar carne, o enfrentava com ar belicoso. Uma velha, de aspecto horrível, trouxe um enorme cachorro, que açulou contra Eumolpo.

Mas o poeta, brandindo seu pau de lenha, manteve-se longe de toda a ameaça.

XCVI

Assistíamos a toda essa confusão através de uma fenda na porta, e eu vibrava com as pauladas que Eumolpo recebia. Giton, porém, achava que a gente devia abrir a porta e deixar Eumolpo entrar. Eu, que ainda estava furioso, baixei a mão na cabeça de Giton, com uma porrada seca. Desfeito em lágrimas, o garoto estendeu-se na cama. Quanto a mim, olhando pela fresta ora com um olho ora com o outro, me divertia com a surra que Eumolpo estava

levando, com tanto prazer como se eu estivesse saboreando finas iguarias. De repente, chegou Bargates, o supervisor do quarteirão, para pôr fim àquela balbúrdia. Vinha trazido numa liteira, pois era meio paralítico. Começou a gritar contra os bêbados e vagabundos, até que reconheceu Eumolpo:

— Mas é você, nosso grande poeta? E esse bando de miseráveis se atreve a levantar a mão contra você?

Aproximando-se de Eumolpo, disse-lhe ao pé do ouvido:

— Minha mulher me despreza. Se você me ama, venha e faça uns versos satíricos para que ela se envergonhe da sua conduta.

XCVII

Bargates conversava em segredo com Eumolpo, quando entra no albergue um oficial de justiça, seguido de um criado e de curiosos, que, balançando uma tocha que fazia mais fumaça que luz, proclamou:

Perdeu-se nos banhos públicos um garoto de mais ou menos dezesseis anos, cabelos crespos, delicado, bonito, de nome Giton. Mil moedas para quem o devolver ou indicar seu paradeiro.

Não longe do oficial de justiça, lá estava Ascilto, com um manto de várias cores, trazendo numa bandeja de prata o dinheiro da recompensa. Mandei Giton se esconder debaixo da cama, e se agarrar lá embaixo como fez Ulisses na barriga dos carneiros, para que seus perseguidores não o encontrassem. Giton não demorou em obedecer, e se escondeu tão bem que nem o próprio Ulisses o encontraria. Quanto a mim, para não despertar suspeitas, joguei minhas roupas sobre a cama e me deitei para que elas ficassem com a forma do meu corpo. Enquanto isso, Ascilto

percorria com o oficial todos os quartos, até que chegou no meu. A porta estava fechada. Mas o criado do oficial enfiou o machado e abriu a fechadura. Eu me lanço aos pés de Ascilto e imploro, em nome da velha amizade e pelos maus pedaços que passamos juntos que me deixasse abraçar pela última vez um amigo querido.

E fingi:

— Sei que você veio pra me matar. Posso ver por esses machados todos que me ameaçam. Que seja. Eis meu pescoço. Vamos, me mate, acalme seu ódio. Sei que essa busca é apenás um pretexto.

Ascilto se aborreceu com essa suspeita, e disse que tudo o que queria era achar o garoto. Não queria a morte de ninguém, muito menos de um amigo que, mesmo depois da briga, ainda lhe era caro.

XCVIII

Mas o criado do oficial de justiça não se mostrou tão sentimental. Com uma vara, ele cutucou debaixo da cama, e vasculhou canto por canto todo o quarto. Mas Giton desviava da vara, retendo a respiração e suando por todos os poros. Mal eles tinham saído, Eumolpo, entrando pela porta arrombada, gritou todo animado:

— Ganhei mil moedas! Vou atrás do oficial de justiça e vou dizer que o garoto está aqui. Você vai conhecer minha vingança.

Eu me abraço em seus joelhos e imploro que não acabe de matar estes dois miseráveis já quase mortos.

— Tudo bem, tudo bem — eu falei. — Vingue-se de mim. Mas o garoto não está mais comigo. Ele fugiu no meio da multidão, não sei onde possa ter ido. Por favor, Eumolpo, encontre-o. Nem que seja para devolvê-lo a Ascilto.

Ele já ia acreditando, quando Giton não agüentou mais reter a respiração, e espirrou que sacudiu a cama.

— Saúde! — exclamou Eumolpo, levantando o colchão e descobrindo nosso lindo Ulisses, que ciclope nenhum teria a coragem de devorar.

— Seu ladrãozinho barato! — ele me insultou. — Você foi apanhado em flagrante, não negue. Se o deus que zela pela justiça não tivesse feito essa criança espirrar, eu ainda estaria a procurá-lo por trancos e barrancos, por todas as tabernas da cidade!

Mas Giton, muto mais delicado que eu, já fazia um ungüento com azeite e teias de aranha para tratar a ferida que tinham feito na testa de Eumolpo. Tirou a roupa rasgada do poeta, e a substituiu com seu próprio manto. Depois, abraçou-o e o cobriu de beijos, dizendo:

— Estamos em tuas mãos, papaizinho querido! Se você ama teu Gitonzinho, salve-o dessa confusão toda. Ah, por que não me queimam as chamas? Por que o mar não me engole em suas águas? Eu sou a causa de todas essas desgraças. Se eu morresse, pelo menos, dois amigos fariam as pazes.

Eumolpo, tocado por tantas mostras de carinho, nos repreendeu:

— Vocês são mesmo uns bobalhões, podiam levar uma vida ótima, mas vivem se metendo em encrencas. Cada dia vocês arrumam uma confusão.

XCIX

— Da minha parte, eu sempre vivi cada dia como se fosse o último, como se aquele dia nunca mais fosse voltar. Tranqüilidade é o meu negócio. Quem quiser me imitar, que me siga. Se Ascilto vem atrás de vocês, fujam. Se eu estou para partir em direção a países distantes, venham

comigo. O navio onde eu parto zarpa esta noite. No navio, todo mundo me conhece. Vamos ser bem recebidos.

O conselho do poeta me pareceu bom e útil. Pelo menos, me livrava das perseguições de Ascilto e me prometia uma vida mais feliz.

Vencido pela delicadeza de Eumolpo, me arrependi amargamente dos maus sentimentos que tive por ele. O que é que um homem não faz movido por ciúmes? Implorei que me perdoasse.

— Ninguém pode controlar o ciúme. Mas de agora em diante prometo não fazer nem dizer nada que possa irritar você. Você, como um homem culto, deve fazer um esforço para que não fique nem cicatriz desse nosso desentendimento. As neves e o gelo permanecem longo tempo em terrenos incultos. Mas na terra arada logo derretem e se fundem. Assim é a raiva em nosso peito. Nas pessoas sem preparo, ela fica. Nas mentes bem educadas, logo se dissipa.

— Assim é que se fala, meu garoto! — disse Eumolpo. — Vamos dar um beijo de paz. E vamos lá! Embrulhem suas coisas, e me sigam. Ou se preferem, me guiem.

Ainda falava quando bate na porta um marinheiro barbudo:

— Que é que estão esperando? Vamos depressa!

Levantamos na hora, e Eumolpo acordou seu criado para preparar as bagagens.

Eu e Giton juntamos nossos trapos, fizemos uma oração aos astros que protegem os navegantes, e subimos no navio.

C

Escolhemos um lugar afastado, perto da popa. Ainda não era dia, Eumolpo cochilava. Eu e Giton não conseguimos fechar o olho. Com angústia, me dei conta de que

tinha arrumado um rival ainda mais perigoso que Ascilto, e isso me tirava o sono. Para me confortar, apelei para a razão: e fiquei elucubrando cá comigo:

— O que é que há demais no fato de o garoto agradar a Eumolpo? A natureza, afinal, não fez as belas coisas para todos apreciarem? O Sol brilha pra todos. A Lua e as estrelas iluminam o caminho para as feras voltarem a seus ninhos. O que é que existe de mais lindo que as águas? E correm para todos. Será que só o amor tem que ser roubado? No entanto, só amamos de verdade aquelas coisas que temos e todos nos invejam. Meu rival é um só, e já está velho. Se tentar alguma coisa com Giton, não vai ter fôlego nem pra começar a transar.[51]

Essas considerações que levei comigo mesmo serenaram minhas dúvidas, cobri minha cabeça com o manto, e fingi adormecer.

Mas de repente, como se o destino quisesse brincar com minha paz, ouvi uma voz vinda da popa, gemendo:

— Foi assim que ele me enganou.

Essa voz masculina, que não me era estranha, fez meu coração bater mais depressa. E mais depressa bateu ainda, quando ouvi uma voz de mulher ainda mais inflamada:

— Ah, se os deuses me permitissem botar as mãos de novo naquele Giton, que delícia seria!

O sangue gelou nas minhas veias.

Eu, como num pesadelo, levei tempo para recuperar a voz, e fui acordar Eumolpo, puxando seu manto:

— Pelo amor dos Céus, meu pai, de quem é este navio? E aonde vai?

Acordando, ele respondeu, com toda a calma:

— Ah, volte, vá dormir lá no teu canto. Não há problema, este navio é de Licas de Tarento, levando para essa cidade uma passageira, uma tal de Trifena.

(51) Neste devaneio do insone Encolpo, temos talvez o primeiro germe do "monólogo interior". (N. T.)

CI

Atônito, como se um raio me atingisse, abri meu manto no peito e exclamei:

— Venceste, ó Acaso!

Giton, a cabeça deitada no meu peito, parecia desmaiado.

Suor frio escorria por nossos corpos, até que, refeitos, agarrei os joelhos de Eumolpo, implorando:

— Misericórdia!, piedade para dois moribundos. Por amor deste garoto, que nós dois idolatramos, mate-nos, mate-nos agora! A morte está diante de nós, só você pode nos salvar! Bem-vinda, ó Morte!

Espantado com aquele escândalo, Eumolpo jura pelos deuses que não faz a menor idéia sobre o perigo que estamos temendo, não há nenhuma armadilha, "podem ficar tranqüilos, confiem em mim, fazia tempo que eu tinha marcado esta viagem".

— Estão com medo de quê? Não é nenhum navio pirata. Ao seu leme, está Licas de Tarento, pessoa da mais alta categoria, piloto e dono deste navio, proprietário de vastos domínios, levando um lote de escravos para vender. Não é nenhum ciclope, nenhum monstro marinho. No navio, também viaja Trifena, uma mulher lindíssima, que adora ficar viajando pra lá e pra cá.

— É deles que nós estamos fugindo — gemeu Giton.

E rapidamente conta a Eumolpo tudo o que tinha acontecido, o ódio que essa gente devia ter de nós, os perigos que estávamos correndo.

O poeta ficou confuso. Sem saber que decisão tomar, pediu a opinião de cada um:

— Vamos fazer de conta que fomos parar dentro da caverna do ciclope. Temos que achar uma saída. Ou então nos atirar no oceano, o que nos livraria para sempre de todos os problemas.

— Seria melhor — disse Giton. — Mas em vez disso,

que tal tentar convencer o piloto a nos desembarcar no próximo porto? Diga que teu amiguinho está com tanto enjôo que parece que vai morrer. Alvoroce os cabelos, grite, faça tudo para convencê-lo.

— Não é bem assim — disse Eumolpo. — Um navio deste tamanho não pára em qualquer porto. Além do mais, ninguém fica tão mal assim, a ponto de morrer. Além disso, Licas vai querer ver o moribundo. Vocês vão querer que ele reconheça vocês? Mas suponham que tudo desse certo. Como é que poderíamos descer do navio, sem ninguém notar? Rosto coberto? Iam nos tomar por doentes precisando de auxílio. Cara descoberta? Era a mesma coisa que dizer "olhem, estamos aqui".

CII

— Quem sabe — digo —, um pouco de audácia resolva nosso caso. Que tal descer pela corda até o bote de socorro, cortar a corda e nos entregarmos aos sabores do acaso? Você não entra nessa, Eumolpo. Nós é que temos que correr esse perigo. Que o Acaso favoreça nossa fuga!

— Excelente plano — disse Eumolpo —, se pudesse dar certo. Vocês acham que ninguém vai notar que vocês estão fugindo? Nem o piloto, que passa a noite toda observando até o movimento dos astros? Mesmo que ele dormisse, vocês teriam que passar por ele para chegar até o cabo que prende o bote. Que tal matar o marinheiro que fica de guarda, ou atirá-lo ao mar? Acham que são capazes? Quanto a mim, estou disposto a acompanhar vocês, não temo perigos, se tivermos uma chance. Não vale a pena arriscar a vida, se não temos nenhuma chance. Que tal o seguinte: eu posso colocar vocês dentro de dois sacos, com minhas roupas. Fecho a correia da boca dos sacos, deixando uma pequena abertura para vocês poderem respirar

e receber comida. Amanhã, declaro que meus dois escravos, temendo um castigo que eu ia lhes dar, saltaram ao mar durante a noite. Quando o vento nos conduzir ao porto, vocês serão desembarcados com minhas coisas, sem despertar suspeitas. Que tal?

— Uma merda de plano! — eu protestei. — Então, você pensa que nós somos objetos? Pensa que nós não mijamos, não cagamos, não espirramos, não tossimos? E se vier uma calmaria? Vamos ficar ali feito estátuas? Vamos buscar outro caminho para nossa salvação. Olhem só o plano que eu tenho. Eumolpo, como homem de letras, deve carregar consigo muita tinta para escrever. Giton e eu poderíamos nos pintar da cabeça aos pés, e passar por escravos etíopes, aos olhos de nossos inimigos.

— Ah, é? — disse Giton. — Que tal a gente se circuncidar para que pensem que somos judeus? Ou furar as orelhas, para que pensem que somos árabes? Ou passar giz na cara para parecermos germanos? Podemos mudar a cor, não os traços. Isso não basta. Há muitos riscos. E se a tinta demorar para sair? E se cair água em nosso corpo e aparecer alguma mancha? E se a tinta grudar na roupa? Os africanos têm lábios grossos. Como engrossar os nossos? Como ficar com cabelos como os deles? Como simular as tatuagens que usam? A cor não vai mudar nosso corpo. Tenho uma proposta inspirada pelo desespero. Vamos cobrir nossa cabeça com o manto, e pular no mar.

CIII

— Que os deuses nem os homens permitam a vocês uma morte tão certa! — exclama Eumolpo. — Façam o seguinte. Meu criado, como vocês sabem, é barbeiro. Ele pode raspar a cabeça de vocês, junto com a sobrancelha.

Depois, eu escrevo na testa de vocês: desertores. Isso vai bastar para enganar os inimigos que vocês têm.

Esse plano foi aprovado. O barbeiro tocou a navalha em nossas cabeleiras e sobrancelhas, Eumolpo nos inscreve por toda a cara as palavras que se inscrevem nos escravos fugitivos e desertores. Por azar, um dos passageiros do navio vomitava, com enjôo, e viu o barbeiro, à luz da Lua, cortando nosso cabelo, coisa que ele tomou por um mau presságio, pois os passageiros de um navio cortavam os cabelos em oferenda aos deuses nos perigos de naufrágio. Ouvindo suas pragas, Giton e eu deitamos tentando em vão um sono tranqüilo. De manhã, desde que soube que Trifena estava acordada, Eumolpo entrou na cabine onde dormia Licas. Falou-se primeiro do bom tempo que fazia e da bela viagem que íamos fazer. De repente, Licas olhou para Trifena, e disse:

CIV

— Esta noite, Príapo, o deus do grande caralho, me apareceu em sonho e me comunicou:

— Esse Encólpio que você busca encontra-se neste barco.

Trifena estremeceu toda, e acrescentou:

— É coincidência demais. Sonhei que o deus do mar veio até mim e disse: o Giton que desejas está neste navio.

— Por aí, vocês podem ver — disse Eumolpo — a verdade daquilo que Epicuro disse sobre a falsidade dos sonhos, e daqueles que neles acreditam:

> Sonhos, sombras falsas passageiras,
> não vêm dos deuses nem das altas esferas.
> São coisas nossas, quando sem peso
> o espírito paira solto na noite.

> Neles, a luz se faz de nuanças e reflexos.
> Contra o tecido das trevas, tecem
> fios os labirintos onde resplandecem
> cenas de batalha, brilhos de fogueira
> e campos claros à luz da Lua cor de água.
> Neles, sonhos, dores do dia transparecem,
> perigos das viagens do amor, alegrias da caça,
> vitórias e derrotas do amor.
> Assim, de noite, aumentam as delícias
> dos que têm motivos de delícia.
> E a dor das feridas dói mais
> na carne dos infelizes.

Licas praticou os ritos a Netuno, necessários depois do sonho de Trifena. Então, disse:

— Que tal inspecionar todo este navio para ver se os céus não nos mandam uma mensagem verdadeira?

Nessa hora aquele passageiro que tinha visto o barbeiro nos raspar a cabeça, um tal de Hesus, entrou e perguntou:

— Quem são esses dois que raspavam a cabeça à luz da Lua?

Azar o nosso. A gente não sabia que os marinheiros consideram de mau agouro cortar as unhas ou o cabelo num navio, a não ser durante uma tempestade.

CV

Perturbadíssimo com essa notícia, Licas ferveu de raiva:

— Alguém se atreveu a cortar os cabelos neste navio, numa noite calma? Tragam até mim os criminosos para que suas cabeças enfeitem a proa deste navio.

Eumolpo veio em nosso socorro.

— A culpa é toda minha. Como devia viajar com eles, decidi fazer as coisas que tornassem a viagem mais propícia. Os fugitivos traziam os cabelos crescidos e em desordem. Para que as inscrições marcando sua infâmia aparecessem com toda a nitidez, mandei cortar suas cabeleiras. Basta dizer que consumiam dinheiro que me roubaram com uma prostituta, amante deles dois. Foi na casa dela que os surpreendi, a noite passada, bêbados e cobertos de perfumes caríssimos. Creio que ainda cheiram parte do meu dinheiro.

Seja como for, Licas, para purificar seu navio, mandou que nos aplicassem quarenta chibatadas. Foi pra já. Marinheiros furiosos descarregaram em nossas costas os golpes que a deusa Tutela exigia. Recebi as três primeiras chibatadas com a superioridade de um espartano. Giton, porém, mais delicado, no primeiro golpe, soltou um grito, que Trifena reconheceu na hora.

A beleza de Giton já tinha desarmado a fúria dos algozes, quando as mulheres do séquito de Trifena começaram a gritar:

— É Giton! É Giton! Parem, animais! Senhora, é Giton, salve o pobre garoto!

Trifena mal podia acreditar em seus ouvidos, mas a gente acredita fácil no que deseja, e ela correu até o garoto, quase voando. Licas, que me conhecia muito bem, ao ouvir minha voz, aproximou-se depressa. Mas nem me olhou nos olhos nem no rosto. Abaixou os olhos até a altura do meu caralho, levou a mão, apalpou-o bem, e me reconheceu:

— Encolpo, querido! Seja bem-vindo!

Ninguém se admire que a ama-de-leite de Ulisses o reconheceu, na volta, por uma cicatriz. Licas me reconheceu por um simples toque nas partes mais ocultas. Trifena, enganada pelas inscrições em nossa cara, derramava lágrimas perguntando em que prisão tinham nos metido, que suplícios tínhamos sofrido.

Mas não se esqueceu de acrescentar:

— Vocês bem que mereciam um castigo, seus malandrinhos! Quem mandou trocar meus carinhos pela ingratidão da fuga?

CVI

Licas ficou furioso com a ingenuidade de Trifena:

— Ah, mulherzinha sem miolos! Você não acredita que essas letras foram escritas na cara deles com ferro quente, acredita? Ainda bem se fossem, eles bem que mereciam, e estaríamos vingados. Mas isso aí não passa de uma farsa, alguém está querendo nos fazer passar por idiotas!

Trifena, feliz de recuperar seu queridinho, inclinava-se ao perdão.

Mas Licas, lembrando que eu tinha comido sua mulher e lembrando do vexame diante do templo de Hércules, estava puto comigo:

— Não vês, Trifena, o dedo dos deuses nesta soma inaudita de acasos? Que poderes os trouxeram até este navio? E que dizer dos sonhos premonitórios que ambos tivemos? Será que temos o direito de perdoar aqueles que os próprios deuses condenaram? No que me diz respeito, não sou um homem cruel. Mas temo que os deuses me castiguem, se eu deixar estes patifes sem uma lição.

Trifena abalou-se com a religiosidade da argumentação de Licas, e concordou com nossa punição. Declarou-se ofendida com nosso comportamento, e proclamou em altos brados que tínhamos atentado contra sua dignidade de mulher honesta. Vendo que Trifena o apoiava, Licas já nos preparava novos suplícios, quando Eumolpo intercedeu em nosso favor.

CVII

— Estes desgraçados imploram vosso perdão, ó ilustre Licas! Eles nada mais querem que fazer as pazes com quem já estiveram ligados por tantos laços de terna intimidade. Não foi o acaso que os trouxe até este navio. Pensam que eles não sabiam de quem era este navio? Perdão é um dom dos deuses, que estes homens livres possam viajar a seu destino, sem sofrerem violências. O mais implacável dos senhores esquece seu ressentimento, quando o escravo fugitivo reconhece sua culpa. Perdoar um inimigo que se entrega é um prazer de reis. Que pretendeis além disso? Que quereis, enfim? Eis diante de vós dois jovens, de boa origem, honestos, decentes, sobretudo belos rapazes com os quais já tivestes a mais íntima das relações. Eles não roubaram vosso dinheiro, não praticaram nenhuma traição imperdoável. Aí, sim, as inscrições em seus rostos seriam mais que justificáveis. No entanto, nascidos livres, colocaram espontaneamente essas marcas no rosto, que os transformam em malditos.

Licas interrompeu a oração do nosso advogado:

— Espera aí. Você está embrulhando tudo, vamos por partes. Se vieram por livre e espontânea vontade, por que motivo rasparam a cabeça? Quem muda a sua aparência, está a fim de enganar, não de dar satisfação de seus atos. Depois, se eles tinham a intenção de obter perdão por intermédio de você, por que tanto trabalho para escondê-los dos olhos de todos? Ao que tudo indica, caíram em nossas mãos por acaso, e você agora tenta salvá-los da nossa justa cólera. Quanto a dizer que são jovens de boa família, não passa de um truque para nos intimidar. Esse argumento pode ainda piorar as coisas. Que deve fazer um homem ofendido, quando o culpado se oferece ele mesmo ao castigo? E você diz que foram amigos nossos? Pior para eles, maior deve ser a punição. Quem lesa um estranho, é

apenas um criminoso comum. Mas quem ofende seus amigos, é um pouco menos que um parricida.

A esta argumentação injusta, Eumolpo respondeu:

— Percebo que o crime maior que estes jovens cometeram foi ter cortado os cabelos durante a noite. Com isso, parece que vieram parar por acaso nesta nave, não deliberadamente. Não há nada de mais nisso, posso explicar. Na realidade, eles já estavam com vontade de se desembaraçar daquelas cabeleiras incômodas antes de subir no navio. Mas a chegada de ventos propícios obrigou-os a postergar o projeto para não perder a viagem. O que os impedia de cortar os cabelos no navio? Afinal, eles não são marinheiros, e não conheciam essa nobre superstição do mar.

Mas Licas foi implacável:

— Por que raspar a cabeça? Será que pessoas com a cabeça raspada são menos culpadas de seus crimes? Ah, e que me interessa conversar através de um intérprete?

E para nós:

— O que é que você tem a dizer, facínora? Qual foi o bicho que comeu tua sobrancelha? A que divindade você ofereceu a cabeleira? Responde, envenenador.

CVIII

Fiquei atônito, apavorado com a perspectiva dos suplícios que me esperavam, e, diante das evidências, não achava nada para dizer em meu favor. Perturbado e disforme, cabeça totalmente raspada, sem um pêlo na sobrancelha, nada podia fazer nem dizer que não me tornasse ainda mais indecente. Mas desde que me passaram uma esponja molhada na cara e as letras escritas se dissolveram numa máscara preta, a raiva que eu sentia se transformou em ódio. Eumolpo protesta que não assistirá de braços cruzados à injusta punição contra homens livres, de viva

voz e com gestos. Nisso, foi auxiliado por seu criado das bagagens e por uns dois passageiros, que, no entanto, só nos consolavam, sem aumentar muito nossa força naquele impasse. Eu não lutava por mim. Mas ameacei furar os olhos de Trifena com minhas unhas, se tocassem em Giton, por causa dessa mulher amaldiçoada, que merecia ser açoitada por toda a tripulação. Minha audácia redobra a ira de Licas, indignado com o fato de que eu tomasse a defesa de outrem, em vez da minha. Trifena não deixou por menos, e armou um escarcéu, que logo dividiu a tripulação em dois partidos. Do nosso lado, o barbeiro de Eumolpo passou a mão na navalha, e distribuiu entre nós outras ferramentas de seu ofício. Do outro, os escravos de Trifena arregaçavam as mangas, dispostos a lutar com as mãos nuas. As escravas também entraram na briga, incitando os companheiros, aos gritos de "pega, pega". Só o piloto, tranqüilo no leme, ameaça abandonar a nave ao deus-dará, se não pararem com aquela baderna. O furor da luta prossegue, Licas e os seus para se vingar, nós, para defender a vida. Já muitos jazem pelo chão, malferidos, muitos sangram, e caem fora da briga. Mas a fúria do combate não esmorece. Giton, então, aproxima a navalha do seu próprio caralho e ameaça cortá-lo, já que era o responsável por aquela confusão. Trifena saltou e o impediu de cometer um tão grande crime, não disfarçando seu interesse pessoal na conservação daquela bela parte do meu caro Giton. A navalha, porém, era aquela mesma que Giton tinha passado na garganta, sem efeito. Os grupos ainda se defrontavam com ânimo intacto, quando o piloto pediu a Trifena que pedisse uma trégua. Trifena concordou. E, conforme o costume do nosso povo, apanhou o ramo de oliveira que coroava o ídolo da deusa Tutela, e avançou entre os combatentes, dizendo assim:

Que loucura é esta
que em guerra transforma a nossa festa?

Acaso alguma adúltera Helena
fugiu para uma remota Tróia?
Quem sabe Medéia abandonada,
sobre os filhos do amante exerce vingança?
Apenas o ciúme esta rixa atiça.
Cesse todo o conflito e esse furor insano.
Aceitem minha morte como um beijo.
Quem sabe entre as ondas deste oceano,
acharei mais piedade que entre vós!

CIX

Estes versos, ditos em altos brados, acalmaram os ânimos dos combatentes, que suspenderam as hostilidades, atentos. Eumolpo aproveitou esse momento de arrependimento. E, chefe do seu bando, repreendeu Licas, com toda a fúria de que era capaz.

A seguir, esboçou um tratado de paz, nos termos seguintes:

Você, Trifena, vai prometer, de livre e espontânea vontade, que vai esquecer todos os malefícios que Giton possa eventualmente ter-lhe proporcionado, a não tirar vingança nenhuma, bem como a não exigir nada dele, nem por meio de beijos, nem por meio de abraços, nem por nada daquilo que uma mulher faz na cama. Em caso de violação desta cláusula, você, Trifena, deverá pagar ao dito Giton a soma de cem moedas de ouro.

Quanto a você, Licas, você se compromete a não injuriar Encolpo por palavras violentas, a não lhe endereçar olhares de ódio, nem tentar agarrá-lo de noite na cama. Caso contrário, para cada violação, duzentas moedas de ouro.[52]

(52) Paródia da linguagem dos tratados, como antes paródia da fala forense. (N. T.)

Com estas palavras, concluído o pacto, depusemos as armas. Para que não restassem resíduos dos ódios recentes, trocamos todos um beijo de paz. Os ódios se acalmam, e, pela vontade de todos, começa a se formar uma festa, onde os rancores se trocam em alegria e celebração jubilosa. O navio vibra com os cantos de todo mundo. E, na calmaria que fazia, uns lançam varas e anzóis no mar, e já começam a apanhar peixes. Aves marinhas vêm voar em torno de nossos mastros. Marinheiros hábeis armam redes, e as apanham às dezenas. A brisa leva embora suas plumas levíssimas, que caem no mar e desaparecem entre a espuma das ondas. Licas já começava a ficar numa boa comigo. Trifena respingava o resto do vinho de seu cálice na cara de Giton. Foi nessa hora que Eumolpo começou a zombar dos calvos e dos sarnentos. Depois de meia dúzia de piadinhas sem graça, a musa se apossou dele, mais uma vez, e ele entoou uma elegia sobre a queda dos cabelos:

Onde foram parar as belas folhas
que cobriam as árvores na primavera?
Um verão, um outono, e eis que
leva-as embora o vento.
Onde as belas cores da infância,
a luz, a força e as formas da adolescência?
Quão longe vão, efêmeras alegrias!
Leva-as o vento, como leva as cabeleiras.
Rosa, onde as pétalas? Árvore, onde o verde?
Pela cabeça, começamos a morrer.

CX

Havia uma dama na cidade de Éfeso, tão honesta, mas tão honesta, que vinha gente de longe pra ver de perto tamanha honestidade. O marido dela morreu. Mas ela não

se contentou com as mostras de dor habituais nesses casos, arrancar os cabelos, acompanhando o cortejo fúnebre, bater nos peitos nus diante de todo mundo. Ela quis fazer como os gregos, acompanhar o defunto até o mausoléu, e ficar lá com ele, chorando dia e noite. Nem parentes nem amigos puderam dissuadi-la da intenção de se deixar morrer de fome ao lado do cadáver do seu ente querido. Os próprios magistrados da cidade, depois de algumas tentativas, desistiram. Não havia quem não chorasse aquela mulher, modelo de virtudes conjugais, que já pelo quinto dia não tomava nenhum alimento. Com ela, a fidelíssima serva, chorando com ela, e realimentando a lâmpada do mausoléu, quando estava para se apagar. Na cidade, não se falava de outra coisa, a não ser daquela esposa mais fiel que todas, espelho e exemplo de castidade e amor conjugal. Aconteceu, porém, que, nesse momento, o governador da província mandou crucificar alguns bandidos bem perto do lugar onde a viúva chorava seu defunto e esperava a morte. A noite seguinte, o soldado que vigiava os crucificados, para que ninguém viesse tirá-los e sepultá-los, viu a luz que brilhava no meio dos túmulos e uma voz que gemia. Movido pela natural curiosidade, quis saber o que era aquilo, quem estava naquele lugar, qual o motivo de tudo. Desceu, assim, até a cripta do mausoléu, dando de cara com aquela mulher lindíssima, que pensou se tratar de uma visão vinda do reino dos mortos. Logo, porém, vendo o cadáver estendido na lousa, a mulher chorando, o rosto arranhado de ataques de desespero, o bravo soldado compreendeu que estava diante de uma viúva que pranteava seu falecido. Assim, passou a trazer ao mausoléu sua ração de soldado, tentando consolar a viúva, dizendo que era inútil chorar alguém que já tinha nos deixado.

— Todos vamos acabar assim, chega de mágoa. Essa vai ser nossa última morada.

Enfim, ele gastou todas as frases que usamos nessas horas para trazer de volta aqueles que foram feridos pela

perda de um ser querido. Estas tentativas de consolo não produzem nenhum efeito sobre a viúva, que arranha os peitos, arranca as roupas e se atira sobre o caro defunto.

O soldado insiste que ela compartilhe de sua ração. Mas foi a servente que, atraída pelo cheiro do vinho, recuperou primeiro a razão.

— De que é que serve, minha senhora, enterrar-se viva? — disse ela, depois de provar um pouco de pão, de queijo e de azeitonas.

E prosseguiu:

— Para que entregar ao destino aquilo que o destino ainda não reclama?

O que é que os mortos entendem de flores?

E foi incisiva:

— Volte à vida. Isso é bobagem de mulher. Vamos gozar da luz, enquanto ainda há luz. Esse corpo morto, aqui em tua frente, está mostrando quanto vale a vida. É comer e viver, minha senhora.

Extenuada pelo longo jejum, a viúva deixou-se convencer, e devorou com toda a avidez a comida que a escrava tinha sido a primeira a provar.

CXII

Um desejo satisfeito leva a outro desejo, isso todos sabemos. O soldado começou a usar contra a castidade da nossa viúva os mesmos argumentos que tinha empregado para fazê-la provar da sua comida. O jovem soldado até que não era de se jogar fora, tinha um aspecto viril e uma conversa envolvente, coisa que não passou despercebida à nossa pobre viúva. A escrava, já animada com a vida que voltava, não parava de repetir:

Para que jogar fora
os bons momentos da vida,
se a vida nunca retorna?

Não precisa dizer mais. Vencedor do estômago da dama, o soldado não teve dificuldades para vencer outras fomes que atormentavam a pobre viúva. Dormiram juntos uma noite inteira, duas noites, três, tomando o cuidado de fechar a entrada do mausoléu para que todos pensassem que a virtuosa viúva tinha morrido de fome diante do seu adorado defunto. O soldado, apaixonadíssimo pela beleza da dama, comprava o que podia e levava para o mausoléu, assim que a noite caía. Nisso, os parentes de um dos crucificados, vendo que não estava sendo vigiado, o tiraram da cruz, e o enterraram num lugar decente. Qual não foi o espanto do pobre soldado, ao ver, de manhã, uma cruz sem cadáver? O castigo era severo.

— Vou me matar — disse ele à viúva, com ares de desespero.

E completou:

— Me enterre neste mausoléu com vosso marido.

Mas a viúva mostrou-se cheia de misericórdia:

— De jeito nenhum! Não vou perder dois homens queridos, ao mesmo tempo. Melhor pendurar o morto, e conservar o vivo.

Dito e feito. Manda pegar o corpo do seu marido e pendurá-lo na cruz vazia. O soldado obedeceu rigorosamente às ordens dessa mulher espertíssima. No dia seguinte, o povo gritava "milagre!", ao ver que um morto tinha ido sozinho se pregar numa cruz.

CXIII

Foi com uma imensa gargalhada que os marinheiros terminaram de ouvir essa história, enquanto Trifena, para

ocultar o rubor das faces, escondia o rosto no peito de Giton.

Licas, porém, não gostou muito da fábula. E, furioso, balançou a cabeça:

— Se o governador de Éfeso fosse justo, deveria devolver o cadáver ao túmulo, e mandar crucificar a mulher.

Estava furioso com a lembrança de que eu tinha transado com a mulher dele, e tinha fugido depois de roubar o navio de Ísis. Mas as cláusulas do nosso tratado de paz impediam acusações, e a alegria geral não dava lugar a maus humores. Trifena, deitada sobre Giton, ora beijava seu peito, ora cobria sua cabeça raspada com seus próprios cabelos. Eu, triste e incomodado com a volta daquele romance, não conseguia beber nem comer nada, olhando para os dois, sem saber qual deles eu estava odiando mais. Os beijos e os carinhos que essa mulher depravada prodigalizava sobre meu Giton me cortavam o coração. Perplexo, eu não sabia se detestava o garoto por me tirar minha amante ou se reservava minha raiva para essa mulher que corrompia o meu garoto. Ambas as coisas me eram odiosas, e mais doídas que os tormentos por que tinha, há pouco, passado. Trifena evitava conversar comigo, esquecendo o quanto lhe fui caro. Giton não me dava a mínima, e não fazia brindes à minha saúde, quando bebia. Para agradar a Trifena, quase fazia de conta que não me conhecia. Não agüentei, e desandei a chorar, que lavei o peito de lágrimas, e quase sufoquei tentando abafar dentro de mim os soluços e gemidos que queriam sair. Mas, apesar de toda a minha tristeza, a peruca loira que me puseram parecia me dar uma nova beleza, pois Licas, apaixonado de novo, me olhava com ardor, e tentava obter comigo o que Trifena estava tendo com Giton.

Mas não agia como senhor, antes como o amante que implora um favor. Tentou um tempão. Como eu não cedi a seus desejos, ficou furioso e tentou conseguir à força o que eu não lhe concedia por bem. Nisso, Trifena entrou e o

surpreendeu em sua brutalidade. Ao vê-la, Licas, envergonhado, se veste e foge.

O incidente excitou Trifena:

— O que queria Licas com esse ataque? — perguntou.

Tive que contar tudo. Ouvindo aquelas coisas, Trifena sentiu se reacender sua antiga paixão por mim, e quis obter de novo os prazeres que lhe proporcionei no passado. Mas, exausto de todas essas lascívias, a repeli. Numa tara incrível, ela me agarrou com toda a força, e tive que gritar. Uma serva de Trifena acorre, e pensando que eu tentava obter dela o que ela estava tentando obter de mim, nos separa. Trifena, furiosa por não conseguir o que buscava, me cobre de insultos, e sai dizendo que ia procurar Licas para que, enfim, se vingassem de mim. Acontece que essa serva nutria por mim a maior paixão, desde o tempo em que eu tive meu romance com Trifena. Angustiada por ter-me surpreendido com sua senhora, ela não parava de lançar altos suspiros. Eu quis saber a causa, e ela:

— Se você é de boa origem, não dê importância a essa vagabunda. Um homem de verdade não deve perder tempo com putas.

Tudo isso me angustiava. O que eu temia mais é que o chato do Eumolpo soubesse de tudo e produzisse uma de suas sátiras, o que me cobriria de mais ridículo ainda. Pensava num meio de lhe esconder tudo, quando ele entra. Já sabia de tudo, Trifena tinha contado a história toda a Giton, para se vingar da minha recusa. Eumolpo estava furioso, essas investidas eram uma violação flagrante dos termos do nosso tratado. Me olhando, o ancião teve pena de mim, e pediu que eu lhe contasse tudo, coisa que fiz, narrando os ímpetos libidinosos de Trifena e as tentativas de estupro de Licas. Ao ouvir isso, Eumolpo jurou nos vingar, bradando que os deuses não deixariam sem castigo crimes tão clamorosos.

CXIV

Enquanto falávamos dessas coisas, o mar se encrespou, e nuvens vindas de todas as partes escureceram o céu. Os marinheiros, trêmulos, correm a recolher as velas. Mas o vento mudava sem cessar, e o piloto não sabia que curso assumir. Ora íamos em direção à Sicília. Ora o vento Aquilão, senhor das costas da Itália, jogava nosso navio para lá e para cá. Para cúmulo da desgraça, a escuridão se fez tamanha, que o piloto não conseguia enxergar a outra ponta da nave. Foi assim que, a tempestade no auge, Licas me procurou, tremendo que nem vara verde, e estendeu as mãos, implorando:

— Por favor, Encolpo, só você pode nos salvar! Devolve os objetos sagrados que você roubou do altar do navio! Tenha pena de nós! Você sempre teve bom coração!

Ele ainda gritava, quando uma onda varreu o navio e o levou para as profundezas. Os escravos de Trifena, vendo o perigo, a apanharam com todos os seus bens, a colocaram num bote, e assim a salvaram de uma morte certa.

Eu, agarrado a Giton, chorava e gritava:

— Nosso amor merecia que morrêssemos juntos. Mas a fortuna cruel não quis. Veja! As ondas vão engolir o navio! Veja! As ondas em breve vão separar nosso abraço amante. Se você jamais me amou, Giton, me dá um beijo, vamos roubar pelo menos isso do triste destino que nos coube!

Eu disse isso, e Giton tirou sua roupa e se envolveu na minha aproximando de meu rosto seus lábios lindos. E para nos ligar tão forte que as ondas não nos separassem, nos ligou com um mesmo cinto.

— Se tem que ser assim — ele disse — pelo menos, vamos juntos. Se o mar quiser, nos jogará na mesma praia. Quem sabe um passante, achando nossos corpos, nos enterre debaixo de um mesmo monte de pedras. Ou quem sabe as ondas nos sepultem no mesmo banco de areia.

Concordo com esse vínculo extremo. E como se já estivesse estendido no meu leito fúnebre, espero a morte, já não tão molesta. Nisso, a tempestade já concluía o mandato do destino, e arrasava o navio. Não havia mais mastro, nem leme, nem cordas nem remos: reduzido a um pedaço informe de matéria, o navio estava entregue ao poder das ondas.

Pescadores, vindos em suas canoas, se aproximaram do navio, esperando saquear o que restava. Mas, vendo que ainda havia gente no navio, disposta a defender seus bens, trocaram suas disposições predatórias em oferecimentos de auxílio.

CXV

Nisso, ouvimos um murmúrio insólito, vindo da cabine do piloto, como se fosse uma fera presa querendo sair. Fomos atrás do ruído, e encontramos Eumolpo sentado diante de um grande pergaminho, que ele estava enchendo de versos. Ficamos espantados de ver alguém, à beira da morte, escrevendo um poema. Mas o tiramos de lá, e o mandamos pensar em sua salvação.

Ele ficou furioso de ser interrompido:

— Me deixem terminar minhas sentenças. O poema está quase no fim.

Pulo em cima do velhinho frenético, pedindo a Giton pra me ajudar, e assim conseguimos trazer até a terra o poeta, que mugia de raiva. Conseguido isso depois de muito esforço, entramos numa cabana de pescadores, e preparamos uma refeição com restos de comida do naufrágio, na mais triste das noites da nossa vida.

No dia seguinte, deliberamos sobre a direção que deveríamos tomar, quando, de repente, vejo, boiando no

mar, um corpo humano que as ondas depuseram na praia. Triste com tudo aquilo, olho para o mar com os olhos rasos d'água, me perguntando como é que se pode confiar a vida aos acasos das ondas.

— Quem sabe — gritei —, talvez este homem tem em algum lugar uma esposa esperando por ele, um filho ou um pai, que o beijou na despedida! Assim terminam nossos projetos! Eis o resultado de nossas ambições! E olha só, ele parece ainda nadar!

Assim eu chorava o desconhecido, quando o mar depôs na praia o corpo de Licas, há pouco tão terrível, agora ali aos meus pés. Não pude conter as lágrimas mais tempo, e comecei a golpear meu peito com toda a força:

— E agora, Licas? Onde está a tua ira? E os teus desesperos? Aí está você exposto aos peixes do mar e às bestas da terra. Há pouco você se gabava do teu poder. Agora, do teu navio, não sobrou uma tábua para te salvar no naufrágio. Vamos lá, mortais, vamos encher nosso coração de grandes ambições! Vamos nos preparar para gozar por mil anos as riquezas ganhas com a fraude! Este aqui, por exemplo, até bem pouco somava a lista dos seus rendimentos! E não via a hora de voltar para sua terra e sua casa! Deuses e deusas, como ele acabou longe dos seus projetos! Mas não é apenas o mar que nos faz de joguetes do destino. O guerreiro confia em suas armas, que acabam por traí-lo. Aquele outro rezava a seus deuses familiares, sua casa desaba e o esmaga. O outro corria para sua meta, caiu do carro e quebrou o pescoço. O guloso morre engasgado com uma espinha de peixe. O frugal morre de fome. Se a gente pensar bem, há naufrágios em toda parte. Mas, alguém dirá, quem morre no mar não tem sepultura. E daí? Qual é a diferença, se o corpo vai ser consumido pelo fogo, pelos peixes ou pelo tempo? Faça você o que fizer, o fim é sempre o mesmo. Este corpo vai ser devorado pelos animais selvagens. Seria melhor entregá-lo às chamas? Mas não é com fogo que punimos nossos escravos, quando nos

irritam? Que loucura é essa de se preocupar tanto com nossa sepultura?

Depois deste desabafo, comecei a me mexer para dar ao cadáver de Licas as exéquias que merecia. Licas foi queimado numa pira montada por seus inimigos, enquanto Eumolpo se preparava para fazer a elegia fúnebre, olhando para o céu, à espera da inspiração.

CXVI

Realizado nosso dever fúnebre, nos botamos a caminho na direção combinada. Depois de muito suar subindo uma elevação, percebemos uma cidadezinha no alto do monte. Perguntamos a um camponês que cidade era aquela.

— É Crotona — ele respondeu —, cidade muito antiga e que já foi a maior de toda a Itália.

Quisemos saber sobre os habitantes, a que gênero de negócios se dedicavam, depois que sua cidade tinha sido arrasada pelas guerras.

— Meus caros forasteiros, se vocês são homens de comércio, podem mudar de rumo, escolham qualquer outra cidade. Mas se são pessoas de alta classe, prontas a mentir para conseguir uma boa situação, bem-vindos a Crotona. Nesta cidade, não há estudo das belas-letras, não há cultivo da eloqüência, nem respeito nenhum pelos bons costumes. Aqui, só há dois tipos de gente: os que escrevem testamentos e os caçadores de heranças. Aqui ninguém se interessa em ter filhos, porque quem tem herdeiros legítimos não é convidado para banquetes nem para os espetáculos, é como se fosse leproso. Mas aqueles que nunca casaram nem têm parentes próximos, são honrados sobre todos. Só eles são bravos, só eles são poderosos, são as únicas pessoas acima de qualquer suspeita. Esta cidade é que nem um

campo onde caiu a peste. Vocês só vão ver cadáveres devorados e corvos que tudo devoram.

CXVII

Malandro velho, Eumolpo ponderou sobre essa novidade, e nos confessou que não lhe desagradava enriquecer à moda de Crotona.

Opinei que podia se tratar de uma brincadeira, uma liberdade poética do campônio, mas Eumolpo prosseguiu:

— Ah, quem me dera um grande teatro para me apresentar em alto estilo! Belas vestes! Não esquecerei de vocês, crianças! A fortuna nos espera!

— Negócio fechado — eu disse — contanto que você nos dê a metade de tudo que conseguir, pode usar o manto de Ísis e tudo o mais que roubamos da casa de campo de Licurgo. A mãe dos deuses não vai nos desamparar neste momento crucial.

— O que esperamos para desempenhar nossa comédia? — Eumolpo falou. — Se vocês não se incomodam, eu farei o papel do senhor.

Tudo bem, ninguém tinha nada a perder.

E para que só ficasse entre nós a farsa que estávamos por encenar, prestamos solene juramento, as mãos entre as mãos de Eumolpo, repetindo com ele o voto sagrado: suportar o fogo, a escravidão, os açoites e a morte pelo ferro, se ele assim ordenasse. Assim juram os gladiadores.

Realizado esse ato sacro, vestidos de escravos, Giton e eu saudamos nosso novo senhor, e combinamos a mentira de que Eumolpo acabava de perder um filho muito querido, um rapaz de grande preparo e com um belo futuro pela frente. O pobre pai tinha, enfim, deixado sua cidade, por não agüentar mais ter diante dos olhos o sepulcro do

filho e seus amigos, fonte de todas as suas lágrimas. Para cúmulo da desgraça, acabava de perder num naufrágio seis milhões de sestércios. Mas não lamentava a perda do dinheiro, e, sim, a dos seus servidores mais próximos, o que o impedia de aparecer em público com toda a dignidade que merecia. Ainda bem que, na África, ele ainda tinha trinta milhões de sestércios em bens imóveis e dinheiro aplicado a juros, bem como tamanha quantidade de escravos que poderia com eles formar um exército capaz de tomar Cartago. A seguir, determinamos que Eumolpo deveria seguir esta fórmula: tossir sempre, como se tivesse problemas de estômago, recusar alimentos e só falar de dinheiro, bem como se queixar sempre da esterilidade das terras e da dificuldade de obter bons lucros agrícolas. Deveria ainda se trancar todos os dias para fazer cálculos e alterar os termos do seu testamento. Para completar a farsa, deveria, sempre que nos chamasse, trocar nossos nomes, para que todos imaginassem que ele ainda pensava ter ao seu lado seus escravos ausentes. Ordenadas estas coisas, rogamos aos deuses que nos dessem sucesso, e nos colocamos a caminho. Mas o pobre Giton mal conseguia carregar um peso superior a suas forças. E Corax, o criado de Eumolpo, oprimido debaixo do peso de todas as nossas bagagens, não parava de praguejar, dizendo que caminhávamos depressa demais, e ele ia jogar tudo aquilo no chão e fugir correndo.

— Estão pensando que eu sou um burro de carga ou um navio? Estou aqui para fazer trabalho de gente, não de cavalo. Nasci homem livre como vocês, embora pobre.

Não contente com isso, enquanto caminhava, levantava uma perna e ia peidando, para desgraça de nossas orelhas e nossas narinas.

Quem ria com isso era Giton, que, a cada peido, arremedava com a boca o fétido estrépito.

CXVIII

Mas o poeta, voltando à sua velha mania, começou:

— A poesia é ofício que ilude muita gente, meus jovens. Quantos ao primeiro verso já se julgam um novo Homero! Dessa forma, muito advogado, cansado de arrastar pelos tribunais seus discursozinhos cheios de brilharecos, resolve ancorar no sereno porto das Musas, como se fazer um poema fosse mais fácil que defender um cliente! Mas os talentos mais elevados não se deixam enganar assim. Eles sabem que os campos das letras só produzem frutos se abundantemente irrigados pelas águas do estudo. Sobretudo, insisto, é indispensável fugir de todas as expressões de origem vulgar, e só empregar aquelas formas que mais se distanciem do uso popular. Como disse Horácio,

Longe de mim a plebe rude.

Depois, é preciso cuidar para que os pensamentos mais brilhantes não destoem do conjunto da obra, mas sejam fios que combinem com o desenho do tecido. É só ver o caso de Homero, dos líricos, dos romanos Virgílio e Horácio, quanta felicidade na expressão! Os demais não enxergaram direito o caminho que leva à poesia, ou não souberam trilhá-lo. Vejam, por exemplo, o caso da Guerra Civil. Que poeta saberia abordá-la, a não ser repleto de informações literárias? Não se trata de competir com os historiadores, eles fazem isso melhor do que nós. O que é necessário são as digressões, a intervenção dos deuses. Que a livre inspiração se precipite através dos acontecimentos, e saiba encontrar assim a torrente imaginativa das sentenças, como se parecessem os oráculos da Sibila, delírios, sim, mas garantidos pela fé. O que é que vocês acham deste meu esboço, que ainda não recebeu a última demão?

CXIX

GUERRA CIVIL: UMA EPOPÉIA

Já por todo o orbe as armas de Roma
por toda a parte se viam vitoriosas,
mas nem assim o céu e o mar se saciavam,
pedindo naves, pedindo exércitos, pedindo mais.
Nunca se sacia a fome do ouro,
e a cobiça dos despojos é o estímulo
dos guerreiros...[53]

Eumolpo ainda declamava a plenos pulmões, quando entramos na cidade de Crotona. Depois de uma noite num albergue miserável, onde refizemos as forças, saímos em busca de um lugar melhor. Aí, encontramos uma multidão dos tais caçadores de herança, que já chegaram querendo saber donde vínhamos e que tipo de gente éramos. Conforme nosso plano, respondemos com as mais exageradas expressões de prosperidade e fortuna, que funcionaram na hora. Todos começaram a oferecer a Eumolpo sua hospitalidade, e muitos começaram a disputar para ver quem lhe dava os melhores presentes.

CXX

Vivemos um tempão em Crotona. Eumolpo, todo feliz, esqueceu a miséria donde tinha saído, e se gabava de que naquela cidade ele fazia o que bem entendia e tinha até a justiça em suas próprias mãos, através dos amigos influentes. Quanto a mim, eu engordava a olhos vistos

(53) Este longo e enfadonho poema do ridículo poeta foi abreviado, para alívio de Encolpo, Giton e de todos nós. (N. T.)

com a boa comida e a boa cama e já começava a achar que a desgraça, enfim, tinha me deixado em paz. Mesmo assim, não parava de refletir sobre a singularidade da minha situação presente e sobre suas causas.

Pensava, sobretudo:

— E se algum invejoso mandar alguém à África verificar a veracidade das gabolices de Eumolpo, e descobrir que tudo não passa de uma grossa mentira? E se o criado de Eumolpo, farto da prosperidade atual, contar tudo a seus amigos? Se isso acontecer, lá estamos nós de novo na estrada, mendigos de novo, depois da opulência! Deuses e deusas, como é dura a vida para quem vive fora da lei! Está sempre temendo aquilo que merece.

Revolvendo estas coisas no espírito, saio de casa, tristíssimo, para aclarar as idéias ao ar livre. Mal dei uns passos na via pública, quando chegou até mim uma garota nada feia. Me chamou de Polieno, nome fingido que eu tinha assumido desde o começo da nossa metamorfose em pessoas opulentas. Por fim, me disse que sua senhora queria muito me ver e falar comigo:

— Você deve estar equivocada — respondo, na maior perturbação. — Sou apenas um escravo estrangeiro, de todo indigno de tamanha consideração.

CXXI

— Nada disso. É você mesmo que ela quer. Claro, sabendo a beleza que você tem, você a vende, não a aluga. Por que você teria cabelos tão lindamente tratados? Por que esse olhar, esse andar sensual, toda essa gostosura que você demonstra, para que tudo isso, se não está à venda? Olha bem pra mim, não entendo coisa alguma de augúrios e bruxedos, nem de signos astrológicos. Costumo ler o rosto das pessoas. Quando vi você andar por aí, adivinhei o

que vai no teu íntimo. Se você estiver a fim de vender o que tem, tem comprador. Se preferir alugar, tudo bem. O fato de ser escravo não é problema, é mais provocante até. Há mulheres que se excitam com o cheiro dos servos cobertos de suor ou dos criados com o manto arregaçado. Outras morrem de tesão pelos gladiadores, pelos corredores de biga ou pelos atores cômicos. Minha senhora é dessas. Não há o que não faça para levar no meio das pernas o pau de um gladiador ou de um plebeu corpulento.

Encantado com a delicadeza da abordagem da jovem, arrisquei:

— Não seria você essa mulher que tanto me deseja?

A escrava riu muito desta minha observação desajeitada:

— Não seja tão presunçoso. Nunca fui pra cama com um escravo. Me preservem os deuses de ver um amante meu pregado numa cruz! Isso é coisa para as madames que beijam as marcas do chicote nas costas dos seus machos. Embora serva, só vou para a cama com pessoas de alta categoria social.

Fiquei pasmando sobre a discordância dos desejos, e incluí entre as monstruosidades desta vida que a serva tivesse a soberba de uma senhora e a senhora a vulgaridade de uma serva. Nossa conversa sacana ainda levou um tempo, até que pedi a ela para trazer sua senhora até um pequeno bosque de plátanos que ficava perto. Ela gostou da idéia, levantou a saia e saiu correndo por entre os loureiros que cercavam a estrada. Não demorou muito, estava de volta com sua senhora, saída das penumbras da vegetação. Não há palavras para descrever a beleza dessa mulher lindíssima. O que quer que eu diga, vai estar abaixo da realidade. Os cabelos caindo em cachos sobre os ombros. A testa estreita. As sobrancelhas enormes, quase se cruzando de tão espessas. Olhos brilhantes como estrelas numa noite sem luar. Narinas palpitantes. Uma boca que parecia a boca de Vênus esculpida por Praxíteles. O queixo, o pescoço,

as mãos, os pés cercados por correntinhas de ouro, o mais puro mármore não se comparava. Desde então, minha Dóris, nada mais me significaram meus antigos amores.

Que fazes aí em cima, ó Júpiter,
lançando teus raios?
Eis aqui mulher digna do Pai dos Deuses,
digna de que um deus por ela se faça homem.
Toca nessas carnes,
e sente o fogo que te incendeia o sangue.

CXXII

Deliciada com meus versos, vi seu riso desabrochar como a Lua cheia entre as nuvens. A seguir, balançando o dedinho:

— Meu jovem, se você aprecia uma mulher de distinção e que um ano atrás ainda era virgem, nós poderíamos chegar a um acordo. Andei me informando sobre você. Sei que você tem um amiguinho. Mas em que é que isso te impede de ter também uma amiguinha? É para isso que estou aqui. Que tal selar com um beijo o começo da nossa amizade?

— Por tua beleza, sou eu que te imploro! Não desdenhes aceitar entre teus adoradores este estrangeiro. Se queres ser deusa, aqui está um fiel prostrado a teus pés. Para que não penses que chego em teu altar de mãos vazias, te cedo meu amiguinho.

— Como? Me dás de presente aquele sem o qual não podes viver? O menino dos teus olhos? Aquele que amas como eu quero ser amada por ti?

Estas coisas ela dizia com tanta doçura de voz, uma música tão deliciosa vibrava no ar, parecia que eu estava ouvindo a harmonia das sereias. Eu a olhava, como quem

contempla a aparição de uma deusa, cercada de toda a luz dos céus, e perguntei que nome ela tinha no Olimpo.

— Como? Minha serva não te informou que me chamo Circe? Mas não sou filha do Sol, nem minha mãe podia, a um sinal, parar o curso do astro-rei. Mas eu me sentiria no céu, se nossos destinos pudessem cruzar. Sinto que alguma divindade está agindo. Não pode ser por acaso que uma nova Circe ama um novo Polieno. Entre esses dois nomes, sempre houve amor. Venha aqui me dar um abraço, imploro. Não há ninguém olhando. E teu amiguinho está longe daqui.

Isso disse Circe, e me enlaçou num abraço mais macio que a queda de uma pluma, me arrastando para o chão, sobre a relva constelada de flores.

Tal como aquele dia
o Pai dos Deuses entre os braços de Juno
Esqueceu que era Deus e foi todo homem,
Assim a terra derramou-se em flores,
Rosas, violetas e mirto,
Palavras que Vênus fala.

Abraçados sobre a grama, trocamos mil beijos, já íamos partir para delícias mais sólidas, quando o pior aconteceu. Meu pau não conseguia ficar duro.

CXXIII

Decepcionada, Circe ficou furiosa:

— Quer dizer então que meus beijos não te despertam nada? Será meu hálito? Ou o cheiro das axilas? Se não for isso, será que você não consegue tirar da cabeça teu querido Giton?

De vergonha, fiquei vermelho na hora, e perdi as poucas forças que ainda me restavam, o corpo todo mole.

— Não!, por favor, minha rainha! Não zombe da minha desgraça. Devo estar sendo vítima de alguma feitiçaria.

Uma desculpa tão esfarrapada não poderia acalmar a cólera de Circe, que me lançou um olhar de desprezo, e virou para sua serva:

— Me diga uma coisa, Chrysis. Por acaso eu sou feia? Mal vestida? Tenho algum defeito físico? Não minta para tua senhora. Não sei onde foi que eu errei.

Chrysis ficou em silêncio. Então, Circe agarrou um espelho que a serva trazia e se olhou nele longamente, fazendo todas as caras de que era capaz. A seguir, arrumando suas vestes, amassadas por nossos abraços, levantou-se e se dirigiu para um templo vizinho consagrado a Vênus. Eu, como um condenado, como alguém que tivesse visto um fantasma, comecei a interrogar meu espírito, me perguntando se aquilo tudo era real.

Na soporífera noite onde os sonhos
brincam,
um miserável sonha descobrir um tesouro.
Certo de que está rico e livre da miséria,
volta a enterrar suas mil moedas de ouro.
Quando vem o ouro do dia, desperta,
com as mãos vazias.
Desde então procura o lugar bendito
onde sonhou ter enterrado uma fortuna.

Aquele infortúnio me parecia um sonho, parecia que eu estava tendo uma alucinação, e me senti tão fraco que levei um tempão até poder me pôr de pé. Por fim, a fraqueza foi passando, e pude voltar para casa. Disse que não me sentia muito bem, e fui me deitar. Logo, Giton, quando soube que eu estava passando mal, entrou todo triste no

meu quarto. Para acalmá-lo, disse que estava apenas um pouco cansado. Contei-lhe uma porção de histórias, mas nem uma palavra sobre a aventura malsucedida, eu morria de medo do seu ciúme. Para disfarçar qualquer suspeita, pedi que deitasse ao meu lado e tentei começar alguma ação amorosa. Mas todas as minhas tentativas para ficar de pau duro foram em vão. Giton, furioso, levantou-se, acusando minha fraqueza de ser um sinal de diminuição do afeto. E acrescentou que já desconfiava há tempos que eu gastava minhas forças em algum outro lugar.

— Mas o que é isso, companheiro? Meu amor é sempre o mesmo. É a idade, com ela, vem a razão, e isso modera as paixões e os arrebatamentos.

Ele riu, e gracejou:

— Eu lhe agradeço muito por este amor socrático. Jamais Alcibíades saiu tão intacto da cama do seu mestre.

CXXIV

Tive que acrescentar:

— Me perdoa, meu querido. Alguma coisa está acontecendo comigo, até parece que não sou mais homem. Está morto em mim esse membro que fazia de mim um herói da guerra de Tróia.

Giton confirmou que eu estava impotente, e, temendo ser visto na cama comigo, levantou e fugiu para o interior da casa. Mal tinha saído, entra Chrysis, a serva de Circe, e me entrega uma carta, da parte da sua senhora. A carta dizia:

DE CIRCE A POLIENO, SAUDAÇÕES

"Se eu fosse uma depravada, estaria me queixando por ter sido decepcionada. Mas agradeço o fato de as forças

terem lhe faltado. Isso prolonga em mim a expectativa do prazer. Como é que você está? Com que pernas você voltou para casa? Sem vigor, os médicos dizem que não se pode andar. Cuidado com a paralisia, meu jovem. Nunca vi doente mais doente que você. Pelos deuses!, você deve estar morrendo. Se o mesmo frio que vai no seu pau tomar conta das pernas, acho melhor anunciar seu enterro o quanto antes. Não importa. Embora você tenha ofendido minha beleza com sua impotência, não posso deixar de indicar um remédio para uma pessoa em tão mau estado. Quer recuperar a potência? Abandona Giton. Três noites sem ele, e você vai estar novinho em folha. Quanto a mim, não me faltarão amantes. Que o digam meu espelho e minha fama. Pronto restabelecimento, se for possível."

Chrysis viu que eu tinha lido toda aquela carta violenta.

— Isso acontece, ela disse. Sobretudo, nesta cidade onde há feiticeiras tão poderosas que conseguem até fazer a Lua descer dos céus. O problema tem cura. Escreva uma carta para minha senhora, e recupere as boas graças dela. Você tem que fazer isso. Desde que você a ofendeu, ela está fora de si.

Não discuti. E, nas costas da sua carta, respondi a ela nestes termos:

CXXV

POLIENO A CIRCE, SAUDAÇÕES

"Confesso, senhora, que já cometi muitos erros na minha vida. Afinal, sou humano e ainda jovem. Mas até hoje nunca cometi um crime digno de pena capital. Réu confesso, estou disposto a qualquer coisa que for do vosso agrado. Cometi uma alta traição, matei um homem, violei

um templo. Podeis escolher meu suplício. Minha morte? Eis minha espada. Açoitamento com varas? Corro nu ao castigo. Só quero lembrar que quem pecou não fui eu. Foi meu membro viril. Guerreiro pronto para entrar no combate, me vi sem arma. O que provocou isso, não sei. Talvez o excesso de ansiedade foi mais rápido que o corpo. Talvez, querendo desfrutar ao mesmo tempo de tantas delícias, deixei se perder a força da volúpia. Não atino com a causa da minha importência. Vejo que me alertais para os perigos da paralisia. Poderia haver uma maior do que aquela que me privou de possuir-vos? De qualquer modo, eis minha última justificação. Que me seja permitido remediar minha falta, e prometo que não vos arrependereis. Saudações."

Despedindo Chrysis com essas desculpas, comecei a pensar seriamente nos modos de curar essa parte debilitada do meu corpo. Deixei os banhos para outro dia, e me contentei com umas fricções com ungüento. Comecei a comer alimentos mais fortes, alho, ostras cruas, e a beber pouco vinho. Caminhei um pouco antes de deitar, e fui para a cama sem Giton. Tanto era meu tesão por Circe, que eu não queria nada com o meu garoto.

CXXVI

Dia seguinte, acordei leve e disposto de corpo e de espírito, e fui para o pequeno bosque de plátanos, ainda temeroso de que ali houvesse alguma força maligna. Fiquei lá, esperando Chrysis aparecer para me levar até sua senhora.

Caminhei um pouco, e vim a sentar no mesmo lugar onde estivera o dia anterior. De repente, lá estava Chrysis, acompanhada de uma velhinha.

Ela me saudou:

— Olá, mocinho mimado, vamos dar um jeito nessa valentia?

Dizendo isso, a velha tira do seu seio uma rede formada de fios de várias cores, e a prende no meu pescoço. A seguir, cospe no pó do chão, mistura com o dedo e me faz um sinal na testa, apesar da minha repugnância.

Quem vive, não desespera.
A nós, a nós, deus Príapo, sem demora.

Após a invocação, me mandou cuspir três vezes e três vezes jogar dentro da minha roupa umas pedrinhas envolvidas em púrpura. Então, levou a mão ao meu pau para ver como estava sua força. Com isso, meu caralho cresceu e encheu a mão da velha, que recuou, espantada com seu tamanho.

A velha não cabia em si:

— Veja, Chrysis, olha só o que eu consegui. Pena que não seja para mim.

Feito isso, a velha me devolveu a Chrysis, que estava toda feliz pelo tesouro que sua senhora acabava de ganhar. Toda afobada, me levou até ela, e me deixou num jardim fechado, onde a natureza tinha concentrado tudo o que pode deleitar os olhos.

Lá onde o pinho e o plátano
Entrelaçam suas ramagens,
Lá onde o perfume das flores
E o frescor das águas
São os principais personagens,
Onde o cipreste ondula na brisa
Que leva embora o canto dos pássaros...

Circe estava molemente reclinada sobre um leito de ouro, e se abanava com uma flor de mirto. Ao me ver, corou um pouco, lembrando certamente da afronta que eu

lhe fizera. Mandou que as mulheres se retirassem. Por ordem sua, me sentei a seu lado, e ela me colocou diante dos olhos o ramo que tinha na mão. E como se a flor fosse uma cortina entre nós, ela falou, com toda a petulância:

— E hoje, paralítico? Você veio inteiro?

— Ponha a mão aqui, e sinta.

Eu me agarro com ela, e beijo-a até me fartar.

CXXVII

Aquele corpo lindo que eu abraçava já me dispunha para os ofícios de Vênus. De nossos lábios, se entrechocando, saíam os sons de beijos. Nossas mãos ávidas exploravam nossas partes mais íntimas. Nossos corpos, já unidos, iam realizar a fusão das nossas almas, quando, de novo, as forças me abandonam, meu pau amolece, e pau mole não entra. Exasperada pela raiva de se ver de novo decepcionada, Circe chama seus servos, manda que me levem e me açoitem. Não contente com isso, chama todos os seus escravos para que cuspam em cima de mim. Para me defender, eu protegia os olhos com as mãos, sem implorar perdão, sabendo que eu merecia tudo aquilo. Assim, me botaram porta afora, todo cortado de açoites e coberto de escarros. A velha Prosélenos foi expulsa da casa, e Chrysis condenada aos açoites. Os servos cochichavam procurando saber o que teria tirado o bom humor de sua senhora. Voltei para casa, o corpo moído de pancadas, parecendo uma pantera de tanto apanhar. E tentei esconder as marcas do meu castigo, para evitar as zombarias de Eumolpo ou a tristeza de Giton. Assim, fiz a única coisa que estava ao meu alcance. Simulei uma indisposição, e fui me deitar, desviando todo o fogo da minha raiva contra a única causa dos meus males.

Três vezes levei a mão à espada,
Três vezes a espada murchou como uma planta.
E agora aí está, esse pau fracassado,
A cabeça voltada para o chão,
Esse caralho que sempre me deixa na mão.

Apoiado no cotovelo, eu insultava com gosto aquele pau criminoso:

— Você aí! Tem coragem de se dizer um caralho? Pelo amor dos deuses! Tenho até vergonha de falar de você no meio de coisas sérias. Eu merecia isso, eu estar nas portas do céu e você me jogar no fundo do inferno? Não te dei do bom e do melhor em minha primavera, para você me dar uma velhice gélida e sem vida? O que é que você faz que não nos separamos agora mesmo?

Minha raiva prosseguia.

E o mísero não tira os olhos do chão,
Surdo a todas as minhas pragas,
Murcho como o salgueiro no verão.

Mal terminei minha catilinária, comecei a ficar com vergonha de brigar com aquela parte do corpo em que os homens de bem não admitem nem pensar. Esfreguei minha testa durante um tempo.

— Não estou fazendo nada de errado. É natural que eu exprima minha queixa. Não é assim que fazemos todos os dias com nosso ventre, nossa boca, nossa cabeça, quando sentimos dor? Que digo! Por acaso não está em Homero que Ulisses brigava com seu próprio coração? E os tragediógrafos não dirigem insultos aos seus olhos, como se os olhos tivessem ouvidos?

Os que sofrem da gota amaldiçoam seus pés. Os reumáticos, as mãos. Os remelentos, seus olhos. E, quando machucamos um dedo, nos vingamos nos pés, batendo-os no chão.

O que esperam de mim, vocês,
Moralistas de cenho franzido?
Onde não há graça, não há vida.
O que o povo faz, é minha matéria preferida.
Quem nunca sentiu as delícias do amor?
E dormir em cama macia, quem não aprecia?
Certo estava mestre Epicuro
Quando disse que os deuses
Viviam na luxúria.

Nada mais falso que o preconceito ignorante, nada mais ignorante que uma severidade fingida.

CXXVIII

Dito isso, chamo Giton.

— Me conte, por favor, meu querido. Aquela noite em que Ascilto te levou, você deixou que ele fizesse de tudo com você, ou foi uma noite pura e casta?

O garoto tocou seus olhos, em prova de sinceridade, e jurou que não tinha tido nada com Ascilto. Tudo que me acontecera tinha me deixado tão tonto, que eu não estava mais me entendendo, e já nem sabia direito o que estava dizendo. Para que buscar no passado mais motivos para me afligir? Enfim, a seguir, não desdenhei de nenhum recurso para recuperar minha capacidade de ereção. Quis mesmo me consagrar aos deuses.

Assim, fui até o templo do deus Príapo e me prostrei na entrada, quase já sem esperanças. Foi quando eu entoei esta prece:

Amigo das ninfas e filho de Baco,
me devolve o que é meu.

Filho querido de Vênus,
me devolve o que é meu.
Deus de Lesbos, de Thasos e da Lídia,
me devolve o que é meu.
Não peço riquezas, não quero palácios,
me devolve o que é meu.
Ouve quem te adora, deus erecto.
Ovelhas, carneiros e cabras, prometo,
me devolve o que é meu.[54]

Enquanto recito essa prece, não tiro os olhos daquela parte de mim que me atraía tantas desgraças. Nisso, entra a velha Prosélenos, os cabelos em desalinho, vestida com um horrível manto negro. Me agarrando pelo braço, me tira daquele lugar, toda tremendo.

CXXIX

— Que bruxas comeram teus nervos? — ela perguntou. — Será que você não andou pisando, alguma noite, numa encruzilhada, sobre excremento ou cadáver? Sei que nem com Giton você conseguiu ficar no ponto, mole, débil, cansado, como um velho cavalo sob a sela, perdendo tempo, suor e esforço. Como se isso não bastasse, ainda atrai sobre mim a ira dos deuses! Acha que não vou querer minha vingança?

A seguir, me leva até o quartinho da sacerdotisa, me joga na cama e me cobre de pancadas. Eu não resistia, não dizia nada. Se a vara não tivesse quebrado nos primeiros golpes, ela teria me partido os braços e a cabeça. Lancei um gemido, quando ela quis me masturbar, e comecei a

(54) Esta ladainha a Príapo é a trans-criação de um poema verboso e monótono, de idêntico teor. (N. T.)

derramar lágrimas abundantes, com a cabeça enfiada na almofada. Ela me acompanhou nas lágrimas, sentada na beira da cama, gritando que o destino era cruel prolongando a duração dos seus dias. Aos nossos brados, acorreu a sacerdotisa:

— O que é que vocês estão fazendo em meu quarto? — ela perguntou. — Estão pensando que isso aqui é um velório? Hoje é dia de festa, e quem chora, vai gargalhar.

— Oh, Enothea — a velha disse. — Este jovem que você está vendo nasceu sob uma má estrela. Ele não consegue mostrar tudo o que tem, nem a garotas nem a rapazes. Você nunca viu ninguém mais infeliz que ele. O que ele tem, não é um caralho, é couro molhado. O que é que você diria de alguém que saísse da cama de Circe sem ter conseguido ficar de pau duro?

Ouvindo isso, Enothea sentou-se entre nós dois, e ficou balançando a cabeça:

— Sou a única pessoa que sabe tratar desse tipo de mal. Não pense que estou me gabando. Deixe esse rapaz dormir uma noite comigo. Amanhã, o pau dele vai estar mais rijo do que um chifre.

Tudo que existe, me obedece.
A uma ordem minha, a terra fértil
Em areia e pedra se transforma.
Quando eu quero, o mar se acalma,
Quando eu quero a rocha verte água,
E os ventos vêm dormir a meus pés.
Quando eu quero, amanso as feras,
E a Lua desce do céu,
Ao ouvir meus cantos mágicos.
Transformo Proteu em mil monstros novos.
A uma vontade minha, o mar vira floresta
E as ondas de Netuno cobrem os campos.

CXXXV

Fiquei arrepiado com tão fabulosa exibição de poderes, sem poder tirar os olhos da sacerdotisa.

E ela:

— Agora, prepara-te para obedecer!

Ela lavou as mãos, inclinou-se sobre o leito e me beijou muitas vezes. A seguir, instala uma velha mesa no meio do altar, e a cobre com brasas. Tira da parede uma velha tigela que pendia de um prego. Conserta a tigela quebrada com piche aquecido. E recoloca no lugar o prego que tinha saído junto com a tigela. Depois, cingindo uma espécie de avental quadrado, ela coloca sobre o fogo um caldeirão, apanha com um garfo um saco que, além de feijões, continha uma cabeça de porco cheia de furos. Ela abre o saco e espalha sobre a mesa os grãos, que me manda descascar. Obedeço prontamente, mas ponho de lado os grãos mais difíceis de descascar. Mas Enothea, me repreendendo por minha preguiça, começa a descascá-los com os dentes, cuspindo-os no chão, onde ficaram parecendo moscas. É espantosa a criatividade da miséria, e muitas técnicas quem inventou foi a fome. Enothea era a própria imagem da frugalidade, e tudo nela era admiravelmente comedido. Sua morada era o próprio templo da indigência.

Ali, não brilhava o mármore caro,
Nem o marfim, nem o ouro, nem a seda.
Sua cama era um pouco de palha seca.
Do teto, pendiam flores secas
E frutas amadurecendo.
Tal era a habitação dos antigos,
daqueles que hoje a história
celebra os feitos e a glória.

CXXXVI

Descascados os feijões, Enothea começa a roer um pouco a carne da cabeça de porco. A seguir, querendo devolver a seu lugar a cabeça de porco, quebra-se a cadeira onde tinha subido. Enothea cai por cima do altar, quebra o caldeirão e o fogo se apaga. No tombo, ela queimou o cotovelo numa brasa e ficou com a cara cheia de cinzas. Preocupado, me levanto e a ajudo a se recompor, sem conseguir conter o riso. Mas temendo que a extinção do fogo anulasse a bruxaria, ela corre até uma vizinha para pedir fogo. Mal ela tinha saído, três gansos sagrados que costumavam ser alimentados por ela naquela hora vêm para cima de mim, com uma fúria que me espantou. Um me rasga a roupa, outro me ataca as sandálias e tira-lhes os cordões e o terceiro, que parecia ser o chefe, me morde a perna com seu bico de serra. Esqueço tudo, passo a mão num pé de mesa e começo minha luta com a maldita ave furibunda. Não sou de brincadeiras, e acertei uma paulada na cabeça do ganso que o prostrei morto por terra.

Assim matou Hércules
As aves de bronze do lago Stymphale,
Assim faziam os heróis de antigamente.

Os dois gansos que restaram, vendo seu chefe morto, se acalmaram e começaram a bicar os feijões espalhados pelo chão, retirando-se para dentro do templo. Eu, exultante com a minha vitória e com minha presa, atiro o ganso morto atrás da cama, e despejo vinagre no machucado da perna. A seguir, com medo da ira de Enothea, decido fugir daquele lugar. Reúno minhas roupas e começo a sair dali. Mal chego até a porta, vejo Enothea voltando e trazendo brasas num caco de pote. Disfarço, e tirando meu manto, fico na porta, na atitude de quem espera alguém com impaciência. Enothea colocou as brasas sobre grave-

tos, colocou lenha em cima e se desculpou por sua demora. Sua amiga não quis deixá-la sair, sem antes tomar uns três goles de vinho, como de costume.

— O que é que você ficou fazendo enquanto isso? Onde estão os feijões?

Eu que imaginava ter me portado como um herói, contei a ela todos os detalhes da batalha contra os gansos. E prometi comprar para ela um ganso para substituir o que eu tinha matado. Quando a velha botou os olhos no cadáver, lançou um grito tão lancinante que eu pensei que os gansos estavam atacando de novo. Confuso com aquele escândalo, me julgando inocente, perguntei por que ela tinha mais pena do ganso morto do que da ferida em minha perna.

CXXXVII

Ela bateu as mãos, furiosa:

— Facínora!, ainda se atreve a se justificar? Você nem imagina o crime que cometeu. Você acaba de matar o ganso favorito do deus Príapo, o querido de todas as matronas. Não imagine que foi um crime qualquer. Se a lei souber disso, você acaba na cruz. Você sujou com sangue minha casa, até hoje inviolada. Com isso, qualquer inimigo meu pode me denunciar e eu posso perder o direito de exercer o sacerdócio.

Isto disse, e arrancou com os dedos
Maços de cabelos brancos,
Arranhando o próprio rosto,
Enquanto de seus olhos desce o pranto,
O peito sacudido por ondas de soluços.

Que dizer? Comecei a implorar:

— Por favor, não precisa chorar dessa maneira. Em troca desse ganso morto, eu lhe dou uma avestruz.

Fiquei paralisado de espanto, enquanto a sacerdotisa, sentada na cama, chorava a morte do ganso. Nisso, a velha bruxa Prosélenos chegou, trazendo o dinheiro para as despesas do sacrifício. Ao ver o ganso morto, começou a chorar e a gritar mais alto que Enothea, dizendo que mais valia eu ter matado meu pai.

De repente, perdi a paciência:

— Senhoras — eu disse. — Não há meios de compensar com dinheiro esta desgraça que ocorreu? Aqui está, duas moedas de ouro. Acho que dá para comprar um novo ganso e contentar os deuses.

Enothea respondeu:

— Perdão, meu rapaz, desculpe esta nossa explosão. Era por você, por amor de você que chorávamos há pouco. Não se preocupe, tudo vai ficar em segredo. Quanto a você, reze aos deuses para que te perdoem.

Quem tem dinheiro, não tem problemas.
Até as ondas do mar lhe obedecem.
Se é poeta, é poeta genial.
Se filósofo, profundo como o céu azul.
Se político, é a virtude encarnada.
Quem tem dinheiro, não sofre.
O raio de Júpiter é a chave de um cofre.

Enothea já ultima os preparativos do sacrifício. Coloca entre minhas mãos uma gamela de vinho, onde mergulha alho e avelãs, me manda estender a mão e me lava os dedos com a poção, enquanto recita palavras mágicas. Conforme as partes sólidas sobem ou descem dentro do vinho, ela vai me tirando a sorte e prevendo meu destino. Eu sabia que as avelãs quebradas afundariam, as inteiras sobrenadariam. A seguir, ela extrai o fígado do ganso, e examinando-o continua a predizer as coisas que deviam me

acontecer. Enfim, para não deixar vestígios do crime, ela destrincha o ganso e começa a preparar um lauto banquete para aquele que, ainda há pouco, ela dizia ser digno da pena máxima. Logo, as duas estavam bebendo com alegria e devorando o ganso, causa de tanta confusão. Terminado o festim, Enothea, meio bêbada, olhou para mim e disse:

— Vamos agora realizar os ritos que vão devolver tua potência.

CXXXVIII

Então, Enothea traz um pênis de couro, lubrificado em óleo e salpicado com pimenta e sementes de urtiga, e começa a introduzi-lo em meu cu. A cruel velha me despejou a poção por sobre as pernas. Misturando a seguir outras ervas poderosas, unta meu membro com o preparado e começa a bater em minha barriga com uma vara verde. A dor que eu senti, nem posso descrever. Saí correndo daquele lugar, ardendo como se estivesse queimando. Perturbadas pelo vinho e pela luxúria, as velhas saem atrás de mim, berrando:

— Pega ladrão!

Consegui escapar, mas fiquei com os dedos dos pés machucados pelas pedras da rua e sangrando. Consegui chegar em casa, quase morto de exaustão, mas não pude pegar no sono. Fiquei repassando na memória todos os males e perigos que tinham caído sobre minha pobre cabeça. Cheguei à conclusão de que ninguém nunca tinha tido uma vida mais desgraçada do que a minha. E pus para fora tudo o que eu sentia:

— Ó Acaso, meu grande inimigo, era necessário se unir ao Amor para me acrescentar sofrimentos? Pobre de mim, contra quem conspiram Amor e Acaso! Mil vezes cruel me tem sido o Amor, que nunca teve pena de mim.

Amante ou amado, sempre levei a pior. Eis agora que essa tal de Chrysis me ama até a loucura, não me deixa em paz, ela que, no começo, era apenas a intermediária dos amores de sua senhora, e me desprezava porque desprezava os escravos e era de escravo que eu me trajava. Sim, essa mesma Chrysis agora jura me acompanhar a qualquer lugar, mesmo com perigo de sua própria vida. Mas meu negócio é Circe, o resto não me importa. Que existe de mais lindo que essa mulher? Qual das deusas jamais teve tamanha beleza? Beldade alguma, mesmo celeste, poderia competir com ela. Ah, se eu pudesse beijá-la, abraçá-la, quem sabe minhas forças me voltariam, livres desse malefício que reduziu meu membro a um pedaço de carne mole! Não acredito que ela esteja tão furiosa comigo. Não importa que mandou me açoitar. Seu desprezo é apenas um jogo. Ah, se eu pudesse recuperar seu afeto!

CXXXIX

Essas coisas me passavam na cabeça, com a lembrança da beleza de Circe, que eu não podia parar quieto na cama, tentando, tentando, tentando aliviar sozinho meus furores, mas em vão. Não tinha tamanho meu desespero, e me pus a amaldiçoar o espírito maligno que me perseguia. Comecei a me acalmar. E, para me consolar, procurei entre os heróis da antiguidade meus companheiros, vítimas da cólera dos deuses.

Não sou o último nem o primeiro
Dos pobres mortais que os deuses perseguem.
Antes de mim, houve muita gente boa,
Hércules, Ulisses, nós somos irmãos,
Eu, a quem Príapo abandonou.

Torturado por tais atribulações, passei em claro uma noite de cão. Giton, quando soube que eu tinha voltado para casa, entrou no quarto me acusando de todas as depravações. Disse que na casa não se falava de outra coisa a não ser do meu comportamento libertino. Que eu não fazia nada de útil, não cumpria com minhas obrigações, e isso não podia acabar bem.

Desconfiei que ele sabia de meus negócios, alguém devia estar passando a ele informações sobre meu comportamento.

Arrisquei perguntar:

— Alguém me procurou?

— Não hoje — respondeu. — Mas ontem uma mulher até bem bonita esteve aqui. Conversamos bastante, ela fez muitas perguntas, por fim, disse que você tinha merecido o castigo que recebeu. E que ia acabar recebendo a punição reservada aos escravos, se não desse um jeito em meu problema.

Essas coisas me botaram num estado de furor, amaldiçoei o Acaso pela milionésia vez, quando Chrysis entrou e me abraçou com toda a ternura:

— Aí está você, tal como eu o esperava. Meu tesão! Volúpia minha! Este meu fogo nunca vai acabar, nem que você tente apagá-lo com seu próprio sangue!

O acesso de paixão de Chrysis me deixou todo perturbado, lancei mão das frases mais doces para acalmá-la, que ela fosse embora logo. Tive medo que seus gritos chamassem a atenção de Eumolpo, que, desde que ficou rico, nos tratava como escravos. Usei de toda a minha habilidade para mitigar os ânimos de Chrysis. Menti que estava apaixonado por ela. Falei com voz terna. Enfim, fiz tudo para ela acreditar que eu morria de amores por ela. Então, contei dos perigos que corríamos se nos pegassem juntos no mesmo quarto. Eumolpo, eu disse, é um senhor rigorosíssimo, que pune as menores faltas. Então, ela partiu, tão rápido quanto Giton, que saía quando ela tinha entrado.

Mal saía, entrou um dos escravos novos da casa, para me dizer que o senhor da casa estava irritadíssimo comigo por eu ter abandonado meu serviço por dois dias, e que esperava que eu lhe desse satisfações idôneas. Você sabe, ele explicou, nosso senhor só se acalma depois de nos mandar receber umas chibatadas. Pareci tão alterado e triste, que Giton nada mais falou sobre Chrysis. Estava preocupado com a ira de Eumolpo, e me recomendou que eu fosse até ele com espírito jocoso, e não o levasse muito a sério. Concordei na hora, e fui até Eumolpo com a cara mais alegre do mundo para que não me recebesse com severidade, mas com bom humor. E assim foi. Ele me perguntou das minhas proezas amorosas. Disse que um rapaz bonito como eu nunca ia ter o mínimo problema para atrair a atenção das damas:

— Sei — ele falou — de uma senhora que está louca para te conhecer. Isso pode ser bom para nossos negócios. Faça a tua parte. O que depender de mim, eu faço.

CXL

Ainda falava, quando entra no recinto uma dama da mais alta categoria, de nome Philimene. Jovem, tinha usado seus encantos para conseguir muitas heranças. Agora, velha e fanada, introduzia seu filho e sua filha nos círculos dos velhos ricos, para fazer deles herdeiros como ela. Assim, ela tinha vindo para recomendar seus filhos à prudência e à bondade de Eumolpo, pobres filhinhos, sua única esperança! Quem a ouvisse, imaginaria que Eumolpo era o mais sábio dos mestres do mundo. Por fim, disse que deixava seus filhos na casa de Eumolpo, para que eles pudessem aprender com ele lições de sabedoria, a mais bela herança que alguém podia legar à juventude. Dito e feito. Mas ela falou, deixou no recinto uma filha lindíssima com

um rapaz bem novo, o irmão, e pediu licença para sair, dizendo que ia até o templo orar pela felicidade de Eumolpo. O velho poeta, tão ávido de prazeres que seria capaz de tentar me seduzir, como se eu fosse um rapazinho, não demorou para convidar a jovem a umas sacanagens à parte. Acontece que ele tinha espalhado na cidade que era um velho doente e açabado de dores lombares. Mostrando-se ainda válido, nosso plano corria o perigo de ir por águas abaixo. Assim, resolveu continuar fingindo. Pediu à garota que viesse por cima, e mandou Corax entrar embaixo da cama e balançá-lo para cima e para baixo. Corax obedeceu, e conseguiu imprimir ao seu senhor os movimentos de vaivém. Eumolpo subia, a garota descia, graças aos esforços do criado. Quando os amantes já se aproximavam do auge, Eumolpo gritou a Corax:

— Mais depressa! Mais depressa!

Nada podia ser mais ridículo do que aquele velho esmagado entre a garota e seu criado, como numa gangorra. A gente morria de rir com a cena, inclusive o próprio Eumolpo, que ainda quis mais uma vez. Eu, só para não perder o costume, cheguei no irmãozinho da bela, que via a irmã em ação, e perguntei se ele não estava a fim de se divertir. O garoto era escoladíssimo em sacanagem, e veio numa boa. Mas, mais uma vez, um gênio maligno fez de mim sua vítima. Mas este fracasso me doeu menos. Logo depois senti meu vigor voltar ao lugar certo, e proclamei aos quatro ventos:

— Mil vezes abençoados os deuses que me devolvem inteiro! Obrigado, Mercúrio, você que leva e traz as almas do inferno, graças por ter trazido este morto de volta à vida!

A essas palavras, levanto minha roupa e mostro a Eumolpo a ereção de que eu era capaz. Primeiro, ficou surpreso. Depois, quis sentir com as próprias mãos esse milagre dos deuses. Tamanha graça nos botou a todos em excelente humor. E rimos a valer da dona Philimene, que

nos entregava seus filhos, pensando que com isso ia abocanhar uma polpuda herança. Esses negócios sórdidos que aí faziam para granjear a herança dos velhos ricos me deixou, de repente, muito preocupado. Resolvi conversar com Eumolpo sobre o assunto. Os muito malandros às vezes caem em suas próprias armadilhas, eu alertei.

— Tudo o que fazemos deve ser regido pela prudência — eu disse. — Sócrates, na opinião dos homens e dos deuses, o mais sábio dos mortais, costumava se vangloriar de nunca ter entrado numa taberna, nem freqüentar aglomerações muito grandes. Ser esperto é não se expor, essa é que é a verdade. Não há quem corra mais perigo do que aquele que cobiça o bem alheio. Por isso, os vigaristas e os batedores de bolsas sempre nos tentam com o anzol de alguma boa falcatrua. Os animais a gente engana com a fome, os homens jogando com a esperança, eis as iscas. Os cidadãos de Crotona nos receberam regiamente. Mas não se esqueça dos navios que você lhes prometeu, que viriam da África, cheios de escravos e de ricos presentes. Os navios estão demorando. Nossos herdeiros já não nos favorecem com tanta boa vontade. Não quero ser agourento, mas estou começando a achar que nossa sorte está acabando.

CXLI

— Tenho um plano — disse Eumolpo —, que vai atrapalhar bastante os que esperam herdar a herança que não vamos deixar.

Apanhou o texto, onde tinha registrado suas últimas vontades, e acrescentou:

— Todos aqueles que benefício em meu testamento, fora meus libertos, só vão receber seu dinheiro, se, depois

de morto, me cortarem em pedaços e comerem minha carne, em praça pública, diante dos olhares de todos.

E prosseguiu:

— Não é tão espantoso assim, há muitos povos que comem seus mortos. E reclamam quando seus moribundos demoram a morrer, porque isso estraga o gosto da carne. Eles vão amaldiçoar minha alma, mas vão comer minha carne.

Eumolpo lia as primeiras linhas, quando nossos herdeiros mais próximos, vendo-o de testamento à mão, entraram na sala, pedindo que ele o lesse em voz alta. Assim ele o fez. Mas todo mundo torceu o nariz quando ele leu a cláusula que obrigava a comer do seu cadáver. Mas a fama das falsas riquezas de Eumolpo era tamanha que ninguém ousou protestar com uma exigência tão inaudita. Um deles, Górgias, disse que não se incomodava, contanto que o pagamento da herança não demorasse muito.

Eumolpo estava com a resposta pronta:

— Vejo que seu estômago tem bom gosto. Uma hora de repugnância, em troca de toda uma vida de pratos deliciosos. É fácil. Basta você imaginar que, em lugar de um pedaço de carne humana, você está comendo um milhão de sestércios. Além disso, você sabe muito bem que qualquer carne pode ser gostosa, depende do modo de preparar. Veja, por exemplo, o caso dos habitantes de Sagunto, cercada por Aníbal. Na cidade, comeu-se carne humana. O mesmo fizeram os cidadãos de Perúsia. Quando Numância foi capturada por Cipião, foram encontradas mães com os filhos no colo, comidos pela metade. Por fim, é a imaginação que torna a carne humana repugnante. Convido a todos para domar a imaginação e assim entrarem todos na posse de imensas riquezas.

Eumolpo enunciava estas exigências absurdas de modo tão desconexo que nossos candidatos a herdeiros começaram a suspeitar de tantas promessas. Logo começaram a examinar atentamente nossas palavras e nossos

atos. Logo começaram a achar que éramos vagabundos e vigaristas. Aqueles que tinham nos favorecido mais com presentes e doações eram os que mais insistiam em nossa punição. Mas Chrysis, que participava dessas maquinações todas, nos alertou sobre as intenções do povo de Crotona em relação a nós. Ouvindo isso, fiquei tão apavorado, que, na hora, dei no pé com Giton, abandonando Eumolpo ao destino cruel.

Poucos dias depois, soube que os de Crotona, indignados com a boa vida que o velho poeta levara às custas deles, o sacrificaram como o fazem os habitantes de Massília. É um costume curioso. Cada vez que grassava a peste em Massília, um de seus cidadãos mais pobres se oferecia em holocausto, sendo alimentado, por todo um ano, regiamente, às custas dos dinheiros públicos. Passado esse tempo, coroado de flores de verbena e vestido com trajes sacros, ele dava a volta por toda a cidade, recebendo insultos de toda a população, para que sobre sua cabeça caíssem todos os males que ameaçavam a cidade.

Por fim, do alto de um rochedo, o atiravam no mar.

POSFÁCIO

Latim com gosto de vinho tinto

1
AS VEIAS ABERTAS DA ROMA ANTIGA

"De C. Petrônio não há muito que dizer. Dormia o dia inteiro e dedicava a noite para seus trabalhos e prazeres. Muitos ficam famosos por seus empenhos (industria). *Ele era famoso por sua preguiça* (ignavia). *Não era considerado um homem que corre atrás do proveito, mas dos prazeres sutis* (erudito luxu). *Tudo que dizia e fazia era descontraído e sem esforço, e sua simplicidade cativava como uma gentileza. Mas soube ser enérgico quando no serviço público, primeiro como procônsul na Ásia, depois como cônsul. A seguir, retirou-se para a vida privada e seus vícios favoritos e, como tal, foi aceito no círculo mais íntimo do imperador Nero, onde reinou como um verdadeiro árbitro da elegância* (elegantiae arbiter). *Nero nada fazia sem antes consultar seu sofisticado cortesão. Isso suscitou a inveja de Tigelino, outro cortesão, que contra Petrônio arma uma intriga, envolvendo seu nome com conspiradores. Sabendo-se perdido, antes da ordem do príncipe, Petrônio decide suicidar-se, abrindo as veias do braço. Um médico grego abria-as, o sangue corria, e ele as fechava depois. Voltava a abri-las, e as fechava, assim muitas vezes.*

Enquanto isso, impávido, Petrônio não se entregava a conversas sobre a imortalidade da alma. Na realidade, fazia versos lúbricos e fúteis. E assim fazendo morreu, com a maior naturalidade. Nunca lisonjeou os poderosos, nem o próprio Nero. Ao contrário. Escreveu uma narrativa onde descreve os excessos do imperador, atribuindo-os a jovens depravados. E ao morrer enviou-lhe a narrativa."

Assim Tácito, o maior dos historiadores romanos, descreveu, em seus Anais, *a vida e o fim de Petrônio, e a gênese do* Satyricon.

2

Poucos livros têm biografia tão acidentada como este Satyricon, *o primeiro dos romances, a obra mais escandalosamente original da literatura latina.*

Oficialmente, consta como sendo o romance escrito por Caius Petronius dito Arbiter, cortesão e íntimo do imperador Nero, que este condenou ao suicídio, no ano de 65, por se achar envolvido na conspiração da família dos Pisões contra o louco imperador poeta.

Mas na ficha do Satyricon, *tudo são conjecturas e hipóteses que já produziram rios de tinta entre os sábios, do Renascimento para cá: o livro, aliás, foi um dos primeiros textos impressos; sua primeira edição, em Milão, é de 1477.*

O texto que hoje temos é, certamente, parte de um texto maior, que se perdeu nos azares da História, talvez um quinto apenas do original (fragmentos dos capítulos XV e XVI). Mesmo assim, esse texto se sustenta como uma obra inteira.

A autoria também não é segura.

Toda a argumentação sobre a autoria se baseia num célebre trecho do historiador romano Tácito, que viveu

por volta de 120 da nossa era, cinqüenta e cinco anos depois da morte de Caius Petronius.

Nele, Tácito fala do cortesão voluptuoso que, condenado ao suicídio por Nero, escreve ao morrer uma longa sátira para zombar do ridículo tirano.

Certas evidências, porém, laboram contra a identificação do Satyricon, *que temos hoje, com essa sátira do cortesão de Nero.*

Primeiro, porque não é verossímil que um homem pouco antes de morrer tenha forças para compor uma obra que, no original, deveria ter algo como duas mil páginas.

Depois, há indícios de linguagem e estilo que acusam, me parece, a presença de giros e palavras característicos de épocas posteriores ao reinado de Nero. A oralidade e o registro escrito do latim vulgar, por exemplo, o sermo humilis, *parecem ter sido introduzidos pela pregação cristã.*

Por fim, há o estranho silêncio dos escritores romanos posteriores (Marcial, Suetônio, Plínio, Juvenal, Quintiliano) sobre uma obra que deveria ter causado grande impacto na época em que surgiu.

Os primeiros escritores latinos que mencionam o Satyricon, *entre eles, São Jerônimo, já são do século III da nossa era.*

Alguns estudiosos chegaram mesmo a atribuir ao Satyricon *uma data muito mais tardia. Um erudito mais precavido atribuiu a obra a um bispo de Bolonha do século V!*

Nem sequer se sabe ao certo se o nome original da obra era mesmo Satyricon.

Em meio a todas essas brumas de dúvidas, só uma certeza permaneceu unânime. É a obra mais original da literatura latina. Aquela que traz mais fundo a marca da personalidade de um autor.

Coisas assim a gente costuma chamar, hoje, de obras-primas.

3

Não adianta. A literatura latina é pálido reflexo da grega, com a qual mantém uma relação especular, de original para espelho. Virgílio já está todo em Homero e Teócrito. Horácio é Alceu, Safo e Píndaro. Cícero é Demóstenes. Ovídio é uns alexandrinos. Tácito é Tucídides. Todo escritor romano parece algum grego.

Claro. Em literatura, é a forma que é social. É o elemento material transmissível, a concretude do processo criativo. As formas é que são o material herdável. E da literatura grega a latina recebeu todas as suas formas. Seus designs *de texto. Seus programas. Seu* soft-ware *morfológico. Suas configurações desejáveis. Suas* Gestalts *significativas.*

Nesse quadro de dependência semiótica, alguns momentos de originalidade romana: o teatrólogo Plauto, o poeta Catulo, o satírico Marcial, o elegíaco Propércio, quem sabe.

Isso tudo, porém, talvez, não tenha muita importância.

Em arte, o conceito de originalidade é muito recente, tendo surgido com a Revolução Industrial e o romantismo, que a expressa.

A maior parte do que chamamos "obras de arte" são aproximações a um modelo considerado padrão de performance: *a humanidade é clássica, um mundo romântico é indesejável, porque ingovernável.*

A felicidade do escritor romano era poder reproduzir, em latim, as proezas e feitos de algum escritor grego do passado, que ele tivesse tomado por paradigma.

Nesse sentido, a literatura romana é clássica por excelência.

Para nós, homens do século XX, esse mundo reflexo lembra o folclore, onde a tradição é tudo e a insurreição do arbitrário do talento individual é vista e tratada como tal,

um ligeiro desequilíbrio que o peso da inércia logo tratará de reconduzir aos canais competentes da boa e verdadeira forma, aceitável e reconhecível por todos.

Mas isso são complicações modernas. Os romanos não sofriam com isso.

Seu universo verbal e literário era bilíngüe, grego e latim. E era na Grécia, dominada militarmente, que os jovens romanos iam completar sua educação, como, hoje, vamos fazer o mesmo na Europa ou nos Estados Unidos.

4
ROMA ROMANCE

Pelo menos no Ocidente (a China é outra história), o romance, enquanto forma, parece ter nascido das variações retóricas escolares em torno de fatos históricos, prática habitual no ensino da oratória no mundo greco-romano.

Ironia: a história (a ficção literária) nasce da Historiografia, o discurso que pretende ser o relato/espelho fiel da História.

Nesse caso, dá pra dizer que a "mentira" nasceu da "verdade", da qual a mentira não passaria de uma versão romanceada...

Depois de Tucídides, seco, racional, "científico", a historiografia grega começa a ser influenciada pela linguagem altamente cultivada das escolas de retórica, e vai virar alguma coisa a meio caminho entre a ciência e a arte, entre a "verdade dos fatos" e as belezas da fantasia, a tal ponto que o romano Quintiliano pôde dizer que os historiadores gregos "tomavam tantas liberdades quanto os poetas".

Neste território furta-cor, nesta twilight zone, *entre a História e a história, nasceu o romance.*

A saga sobre-humana de Alexandre Magno, por

exemplo, produziu toda uma linhagem de "histórias" meio-reais, meio-fantásticas, híbridos centauros, sereias, esfinges, das quais só nos chegaram notícias.

Mas o precursor grego de Petrônio teriam sido as "Milésias", ficciones *erótico-pornográficas, ambientadas na cidade de Mileto e atribuídas a um certo Aristides de Mileto (século II a.C.).*

Quem não gosta de sacanagem? As Milésias *tiveram grande irradiação no mundo mediterrâneo, e chegaram a ser a leitura predileta dos soldados romanos. Em Roma, quase um século antes do* Satyricon, *foram traduzidas para o latim pelo historiador e orador Lucius Cornelius Sisenna, ao que tudo indica, o precursor imediato de Petrônio.*

Além das Milésias, *este texto romano parece dever a outra vertente helênica, de maior complexidade textual, a chamada "sátira menipéia", tipo de texto que alternava partes em prosa com partes em poesia, criando uma espécie de diálogo, intratextual, entre dois discursos de natureza, fins e efeitos distintos, o chamado* prosimetrum, *cuja invenção os antigos atribuíam ao filósofo Menipo de Gandara, que viveu por volta do século III a.C.*

Uma das características da menipéia era o monólogo, muito freqüente no Satyricon.

Mas nada disso afeta a originalidade e a primazia do romance de Caius Petronius: até segunda ordem, o Satyricon *é a primeira obra da literatura ocidental que podemos chamar propriamente de romance. Dele descendem todos, do* Decameron *de Bocaccio à picaresca espanhola do barroco, do romance inglês do século XVIII a Balzac, de Flaubert a Joyce.*

Há, portanto, uma espécie de justiça etimológica *no fato de o vocábulo "romance" trazer dentro de si o nome de Roma.*

Como se sabe, a palavra "romance" vem do advérbio latino medieval romanice, *isto é, "em românico", em língua vulgar, palavra cunhada na Idade Média, quando as*

narrativas de ficção eram escritas em língua vulgar, em contraste com as obras ditas sérias, escritas em latim.

Roma, romance. Nada mais justo. Foi com o Satyricon *que o homem ocidental começou a apanhar a vida através dessa forma muito singular que, só no século XIX, se transformou numa espécie de O Maior de Todos os Gêneros, a epopéia burguesa da iniciativa privada e da vida particular.*

Poucos livros tiveram tão próspera descendência.

5
BAIXO LATIM, BAIXO-VENTRE: O CÓDIGO DIONISÍACO

Parece haver algum mistério no fato de, do Satyricon, *só nos ter chegado, essencialmente, o Banquete de Trimalcião, fragmentos dos capítulos XV e XVI da obra original.*

O Satyricon, *para nós, é um texto onde, sobretudo,* se come. *E como se comia naquela Roma Imperial! Comia-se tudo, animais da terra, aves, peixes, salsichas, plantas, frutas, um apetite universal, absoluto, até o limite da fome. Bebia-se vinho em quantidades inverossímeis.*

É Roma, o imperialismo romano, devorando o mundo mediterrâneo, o trigo da Sicília e do Egito, os figos da África, o mel da Grécia, a pimenta do Oriente.

A devoração do mundo, a elefantíase do desejo e da gula.

O Satyricon *fala a linguagem do baixo-ventre, sob o signo da orgia, da bacanal, da embriaguez, de Dionísio, da confusão carnavalesca de todos os apetites.*

Este código devoratório do Satyricon *encontra sua contrapartida numa espécie de complemento excretório: o* Satyricon *é todo percorrido por alusões ao ato de cagar, vomitar e mijar. Trimalcião chega ao ponto de comentar*

suas dificuldades de evacuar diante dos seus convivas que devoram um javali.

Comer, cagar: o Satyricon *come e caga. Como todo ser vivo.*

6
MENIPÉIA, PICARESCA, CARNAVAL

Quem nunca leu Petrônio não conhece as delícias do latim, o sumo, o suco, o tutano, o perfume desse latim ágil, vivo, vulgar, malandro, espertíssimo, único.

O latim que aprendemos nas escolas (quando havia latim) era aquela coisa pesada, retórica, altamente artificial, dos chamados "grandes clássicos", Cícero, Virgílio, César, Ovídio, Horácio, Tito Lívio.

Mal conseguimos imaginar a milionária riqueza verbal da cultura greco-latina, baseada na retórica, na tradição escolar da oratória, meticulosa acumulação de saberes verbais, que começa no século V antes de Cristo e só termina com a queda do Império Romano, no século V depois de Cristo. Mil anos de repertório!

Até as vanguardas do início do século XX, pouca coisa inventamos de novo em relação à civilização greco-latina: recursos de estilo, figuras de linguagem, a distinção entre poesia e prosa, gêneros literários, formas de dizer, moldes do sentir e do pensar, esquemas mentais, tudo devemos a esses gigantes em cujos ombros estamos trepados.

Essa cultura, claro, era altamente aristocrática.

Uma aristocracia cria, naturalmente, uma linguagem aristocrática que a expresse enquanto grupo social.

No caso de Roma, do que nos chegou, pouquíssima coisa tem sabor popular, quase nada sabemos de como se falava nas ruas, nos mercados, nas tabernas, nos lupanares, nas oficinas, nas esquinas, no interior das casas. E é

desse latim que descendem o italiano, o francês, o espanhol, o português...

Traços de latim vivo, vulgo latim vulgar: o comediógrafo Plauto, o lírico Catulo, cartas de Cícero, o satírico e epigramático Marcial. E só.

Nesse quadro, Petrônio discrepa.

Nas falas dos personagens do fabuloso banquete de Trimalcião, vemos desfilar um latim vivo, direto, o raro do reles, enfim, diante de nós.

Expressões corriqueiras. Torneios familiares. Locuções proverbiais. Frases feitas. A língua viva, na boca de pessoas vivas.

Por isso mesmo, o latim de Petrônio, apesar da sua precisão, é particularmente difícil, um latim concentrado, onde cada palavra remete a uma instituição, a um hábito da época, a um gesto preciso.

Pragas. Invocações religiosas. Fórmulas mágicas. O Satyricon *é rico de raridades.*

Nenhuma obra da literatura romana que nos chegou apresenta número tão elevado daquilo que a filologia chama apax legomena, *palavras que só aparecem uma vez, nesse autor, numa dada obra.*

Em nenhuma outra obra da literatura latina, encontramos palavras como baliscus, matus, carica, embasiceuta, scordalia, mixcix, bucolesias, caldicerebrius, laecasin *e centenas de outras que se perderam no tempo, como plumas ao vento.*

O texto de Petrônio, refletindo uma cultura bilíngüe, grega e latina, está eivado de palavras e expressões gregas, que deviam ser correntes no meio em que ele vivia.

Tanto que os nomes dos personagens do Satyricon *são todos gregos, com subsentidos significativos para seu público. Ascilto, em grego, quer dizer "infatigável". Eumolpo, "canta bem". Giton quer dizer "semelhante". Encolpo dá a idéia de "passividade". Outros personagens*

se chamam "Psyche", "Hermeros", "Echion", "Agamenon", "Phileros", todos nomes helênicos, que funcionam como máscaras verbais no carnavalesco e carnavalizado romance de Petrônio.

O nome de Trimalcião (Nero?) é um composto burlesco greco-semita: tri, *"três vezes grande", e* malkion, *em semita, "rei", o imensamente ridículo três vezes rei.*

No caso de Petrônio, esse latim, salpicado de grego, estava a serviço de um talento (ou diremos gênio?) narrativo, de que mal podemos fazer idéia, dada a natureza fragmentária do Satyricon.

Seja como for, ainda não foi superada a capacidade de Petrônio em marcar o caráter, e até a profissão e a origem social, de um personagem pela linguagem que usa. O Satyricon *é uma galeria de tipos, o liberto arrivista e cúpido, o mestre de retórica, pedante e livresco, o eunuco bêbado, o ridículo* nouveau riche, *o cínico, o amoral aproveitador dos esbanjamentos de uma sociedade absurdamente desigual, um carnaval de máscaras e fantasias, uma poli-fonia.*

Acrescenta à riqueza do texto o fato de o Satyricon *conter em seu fluxo de prosa inúmeros trechos em poesia, metrificados: é o que se chama de "menipéia", uma forma mista, compósita, híbrida,* coincidentia oppositorum.

No Satyricon, *entre outras coisas, uma sátira ao ensino retórico, a prosa é plana, vulgar, popular, coloquial. Os poemas são inflados de uma retórica beirando o burlesco e o ridículo.*

Ao tradutor que quer devolver um vivo aos vivos, uma tarefa ingrata.

Entre trair Petrônio e trair os vivos, escolhi trair os dois, único modo de não trair ninguém.

A concisão extrema do latim obriga a alongar certas frases para que não se tornem incompreensíveis ao leitor atual.

Impossível entender o Satyricon *sem ter alguma noção das instituições da Roma escravagista, tão distintas das nossas.*

Gestos, hábitos, significados, tudo nos é tão estranho quanto num romance de ficção científica.

O que nos aproxima de Petrônio, e nos une, é a presença forte de uma condição humana, uma humanidade feita de grandezas e baixezas, de esplendores e misérias, coisa, aliás, que o romance vem fazendo desde que o Satyricon *nasceu, e deu o primeiro exemplo.*

P. Leminski
85